

Mariana Baldo de Gênova

AS TERRAS NOVAS DO SÍTIO:
Uma nova leitura da obra *O Picapau Amarelo* (1939)

Dissertação apresentada ao curso de Teoria Literária do Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas como requisito para a obtenção do título de Mestre em Letras na área de Teoria Literária.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Marisa Philbert Lajolo

Campinas, julho de 2006

Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca do IEL - Unicamp

G533t Gênova, Mariana Baldo de.
As terras novas do sítio: uma nova leitura da obra *O Picapau Amarelo* (1939) / Mariana Baldo de Gênova. -- Campinas, SP : [s.n.], 2006.

Orientador : Marisa Philbert Lajolo.
Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem.

1. Lobato, Monteiro, 1882-1948 - Crítica e interpretação. 2. Lobato, Monteiro, 1882-1948. *O Picapau Amarelo*. 3. Literatura infanto-juvenil brasileira - História e crítica. 4. Fantasia. 5. Realidade. I. Lajolo, Marisa. II. Universidade Estadual de Campinas. Instituto de Estudos da Linguagem. III. Título.

Título em inglês: *The Terras Novas of the farm: a new analysis of the work O Picapau Amarelo* (1939).

Palavras-chaves em inglês (Keywords): Lobato, Monteiro, 1882-1948 - Criticism and interpretation; Lobato, Monteiro, 1882-1948. *O Picapau Amarelo*; Brazilian children's literature - History and criticism; Fantasy; Reality.

Área de concentração: Literatura Brasileira.

Titulação: Mestre em Teoria e História Literária.

Banca examinadora: Profa. Dra. Marisa Philbert Lajolo (orientadora), Prof. Dr. João Luís Cardoso Tápias Ceccantini, Prof. Dr. Carlos Eduardo Ornelas Berriel.

Data da defesa: 26/07/2006.

Programa de Pós-Graduação: Teoria e História Literária.

Profº. Drº. João Luís Cardoso Tápias Ceccantini (UNESP – Assis)

Profº. Drº. Carlos Eduardo Ornelas Berriel (UNICAMP)

Orientadora Profª. Drª. Marisa Philbert Lajolo

Aos meus pais e às minhas irmãs, pelo apoio e pelo amor

Agradecimentos

Agradeço, em especial,

À Marisa Lajolo pelo acolhimento, paciência, pelo conhecimento adquirido e pelo carinho;

Ao João Luís C. T. Ceccantini, meu grande incentivador, pela amizade e pelos conselhos;

Ao professor Carlos Eduardo O. Berriel pelas sugestões no exame de qualificação;

Ao Grupo do projeto “Monteiro Lobato [1882 – 1948] e outros Modernismos Brasileiros” pelas conversas esclarecedoras e pelas risadas de cada encontro;

Às agências de fomento CNPq e Fapesp pelo financiamento desta pesquisa;

Ao CEDAE – Centro de Documentação Alexandre Eulálio e à Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro por disponibilizar documentos importantes para a pesquisa;

À Jaqueline, grande companheira, pela amizade, pelas inúmeras leituras feitas do trabalho, e principalmente pelas conversas na rodoviária.

“O sentido de uma obra não é o que o escritor tinha em mente em algum momento, tampouco é simplesmente uma propriedade do texto ou a experiência de um leitor. O sentido é uma noção inescapável porque não é algo simples ou simplesmente determinado. É simultaneamente uma experiência de um sujeito e uma propriedade de um texto .”

(Jonathan Culler¹)

¹ CULLER, Jonathan. *Teoria Literária: uma introdução*. Tradução Sandra Vasconcelos, São Paulo: Beca Produções Culturais Ltda, 1999.

RESUMO

Este trabalho é uma leitura da obra *O Picapau Amarelo* (1939), de Monteiro Lobato, baseada na mudança de personagens estrangeiros para o sítio de Dona Benta. Enquanto muitos estudos caracterizam *O Picapau Amarelo* como exemplo de narrativa baseada na fantasia, essa dissertação pretende apontar para a presença, na obra, de crítica social e da visão pessimista do autor diante da sociedade moderna e urbanizada.

Este trabalho também insere *O Picapau Amarelo* em uma linha que inclui obras em que é possível reconhecer as diferentes opiniões de Lobato acerca da modernidade. Nesse sentido, sugere-se que as idéias de Lobato se apresentam em “fases” - de afirmação, dúvida e negação do progresso – que talvez se relacionem à vida (sucessos e fracassos) e a atividades de Lobato, acrescidas da situação social e econômica do país.

ABSTRACT

This thesis is an analysis of the work *O Picapau Amarelo* (1939), of Monteiro Lobato, based on the moving of the foreign characters to Dona Benta's farm. While many scholars characterize *O Picapau Amarelo* as a narrative example based on the fantasy, this study intends to point out the presence, in the work, of social criticism and the author's pessimistic view related to the modern and urbanized society.

This thesis also inserts *O Picapau Amarelo* in a line that includes works in which is possible to recognize the different conceptions of Lobato concerning the modernity. This way it is suggested that the ideas of Lobato are shown in "phases" – of statement, doubt and denial of the progress – that maybe are associated with Lobato's life (success and failures) and activities, added to the social and economical situation of the country.

SUMÁRIO

| | |
|--|------------|
| INTRODUÇÃO..... | 09 |
| 1. O PICAPAU AMARELO..... | 12 |
| 1.1. Narrativa “exceção” da década de 30?..... | 13 |
| 1.2. O Real e o Fantástico..... | 22 |
| 1.3. Mapa do Mundo da Fantasia..... | 38 |
| 2. LEITURAS DO SÍTIO DO PICAPAU AMARELO..... | 43 |
| 2.1. O espaço do sítio..... | 44 |
| 2.2. O Sítio do Picapau Amarelo – Brasil..... | 51 |
| 2.3. A República de Dona Benta: o sítio de Dona Benta e a república de Platão..... | 60 |
| 2.4 O Sítio é utópico?..... | 70 |
| 3. MUDANÇA NO PICAPAU AMARELO..... | 78 |
| 3.1. Territorialização do sítio..... | 79 |
| 3.2. Urbanização do sítio - Visão do Progresso..... | 84 |
| CONSIDERAÇÕES FINAIS..... | 95 |
| ANEXO..... | 98 |
| 4. BIBLIOGRAFIA..... | 102 |

INTRODUÇÃO

Este trabalho discute um aspecto da obra *O Pica-pau Amarelo* (1939) apontado pelos críticos e estudiosos de Monteiro Lobato: que ela destoa de obras infantis de Lobato da mesma década, já que estas abordam temas relacionados à crítica social, econômica e política do Brasil. A partir da análise da obra, sugerem-se leituras e interpretações que não se limitam a aspectos superficiais da narrativa, apresentando um novo olhar diante desta obra publicada em 1939.

O trabalho se divide em três grandes temas: a discussão sobre a opinião da crítica quando se refere à obra *O Pica-pau Amarelo*; leituras, que envolvem análise e interpretação, da obra estudada que revelam semelhança com os livros da década de 30 e a visão de Lobato presente nesta narrativa.

No capítulo 1 da dissertação, “*O Pica-pau Amarelo*”, pretende-se focar a obra objeto de estudo de modo a apresentar uma característica marcante das obras infantis de Monteiro Lobato – a mescla da fantasia com a realidade, cuja presença na obra *O Pica-pau Amarelo* sugere leituras e permite atribuir à narrativa significados.

A pergunta que intitula o item 1.1. “Narrativa ‘exceção’ da década de 30?” trata primeiramente das incursões de Monteiro Lobato na vida política e social de seu país na década de 30, envolvimento que influenciou de forma explícita sua produção literária infantil. Algumas obras como *História do Mundo para crianças* (1933), *Emília no País da Gramática* (1934) e *O Poço do Visconde* (1937) apresentam de forma clara a intenção do escritor em propor aos seus leitores mirins que reflitam sobre assuntos polêmicos relacionados à religião, educação, economia e política. Já em *O Pica-pau Amarelo*, de 1939, essa intenção parece estar implícita na narrativa, apesar disso, a denominação “exceção” pode ser mantida. Pode-se dizer que a diferenciação da obra em relação às da década de 30 se dá pela maneira mais elaborada de construção da narrativa: de não deixar transparecer as representações e significados do sítio – que também revelam críticas e denúncias. Isto é conseguido através da fantasia, elemento que permite não tornar patente o que, em uma leitura cuidadosa, pode-se revelar.

Detendo-se na característica marcante das narrativas infantis lobatianas, no item 1.2. “O Real e o Fantástico” aborda-se como a mescla desses elementos está mais uniforme em

O Picapau Amarelo, o que talvez, dificulte, no ato da leitura, direcionar o olhar para o engajamento de Lobato ao tratar questões da sociedade brasileira nesta obra.

Ainda sobre a fantasia e a realidade, o último item do capítulo, “Mapa do Mundo da Fantasia”, analisa-se uma imagem reproduzida na guarda da Série Infantil das Obras Completas que se relaciona com o tema estudado. É interessante observar como uma figura, em princípio ilustrativa no livro, pode revelar leituras instigantes², sobretudo quando ela é coerente com o conteúdo textual da obra, complementando-a. Com isso, pode-se avançar e criar hipóteses novas para o trabalho.

O segundo capítulo da dissertação “Leituras do Sítio do Picapau Amarelo” dialoga, particularmente com o item 1.2./capítulo 1, pois se naquele momento foi objetivo mostrar *O Picapau Amarelo* enquanto obra construída com base no predomínio da fantasia, neste capítulo apresentam-se leituras da narrativa que apontam para presença de questões relativas à sociedade brasileira.

No item 2.1. intitulado “O espaço do sítio” o texto é introdutório e pretende destacar a importância deste espaço para a consolidação da obra infantil lobatiana. Também trata da conotação conferida ao cenário rural – o sítio que, constante nos livros da época, tem caráter diferenciado, pela conotação que o sítio do Picapau Amarelo, desde sua criação, foi incorporando. A fim de apresentar hipóteses que poderiam apontar para o uso do ambiente rural nas obras de Lobato tem-se a relação do autor com o campo – quando criança viveu na fazenda e foi fazendeiro; com o seu público – que sentia nostalgia do campo; com a sociedade brasileira.

No item 2.2. – “O Sítio do Picapau Amarelo – Brasil”, toma-se por base a idéia desenvolvida por Regina Zilberman e Marisa Lajolo, que apresenta uma leitura do sítio do Picapau Amarelo enquanto espaço que diz muito sobre a realidade brasileira. Desta forma, o texto parte dessa idéia para empregá-la, em particular, na leitura da obra *O Picapau Amarelo* que, neste item, procura-se desenvolver um paralelo entre episódios da narrativa e fatos da sociedade brasileira na década de 30.

No próximo item, “A República de Dona Benta: o sítio de Dona Benta e a República de Platão” o sentido atribuído ao sítio ultrapassa as fronteiras brasileiras. A

² Luís Camargo, em sua tese de doutorado, faz um estudo do livro *O prato azul-pombinho*, de Cora Coralina, com desenhos de Angela Lago, a partir de categorias relacionadas à mescla do visual e verbal.

narrativa de *O Picapau Amarelo* pode representar um mundo social e as relações entre indivíduos nele existentes. Parte-se do trabalho de André Luís Vieira de Campos “A República do Picapau Amarelo”, onde o pesquisador defende que a literatura pode testemunhar a sociedade e como isso pode ser observado nas obras de Monteiro Lobato, sobretudo no espaço do Picapau Amarelo. A propriedade de Dona Benta representaria um mundo ideal, segundo os sonhos do autor para o Brasil. A partir disso aproxima-se o sítio de Dona Benta com a república de Platão, no sentido de observar como a construção da narrativa de *O Picapau Amarelo* inclui os princípios pregados por Platão em sua obra.

Aproximando o sítio criado por Lobato da república idealizada por Platão o item 2.4. “O sítio é utópico?” trata do gênero utópico e suas características de modo a esclarecer possíveis equívocos em relação à caracterização do espaço e modo de vida do Picapau Amarelo.

O capítulo 3 “Mudança no Picapau Amarelo” refere-se à vinda de personagens estrangeiros no sítio de Dona Benta, fato responsável pela abertura da narrativa e pela mudança/transformação ocorrida no local, devido a construções e à urbanização. Desenvolve-se também, como esta mudança pode, talvez, revelar a visão de Lobato diante do progresso, representado pela transformação do sítio.

Em 3.1. “Territorialização do sítio” há um enfoque para o território em si do Picapau. Aborda-se o processo de mudança ocorrido na propriedade de Dona Benta depois da chegada dos novos habitantes - desde a aquisição de novas terras até a urbanização documentada no sítio.

No item seguinte “Urbanização do sítio – Visão do Progresso” pretende-se apresentar uma conclusão, no sentido de relacionar as representações conferidas ao Sítio na obra *O Picapau Amarelo* com a visão de Monteiro Lobato sobre a sociedade brasileira ou mesmo a sociedade em geral.

A partir disso tem-se um panorama geral do que a obra objeto de estudo pode representar, permitindo uma leitura que, neste caso, complementa/contraria a leitura feita por críticos e estudiosos de Monteiro Lobato, sobretudo quando analisada em relação às narrativas de Lobato da década de 30.

CAPÍTULO 1

O PICAPAU AMARELO

“O Mundo das Maravilhas é velhíssimo. Começou a existir quando nasceu a primeira criança e há de existir enquanto houver um velho sobre a terra.”³
(Monteiro Lobato)

³ LOBATO, Monteiro. *Reinações de Narizinho*, p. 132.

1.1. Narrativa “exceção” da década de 30?

Monteiro Lobato produziu vasta obra, constituída por literatura destinada a adultos e literatura destinada a crianças, sendo esta última responsável pela consagração do escritor. Mas, escrever livros infantis não foi a única atividade que promoveu seu reconhecimento nacional. Outra, tão importante quanto a produção literária, foi seu envolvimento em causas políticas que, segundo ele, seriam os possíveis motivos do atraso econômico do país.

A atuação de Monteiro Lobato em questões políticas e econômicas, como a oposição ao Estado Novo e as campanhas pelo petróleo, mostrava de forma clara seu espírito empreendedor, dinâmico e decidido, características que também estavam presentes em suas obras ficcionais “adultas” e infantis. Como veremos adiante, estudiosos de sua obra, não só lembram de sua atuação – no campo político e literário – como também consideram, na obra e na vida do escritor, política e literatura como pólos intimamente ligados.

Sua preocupação em *modernizar* o Brasil, por exemplo, envolve questões complexas. O tema, à primeira vista, parece destoar de sua atividade literária voltada para crianças, já que não faz parte do universo infantil. Mas Lobato conhecia formas de lidar com o seu público-mirim: mesclando realidade e fantasia, tematiza, nas obras para crianças, seus pensamentos, ideais, causas e inconformismo.

Ainda em relação à “modernização” do Brasil, a estada de Lobato nos Estados Unidos, de 1927 a 1931, parece ter sido fundamental para explicar suas posições: o fascínio por um país industrialmente desenvolvido forneceu-lhe modelos para tentar solucionar os problemas que assolavam o Brasil.

Mas por que esta fúria pelo petróleo? Ambição? Loucura? Monomania?. Nada disso. Apenas dó da minha terra. Um dó que nasceu em consequência duns anos que passei nos Estados Unidos.⁴

Sua experiência norte-americana parece tê-lo convencido de que uma das causas do subdesenvolvimento do Brasil era a não extração de petróleo e minério de ferro, produtos encontrados em abundância no território brasileiro.

⁴ LOBATO, Monteiro. *Conferências, Artigos e Crônicas*, p. 18.

No dia em que o Brasil se convencer de que a sua fraqueza decorre da falta de eficiência do homem que o habita, e ponderar que o crescimento dessa eficiência só pode vir com a produção do ferro (matéria prima da máquina) e do petróleo (a fonte de energia mecânica que move a máquina), o PRIMEIRO PASSO para a sua definitiva restauração econômica e financeira estará dado.⁵

No caso particular do petróleo e do ferro, a luta de Lobato por tornar o país semelhante às nações desenvolvidas foi intensa e longa. Ele fez conferências sobre o assunto, escreveu artigos, tentou sensibilizar autoridades e publicou o livro *O Escândalo do Petróleo* (1936) e *Ferro* (1931), que registra seu percurso na campanha pró-minério. Porém, como registram todos os pesquisadores de sua obra, todos os esforços, por si sós, não foram suficientes para alcançar seu objetivo.

Mas o sonho seria abruptamente abalado pela nova conjuntura política. A ditadura amordaça a imprensa e Lobato, com a pena condenada ao silêncio, não vê outra alternativa senão retomar o velho hábito de escrever a governantes, teimando em exercer a cidadania na contracorrente de um regime totalitário.⁶

Ao mesmo tempo em que o *militante* Lobato lutava por causas que objetivavam o desenvolvimento do Brasil, o *escritor* apostava nos textos infantis como meio para formar crianças críticas, independentes e conscientes de seu papel em sociedade. Assim, o autor de *Urupês* abordou nos seus livros infantis assuntos como: a burocracia estatal (*Caçadas de Pedrinho*, 1933), a ineficiência da instituição escolar (*Emília no País da Gramática*, 1934), advogando o rompimento com padrões e normas inculcados pela escola e pela religião católica (*A Chave do Tamanho*, 1942).

Para Zinda Maria Carvalho de Vasconcellos⁷, retomando Edgar Cavalheiro e Nelly Novaes Coelho, o texto infantil de Monteiro Lobato expressa para mais de uma geração de

⁵ LOBATO, Monteiro. *Escândalo do Petróleo*, p. 30.

⁶ AZEVEDO, Carmen Lucia et alii. *Monteiro Lobato: furacão na Botocúndia*, p. 157.

⁷ VASCONCELLOS, Zinda Maria Carvalho de. *O universo ideológico da obra infantil de Monteiro Lobato*. São Paulo: Traço, 1982.

leitores os problemas nacionais e suas possíveis soluções. Para a pesquisadora, trata-se de uma obra engajada, principalmente os livros publicados depois de 1934, já que até 1933 os livros trazem elementos mais lúdicos e menos didáticos.

Trata-se de uma obra confessadamente engajada. Foi escrita principalmente nos últimos anos de vida do escritor (mesmo os livros anteriores foram refundidos então), a partir de 1931 – exatamente o ano em que Lobato começou sua grande luta pelo petróleo. Os livros até 1933 – ano da publicação da *História do Mundo para as Crianças* – são geralmente reconhecidos como os mais lúdicos, menos didáticos ou engajados. De 1934 é *O Poço do Visconde*, verdadeiro panfleto literário pela causa do petróleo.⁸

Desta forma, para estes pesquisadores, Lobato influenciou na formação dos pequenos leitores através de textos de boa qualidade literária, equilibrando realidade e fantasia, de forma a amenizar os temas econômicos, políticos e polêmicos, através do elemento mágico. Segundo Cilza Bignotto:

O maravilhoso torna-se, a cada livro, mais presente na realidade do *Sítio*; e o petróleo, os deuses gregos, as regras da gramática, as personagens dos desenhos animados, a política, as brincadeiras no pomar, a cuca e os sacis, a bomba atômica, os problemas brasileiros, o anjinho da asa quebrada, as aventuras de Hans Staden, a religião, as notícias dos jornais, a conversa das formigas, o pó de pirlimpimpim, tudo existe e co-existe no mesmo espaço, que está sempre mudando – tal qual acontece no interior das mentes infantis.⁹

Apesar de praticamente todos os críticos caracterizarem a obra infantil lobatiana como obra penetrada pelo maravilhoso e pelo mágico, alguns apontam a década de 30, depois que Lobato volta dos Estados Unidos, como a época em que ele está mais envolvido em causas políticas e econômicas como o petróleo, o ferro, a modernização do Brasil.

⁸ Ibidem, p. 19

⁹ BIGNOTTO, Cilza Carla. *Personagens infantis da obra para crianças e da obra para adultos de Monteiro Lobato: convergência e divergência*. Tese de Mestrado em Teoria Literária, defendida no Instituto de Estudos da Linguagem (IEL) da Unicamp, em 1999, p. 153.

Segundo Nelly Novaes Coelho, por exemplo, estas questões acabam por influenciar sua produção:

Em sua obra infantil (a partir do momento em que Lobato se torna consciente do que poderia construir ali) vai predominar esta última crença [da defesa incondicional do homem de iniciativa, cuja inteligência, vontade de realização e poder de trabalho abriram para o mundo a nova era do progresso tecnicista e financeiro], avivada por seu novo avatar: o homem de iniciativa, o ser de execução que os Estados Unidos exportavam como modelo para o mundo.(...)

Também não teria sido por acaso que justamente durante sua estada no Estados Unidos, Monteiro Lobato tenha pensado em uniformizar as aventuras de suas personagens infantis, num todo harmônico. Dá-se conta do que ali poderia realizar.¹⁰

Também para André Campos, foi o Lobato dos anos 30 que incorporou questões sócio-políticas em suas obras:

(...) chama a atenção o papel político de sua literatura infantil que, vista desse ângulo, deixa de ser “apenas um entretenimento para crianças”, tornando-se uma estratégia para a formação dos futuros cidadãos, encarregados de construir a democracia liberal que Lobato sonhou.”

É nessas observações que encontramos a gênese de seu projeto de construir uma literatura para crianças como parte da tarefa de formar uma nova mentalidade nacional. Essa intenção, esboçada em 1921/1922 nos seus primeiros livros infantis, encontram-na plenamente desenvolvida entre 1931 e 1943, período em que escreveu definitivamente sua obra para crianças.¹¹

Assim, as obras publicadas na década de 30, como *As Caçadas de Pedrinho* (1933), *Geografia de Dona Benta* (1936) ou *O Poço do Visconde* (1937) seriam as que melhor manifestam o engajamento lobatiano.

¹⁰ COELHO, Nelly Novaes. *Panorama Histórico da Literatura Infantil/Juvenil: Das Origens Indo-Européias ao Brasil Contemporâneo*, p. 192.

¹¹ CAMPOS, André Luiz Vieira de. *A República do Picapau Amarelo*, p. XVI e p. 26.

Para André Campos, a história infantil que melhor satirizou a burocracia foi *Caçadas de Pedrinho* (1933)¹², mais especificamente na segunda parte da narrativa, momento em que o governo resolve criar o “Departamento Nacional de Caça ao Rinoceronte”, símbolo da ineficiência, do parasitismo e da inutilidade.

Em *Geografia de Dona Benta* (1936), Lobato propõe uma aula de geografia, transformando o sítio em escola, Dona Benta em professora e Emília, Visconde, Pedrinho e Narizinho em alunos atentos e participativos. Deste modo, o escritor denuncia a instituição escolar como ultrapassada, e oferece o modelo de um ensino diferenciado e eficaz, com efeitos positivos percebidos pelas próprias crianças, que declaram aprender mais facilmente pelo modo de Dona Benta.

Já em *O Poço do Visconde* (1937)¹³, Monteiro Lobato transfere seu projeto de política de minérios para páginas destinadas às crianças. Na obra, os personagens, e conseqüentemente os leitores, aprendem geologia e se empenham em extrair petróleo do subsolo das terras de Dona Benta; e eles o conseguem, por meio das medidas preconizadas por Lobato. Assim, o petróleo jorra e traz riqueza e estabilidade econômica para o Sítio do Picapau Amarelo e para Dona Benta, a proprietária – como Monteiro Lobato acreditava que poderia acontecer para o Brasil.

Estas obras permitem que a crítica afirme que “...aos poucos as histórias do sítio vão incorporando preocupações didáticas, vão se transformando em pretexto para aulas disto ou daquilo...”¹⁴ Essa preocupação com que as crianças aprendam de uma maneira divertida não é abandonada por Lobato, que declara intenção, registrada em cartas ao amigo Rangel, de escrever alguns livros infantis, entre eles, a história da América Latina narrada pelo Vulcão Aconcágua, o que não se consumou.

¹² A dissertação de mestrado em desenvolvimento de Jaqueline Negrini Rocha estabelece e estuda as alterações apresentadas em diferentes edições de *Caçadas de Pedrinho*. Ao discutir os efeitos de sentido produzidos devido às alterações do texto o trabalho propõe diálogo entre temas presentes na narrativa, como engajamento político e burocracia estatal.

¹³ A dissertação de mestrado em desenvolvimento de Kátia Nelsina Chiaradia se baseia na correspondência inédita de Lobato e o suíço Charles Frankie, engenheiro do petróleo. O trabalho pretende analisar o resultado do envolvimento de Lobato em questões petrolíferas na e para a literatura a partir de três gêneros diferentes: a carta (correspondência entre Lobato e Frankie), a ficção (*O Poço do Visconde*) e a prosa de crítica sócio-política (*O Escândalo do Petróleo*).

¹⁴ ROCHA, Ruth. *Monteiro Lobato*, p. 104.

[Emília] Quer ouvir a história da América, sabe da boca de quem? Do Aconcágua, Rangel! E isso, diz ela, porque só um Aconcágua pode ter a necessária isenção de ânimo para contar a coisa como realmente foi, sem falseações patrióticas, nacionalistas, raciais, ou *humanas*...

E como é assim, tenho, num próximo livro, de levá-la ao topo do Aconcágua para que o pobre vulcão extinto lhe satisfaça o desejo.¹⁵

Mas, apesar dessa preocupação militante e engajada do escritor manifestar-se ostensivamente em sua produção literária da década de 30, *O Picapau Amarelo*, lançado em 39, não apresenta, de forma direta, o contexto social da época, não manifestando, portanto, à primeira vista como outras obras da mesma década, críticas à escola e ensinamentos relativos às possíveis causas do atraso econômico do Brasil.

...parece sugerir que o recorte didático não foi abandonado nunca, muito embora entre os anos 30 (...) ele tenha escrito obras primas como *O Picapau Amarelo* e *Memórias da Emília*, isentas de didatismo e estruturadas sobre a mais vigorosa fantasia.¹⁶

Segundo José Roberto Penteado¹⁷, de acordo com a natureza de seu conteúdo textual, as obras de Monteiro Lobato têm sido classificadas pelos estudiosos em três grupos: 1 – das histórias de fantasia, 2 – das histórias com intenção didática e 3 – das histórias “recontadas”. Particularmente, o autor divide as obras infantis de Monteiro Lobato em três fases criativas: na primeira, o escritor escreve livros para crianças sem compromisso muito maior do que entretê-las, tentando “educá-las” sobre temas simples de inter-relação social; na segunda, quando o autor retorna dos Estados Unidos, Lobato “organiza” a obra anterior e dá seqüência à narrativa, porém, agora, produzindo, além da continuação do relato fantástico, uma série de livros de conteúdo didático, alguns traduzidos de obras que certamente conheceu e adquiriu durante sua estada em Nova

¹⁵ LOBATO, Monteiro. *A Barca de Gleyre*, p. 342.

¹⁶ LAJOLO, Marisa. *Monteiro Lobato: A modernidade do contra*, p. 52.

¹⁷ PENTEADO, José Roberto Whitaker. *Os filhos de Lobato: O imaginário infantil na ideologia do adulto*.

Iorque; na terceira fase, Monteiro Lobato retorna para a fantasia e é nesta fase que Penteado encontra a produção de obras da maturidade do artista.

É nesta última fase que o autor insere *O Picapau Amarelo* e afirma que “*a partir de 1936/37, contudo, Lobato concentra-se no que se denomina de obra de fantasia, que não tem finalidades didáticas formais ou explícitas, nem se trata de obras recontadas de terceiros.*”¹⁸

Assim, Penteado classifica *O Picapau Amarelo* como obra de fantasia, porém, não exclui a possibilidade de a narrativa apresentar interesse em ensinar, discutir ou criticar valores religiosos, sociais ou políticos.

O que se pretende, no presente trabalho, é exatamente discutir a “excepcionalidade” deste livro na obra lobatiana. E para isso, iniciaremos por uma breve retomada do enredo do livro, bem como dos recursos por ele agendados.

A narrativa de *O Picapau Amarelo* se inicia com a chegada da carta do Pequeno Polegar comunicando que o pessoal do Mundo da Fábula estava disposto a se mudar para o sítio. Para acomodar os novos habitantes, Dona Benta compra duas fazendas vizinhas, a do Taquaral e a do Cupim Redondo, e a primeira nova construção feita no sítio é uma cerca, dividindo as terras do Picapau Amarelo das novas terras adquiridas, chamadas de Terras Novas. A primeira seria habitada pelos picapaus, enquanto a segunda abrigaria todos os personagens fabulosos.

Os novos habitantes chegam em fila. Entre eles, personagens das mais variadas literaturas, origens, culturas: Pequeno Polegar, Príncipe Codadade, Capinha Vermelha, Peter Pan, monstros, Branca de Neve, deuses e heróis gregos, Dom Quixote, entre outros.¹⁹ A mudança no sítio se inicia: constroem-se castelos, jardins, casas, bosques e mesmo tenta-se acomodar parte do Mar dos Piratas. Assim, o Picapau Amarelo se transforma.

Com a nova geografia e o novo cotidiano do sítio é possível conhecer a relação entre todos os personagens, amizades, desentendimentos e mesmo acompanhar a mudança de alguns habitantes que alteraram seu modo de vida ao estarem em um novo ambiente.

¹⁸ Ibidem, p. 179.

¹⁹ Ver anexo “personagens citados na obra, que vieram morar no sítio”.

Dentre as inúmeras mudanças ocorridas no sítio, uma se configura em tragédia. Durante a transposição de parte do mar ocorre um desmoronamento de um morro e a água do Mar dos Piratas alcança o castelo de Branca de Neve. A princesa, juntamente com todo o seu tesouro e seus anões, fica presa no alto da torre do castelo e seu salvamento é feito por Pégaso. Os outros esperam por resgate, que vem após o plano de usar o navio do Capitão Gancho, o “Hiena dos Mares”. O plano consistiu em convidar Gancho para um chá na casa de Dona Benta, para distraí-lo, vestir Sancho Pança de Capitão Gancho, para ordenar que os piratas buscassem os anões e o tesouro de Branca de Neve.

Entretanto, os piratas decidem depor Gancho, roubar o tesouro e seguirem rumo ao castelo de Codadade, a fim de conquistar território. Emília, que via o que estava acontecendo pelo binóculo, manda o Visconde avisar o príncipe das Mil e Uma Noites da invasão e pedir para que ele suspenda a ponte elevadiça, o visconde ainda sugere barris de vinho para embriagar os piratas.

O plano dá certo, o príncipe toma posse do “Hiena dos Mares” e transforma-o em “O Beija-flor das Ondas”. Após o salvamento de todos, Visconde pergunta sobre o marido de Branca de Neve e chega à conclusão de que ele teria morrido.

Diante da viuvez da princesa, Emília resolve fazer com que Branca de Neve e o príncipe Codadade se apaixonem. Como os dois, ao se encontrarem, não demonstraram nenhum tipo de interesse um pelo outro, a boneca empresta o arco do deus do amor, o Cupido, e flecha o casal que, então, se apaixona.

Durante os preparativos do casamento, o Pequeno Polegar avisa Dona Benta que o Capitão Gancho, tomado de ódio pelo roubo de seu navio, se aliou a outros malfeitores a fim de atacar o sítio. Apesar da notícia e da preocupação de Dona Benta, o pessoal decide ficar para a festa do casamento, a primeira realizada nas Terras Novas e a maior do mundo.

A história teria um final feliz típico de Contos de Fada, não fosse a revolta dos monstros que, por não terem sido convidados, invadem a festa e dão início a uma grande confusão.

Quando chegam de volta ao sítio, Dona Benta e seus netos percebem que, na correria da festa de casamento e da partida para o Picapau Amarelo, tia Nastácia não embarcou no “Beija-flor das Ondas” e o desfecho da narrativa é a proposta de Pedrinho de

organizar uma expedição de salvamento da querida cozinheira do sítio. Aceita a proposta, o livro se encerra.

1.2. O Real e o Fantástico

Fantasia é a base da construção de inúmeras aventuras vividas tanto pelos personagens lobatianos quanto pelos fabulosos. Assim como Branca de Neve ressuscita a partir do beijo do príncipe encantado ou o caçador resgata chapeuzinho vermelho e sua avó, vivas, da barriga do lobo, Narizinho não se afoga no Reino das Águas Claras, e o pó-de-pirlimpimpim transporta seus usuários através do tempo e do espaço.

A fantasia, no entanto, apresenta-se na obra de Monteiro Lobato articulada a um forte substrato histórico. Segundo Nelly Novaes Coelho:

Com a mistura do imaginário com a realidade concreta, ele mostra, no mundo prosaico do cotidiano, a possibilidade de ali acontecerem aventuras maravilhosas que, em geral, só eram possíveis nos contos de fadas ou no mundo da fábula...e mesmo assim, vividas por seres extraordinários.²⁰

A mesma pesquisadora especifica mais seu comentário, ao apontar que a verdadeira fusão do real com o maravilhoso não ocorreu logo na primeira versão de *A menina do narizinho arrebitado* (1921)²¹, onde os dois elementos, apesar de estarem presentes na obra, constituíam mundos perfeitamente delimitados, cada um com características próprias e natureza específica. Para ela, é só pouco a pouco que Lobato passa a incorporar a seus livros a psicologia infantil, que não diferencia o real e o maravilhoso, enfraquecendo-se assim, a cada narrativa, os limites entre estes dois mundos, até desaparecerem completamente.

Em 1931, o escritor reúne várias aventuras dos personagens do sítio, originalmente publicados em volumes separados e publica *Reinações de Narizinho*. Nesta obra, segundo Novaes, há total fusão real/maravilhoso. Mas apesar disso, nesta obra, o mundo da

²⁰ COELHO, Nelly Novaes. *A Literatura Infantil: história, teoria, análise: das origens orientais ao Brasil de hoje*, p. 359.

²¹ Caroline Elizabeth Brero em sua dissertação, pesquisando artigos, ensaios e referências dedicadas às obras *A menina do narizinho arrebitado* e *Narizinho arrebitado* esclarece que *A menina do narizinho arrebitado* foi publicada em 1920 e *Narizinho arrebitado* em 1921, apontando a imprecisão das informações de Nelly Novaes Coelho. (ver p. 58 e 59 da dissertação de Brero).

imaginação e o mundo real ainda parecem estar separados, pois o trânsito pelo mundo da fantasia é privilégio das crianças, enquanto os adultos são confinados ao mundo histórico.

A cena em que Narizinho, em aventura pelo Reino da Águas Claras, resolve não levar uma garrafa de leite de baleia para tia Nastácia e Dona Benta, por achar que elas não acreditariam no “achado”, reforça a diferença entre os mundos “habitados” pelas crianças e pelos adultos.

Em certo ponto Narizinho encontrou uma baleia dando de mamar a várias baleinhas novas. Teve a idéia de levar para o sítio uma garrafa de leite de baleia, só para ver a cara de espanto que Dona Benta e tia Nastácia fariam. Mas logo desistiu, pensando: “Não vale a pena. Elas não acreditam mesmo...”²²

A menina fica entusiasmada com tudo o que vê no passeio pelo Reino do Príncipe Escamado, sentindo alegria em poder mostrar para a avó e sua cozinheira, representantes dos adultos, o quanto é real o que vivenciam na fantasia. Entretanto, Narizinho percebe que trazer uma prova do que viu em sua aventura seria inútil, pois as duas não iriam acreditar em nada.

É em *O Picapau Amarelo* – publicado oito anos depois de *Reinações de Narizinho* – que o mundo da fantasia não é exclusivamente infantil, como é em *Reinações de Narizinho*. Nele, Dona Benta e tia Nastácia aceitam os elementos e fatos “improváveis” no mundo real, de modo a conviverem com eles de forma natural. Índícios da naturalidade com que é tratada a fantasia nesta obra transparecem, por exemplo, na curiosa explicação da imortalidade de alguns personagens que morreram ou foram destruídos/vencidos na literatura mas que estão presentes no sítio, bem como na defesa, por parte do narrador e dos personagens, da imaginação e da fantasia mas – sobretudo – no uso dos elementos fantásticos, como o faz-de-conta, por Dona Benta que, em obras anteriores, é representante assumida dos adultos.

Vejamos o tratamento diferente dispensado ao estranhamento causado pela presença de personagens mortos em *Reinações de Narizinho* (1931) e *O Picapau Amarelo* (1939). Na obra de 1931 o ressurgimento de heróis mortos encontra explicações racionais e lógicas,

²² LOBATO, M. *Reinações de Narizinho*, p. 16.

como por exemplo, a resposta que Cinderela recebe quando manifesta estranheza face à chegada de Barba Azul:

É esquisito isto! Sempre supus que o irmão da sétima mulher de Barba Azul o houvesse matado...
– É que não o matou bem matado – explicou Emília.²³

Na mesma obra, também, Narizinho quando questiona a presença dos 40 ladrões no sítio recebe uma explicação verossímil, curiosamente da boca de uma personagem também fantástica:

Como? – exclamou Narizinho. Pois a Morgana não matou essa gente toda com azeite fervendo?
– O azeite não estava bem fervendo – respondeu Ali Babá. Queimou só, não deu pra matar. Sararam, e agora andam me perseguindo por toda a parte.²⁴

Oito anos depois, em *O Picapau Amarelo*, ao saber da vinda do Capitão Gancho, Narizinho não mais questiona o reaparecimento de heróis mortos nas histórias originais, apenas elabora uma reflexão apaziguada sobre a questão:

Que coisa curiosa! – disse Narizinho. – No Mundo da Fábula ninguém morre de uma vez. Peter já venceu esse Gancho e o fez afogar-se no mar e ser engolido pelo jacaré – e depois disso o Capitão já nos apareceu lá em casa e agora vai aparecer novamente aqui.
(...)
– Foi também o que aconteceu para o lobo que devorou a avó de Capinha. Morreu a machadadas, e no entanto, continua a viver e a farejar avós, como naquele dia lá no sítio.²⁵

Também Branca de Neve, habitante do Mundo da Fábula em migração para o mundo do sítio, reflete sobre o significado do “retorno” de alguns personagens: “ – *Se não fosse assim – explicou Branca - isto não seria nenhum País das Maravilhas. O maravilhoso*

²³ Ibidem, p. 98.

²⁴ Ibidem, p. 98.

²⁵ LOBATO, Monteiro. *O Picapau Amarelo*, p. 29.

está justamente nisso...”²⁶ Cabe à Emília, em outro momento da narrativa, teorizar para Narizinho, acometida de um surto de “credulidade” e “bom senso” a razão pela qual a corda do despertador engolido pelo crocodilo, que persegue o Capitão Gancho, não acabou.

– Está aí uma coisa que me espanta – disse Narizinho – A corda desse despertador já devia ter acabado há muito tempo.
 – Devia, se fosse no “mundo normal” – explicou Emília. – Aqui no mundo fabuloso nada acaba – nem corda de despertador!²⁷

A esse respeito é significativo notar como – já na voz do narrador e ao longo de toda a história – o leitor encontra uma série do que se poderia chamar de *oposições binárias*, através das quais os pólos que aqui estamos chamando, respectivamente, de “real” e de “fantástico” são nomeados²⁸.

O narrador defende o Mundo da Fábula ao dizer que ele não é um mundo de mentira, como os adultos o consideram, e justificando que “*o que existe na imaginação de*

²⁶ Ibidem, p. 29.

²⁷ Ibidem, p. 53.

²⁸ Dispostas na tabela abaixo, estas oposições transcrevem, em diferentes momentos e níveis da narrativa, seu princípio estruturador:

| | | |
|--------------------------------|--------------------------------|-------|
| Mundo de verdade | Mundo de mentira | p. 11 |
| Real | Imaginação | p.11 |
| Sítio velho | Terras novas | p. 13 |
| Carta pelo correio | Sistema faz-de-conta | p.14 |
| Terras do Picapau Amarelo | Novas terras adquiridas | p. 16 |
| Dona Benta e os meninos | Povaréu maravilhoso | p. 17 |
| Terra de saúva e sapé | Transformação por encanto | p. 17 |
| Território/terra | Livros/imaginação das crianças | p. 17 |
| Casa (Dona Benta) | Castelos/palácios | p. 18 |
| Moinho de roda d’ água (sítio) | Moinho de vento (dom Quixote) | p. 19 |
| História | história | p. 21 |
| Mundo de vocês | Mundo das maravilhas | p. 24 |
| Chavinha (porteira) | Talismã encantado | p. 26 |
| Mundo normal | Mundo fabuloso | p. 53 |
| Bodoque de Pedrinho | Arco e flecha do Cupido | p. 54 |

milhões e milhões de crianças é tão real como as páginas deste livro.”²⁹ Uma tal afirmação, em livro voltado para um público infantil, ao valorizar a criança e seus pensamentos estabelece um vínculo de cumplicidade com seu leitorado. Para reforçar essa posição, Narizinho e os demais personagens também questionam a descrença adulta na existência das *coisas maravilhosas*. A neta de Dona Benta defende o mundo maravilhoso como real, dando-lhe o mesmo estatuto dos seres em que os adultos acreditam, mas não podem tocar, como a Justiça, a Civilização e Deus: “...*se as coisas do Mundo da Fábula não existem, então também não existem nem Deus, nem a Justiça, nem a Bondade, nem a Civilização – nem todas as coisas abstratas.*”³⁰, definidas estas por Emília como “– *É tudo quanto a gente não vê, nem cheira, nem ouve, nem prova, nem pega – mas sente que há.*”³¹ para defender a tese de que o maravilhoso é real e existe.

Mas a grande diferença entre esta obra de 39 e as que a antecedem é que aqui o discurso a favor da realidade que há na fantasia é também assumido por Dona Benta, adulta experiente e avó das crianças. Nessa história, ela não se inclui no grupo dos “*crescidos*” que “*fingem não mais acreditar no que acreditavam.*” A velha avó muda de lado radicalmente ao argumentar em favor da existência do Mundo da Fábula fundando seu argumento no episódio da chegada da cartinha enviada pelo Pequeno Polegar: “– *E tanto existe – declarou Dona Benta – que tenho aqui uma carta muito interessante, recebida hoje.*”³²

Mas aparentemente, apenas os adultos do sítio aceitam a fantasia, pois quando aparecem os leitores “reais” no Picapau Amarelo, uma das visitantes comenta: “*Estou pensando que ao voltar ao Rio e contar que estive no Sítio do Picapau Amarelo, nem mamãe vai acreditar.*”³³, discurso semelhante ao de Narizinho, no primeiro volume da série, *Reinações de Narizinho*, quando visita o Reino das Águas Claras e acha que Dona Benta e Tia Nastácia não acreditariam no que ela contasse do passeio.

²⁹ LOBATO, Monteiro. *O Picapau Amarelo*, p. 11.

³⁰ Ibidem.

³¹ Ibidem.

³² Ibidem.

³³ Ibidem, p. 62.

Os argumentos para conferir veracidade ao Mundo da Fábula e aos elementos que o compõem incluem a menção a *documentos*. É este o estatuto da carta do Polegar ou ainda, do próprio livro *O Picapau Amarelo*. Ambos funcionam como “escrituras” que conferem veracidade ao contexto de onde provêm ou por onde circulam. Todavia, nesta mesma obra, em que páginas de um livro são tomadas como fiança de veracidade discute-se acerca do caráter “mentiroso” ou “verdadeiro” deste tipo de veículo.

Na narrativa de *O Picapau Amarelo* há um momento em que se discute a autenticidade daquilo que se encontra narrado nos livros, através de uma conversa muito interessante entre Belerofonte, Dom Quixote e o Capitão Gancho. Nesta cena, personagens põem em questão a legitimidade de seus respectivos autores, entendendo estes como “relatores” e não como “inventores”.

O Cavaleiro da Triste Figura considera-se “difamado” pelo modo pelo qual sua vida é narrada por Cervantes:

Hoje estou velho, cansado – e difamado. O tal Cervantes escreveu um enorme livro em que me pinta como me imaginou – não como na realidade sou. E o mundo cruel aceita com a maior ingenuidade tudo quanto esse homem diz...³⁴

Quanto a Gancho, o pirata considera a sua história tal como registrada por J. Barrie ainda mais desmoralizante.

– Console-se comigo – disse o Capitão Gancho. – Tive o meu Cervantes num historiador inglês de nome Barrie, o qual me meteu a riso diante do mundo inteiro. Imagine, Senhor D. Quixote, que esse Barrie me pinta em seu livro como derrotado várias vezes por uma criança – um menino de nome Peter Pan! E, ainda mais, como perseguido e devorado por um jacaré...³⁵

Depois de uma discussão com Emília sobre o que *realmente* teria acontecido com ele, Capitão Gancho relativiza a escrita e os livros como fiadores da veracidade do que registram: “*O fato de a gente ler uma coisa não quer dizer que seja exata. Os livros*

³⁴ Ibidem, p. 43.

³⁵ Ibidem.

mentem tanto quanto os homens.”³⁶ Aplicando tal hipótese ao próprio livro que a contém, tudo o que nele foi contado “corre o risco” de ganhar a descrença do leitor por estar sendo comunicado por meio de escritos nas páginas de um livro.

Também sobre cartas, é interessante observar que dentre a correspondência de Lobato com crianças, algumas cartas ganham ingredientes de ficção. Raquel Afonso da Silva em seu trabalho³⁷ de análise destes documentos aponta para a coexistência de elementos reais e fantásticos na epistolografia do escritor: em algumas cartas ele parece criar histórias, envolvendo os leitores e seres fabulosos, sempre incentivando e defendendo a existência de tudo o que a imaginação infantil poderia criar.

Em 1939, data de publicação de *O Picapau Amarelo*, Lobato abre a obra discutindo a existência do Mundo da Fábula: “*Mas o Mundo da Fábula não é realmente nenhum mundo de mentira, pois o que existe na imaginação de milhões e milhões de crianças, é tão real quanto as páginas deste livro.*”³⁸ Esta defesa radical da imaginação, no entanto, encontra restrições por parte de algumas crianças leitoras de Lobato.

Em 1937, uma pequena leitora e correspondente do autor, Edite Canto, escreve: “*Quizera eu conviver com eles todos, ao menos um dia, uma hora; devia ser tão engraçado! tão bom! É pena que eles não existam!*” (grifo nosso)³⁹

Em outra carta, do ano de 1945, o menino Modesto Marques, também discute a existência do pessoal do sítio. O teor da discussão leva a supor que Lobato, ao responder uma carta anterior do garoto, tenha defendido a *existência* do universo do Picapau Amarelo e seus argumentos tenham convencido o leitor:

O senhor é o escritor mais camarada que existe. Sua última carta foi o melhor presente que eu já ganhei, se é que os presentes podem ser avaliados pela satisfação que causam ao presenteado.

³⁶ Ibidem, p. 44.

³⁷ Primeiro Relatório Fapesp de Iniciação Científica (Mimeo). Raquel Afonso da Silva dá continuidade ao trabalho com a correspondência infantil de Lobato e também de outros escritores na tese de doutorado em desenvolvimento no Instituto de Estudos da Linguagem – IEL - Unicamp.

³⁸ LOBATO, Monteiro. *O Picapau Amarelo*, p. 11.

³⁹ Botucatu, 10 de janeiro de 1937. Estas cartas compõem o acervo do IEB – Instituto de Estudos Brasileiros, Arquivo Raul de Andrada e Silva, da Universidade de São Paulo e foram pesquisadas por Raquel Afonso da Silva. Todas as cartas têm a ortografia mantida do documento original.

Aquelas palavras reunidas valem para mim um tezouro Sr. Lobato, eu pensava que Dona Benta e o pessoal lá do Sítio não existiam, porem vejo que me enganei. (grifo nosso)⁴⁰

A fantasia se faz presente ao longo de toda a narrativa de *O Picapau Amarelo* e em todos os sentidos. Além da defesa da imaginação, a utilização do faz-de-conta por crianças e adultos reforça a idéia de que *O Picapau Amarelo* marca, efetivamente um momento importante na literatura infantil lobatiana, ao investir solidamente no fabuloso e no mágico. A fantasia possibilita coisas que, sem ela, não seriam realizáveis, como por exemplo a dificuldade de Dona Benta para responder à carta do Polegar, que chegou sem o endereço. O problema é facilmente resolvido por Emília, que se vale do “faz-de-conta” e lança a carta ao vento.

Apesar de a fantasia ter papel importante na obra estudada, ela se mistura a elementos reais. A importância e as nuances desta mescla já se revelam no subtítulo da obra: *o sítio de Dona Benta, um mundo de verdade e de mentira*, mantido em diferentes edições. Isto traz para o exterior da narrativa, mas para o interior do livro, a sinalização da duplicidade “real”/ “fantástico” a que já aludimos.

⁴⁰ Tatuí, 12 de dezembro de 1945.



Figura 1: Folha de rosto, 1ª ed., 1939.⁴¹



Figura 2: Folha de rosto, 4ª ed., 1944.⁴²

No subtítulo, a aditiva “e” põe lado a lado “verdade” e “mentira”, atribuindo à expressão “sítio de Dona Benta” da qual é aposto, o caráter duplo de *ficção* e *realidade*.

Mas se por um lado o livro reforça o pólo da fantasia, ele também constrói uma sólida identidade histórica para o sítio: o sítio tem um nome, *O Picapau Amarelo*, e uma proprietária, *Dona Benta*, apresentando assim indícios de veracidade, que se reforçam pelas marcas geográficas como a venda do Elias Turco, onde Tia Nastácia faz compras – “*O palmito acabou, Sinhá. (...) – Mande buscar meia dúzia no Elias Turco.*”⁴³

Em *A Chave do Tamanho*, obra de 1942, posterior a *O Picapau Amarelo*, a “veracidade” do espaço do Picapau Amarelo se intensifica pela apresentação de “vizinhos” do sítio. Como se sabe, nesta obra Emília, reduzida de tamanho, tenta voltar para a casa e

⁴¹ Fonte: LOBATO, Monteiro. *O Picapau Amarelo*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1939. Esta obra encontra-se no acervo da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro – Localização: VI-248,4,21.

⁴² Fonte: LOBATO, Monteiro. *O Picapau Amarelo*. 4. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1944. Esta obra pertence ao CEDAE - Centro de Documentação Alexandre Eulálio, do IEL, Unicamp.

⁴³ LOBATO, Moteiro, *O Picapau Amarelo*, p. 14.

assim, o caminho que a boneca percorre mostra para o leitor as redondezas do sítio. Primeiro ela passa pela casa do Major Apolinário e comenta a distância entre a casa do prefeito e a de Dona Benta: “*Até o sítio de dona Benta, que era pertíssimo, virou lonjura sem fim.*”⁴⁴ Depois, o Visconde, guiado por Emília, vê a fazenda do compadre de Dona Benta: “*Depois de caminhar por uma hora pela estrada deserta de passantes, o visconde avistou a fazenda do coronel Teodorico.*”⁴⁵ E após curta caminhada, o Visconde chega no Picapau Amarelo.

Não só as vizinhanças do sítio – conferindo-lhe territorialidade - revelam seu estatuto “real”: com a chegada dos personagens fabulosos à propriedade de Dona Benta, a construção de uma cerca que dividisse o sítio das Terras Novas sugere uma diferenciação de territórios: de um lado da cerca, os novos habitantes e de outro, pessoal do sítio: os primeiros enquanto representantes de um mundo fantástico e o segundo enquanto representantes do mundo real, como já aponta um estudo de 1981:

Observe como a presença de porteira, cerca e cadeado sugere uma separação rígida entre o sítio e o mundo da fábula. Desse expediente, resulta que o espaço do sítio ganha foros de realidade, deixando ao mundo da fábula a dimensão de fantasia. No entanto, essa fronteira é violada ao longo de toda história: tanto o sítio se enche de personagens das ‘terras novas’, como os personagens do sítio percorrem o país das fábulas. Assim, os limites estabelecidos parecem existir apenas para serem rompidos.⁴⁶

O estatuto real atribuído ao sítio e aos personagens lobatianos e constituído por oposição ao “mundo da fantasia” também se manifesta em cartas das crianças leitoras destinadas a Lobato. Segundo Marco Antônio Edreira⁴⁷, os leitores infantis da obra lobatiana tratam os habitantes do sítio como parte do universo real, e não como parte de uma obra de ficção, parecendo considerá-los entidades de convívio de Lobato, mesmo

⁴⁴ LOBATO, Monteiro. *A Chave do Tamanho*, p. 71.

⁴⁵ *Ibidem*, p. 113.

⁴⁶ LAJOLO, Marisa. O Picapau Amarelo. In: ROCHA, Ruth. *Monteiro Lobato*, p. 75.

⁴⁷ EDREIRA, Marco Antônio. *À Caça do Sentido - práticas de leitura de leitores de Monteiro Lobato: um estudo de cartas infanto-juvenis (1926-1946)*. Tese de mestrado defendida na Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo - USP, em 2003.

aqueles com características mais fantásticas. Alguns leitores perguntam ao escritor sobre os personagens, pedem fotos e objetos deles ou, ainda, enviam cartas diretamente a eles.

Raquel Afonso da Silva, em estudo já mencionado, cita uma carta endereçada a “Dona Benta Encerrabodes de Oliveira e família”, e não a Lobato e sua pesquisa vem revelando outras cartas no acervo do IEB que utilizam o mesmo procedimento – estabelecer como destinatário alguma das personagens ficcionais. Ela interpreta tal recurso tanto como estilo do leitor escrever, quanto como indício da veracidade que ganham as personagens da obra de Lobato para os seus leitores.

Mas se indícios como vizinhança e distância reforçam que o sítio de Dona Benta é “real”, ou seja, pertencente ao *mundo de verdade*, há também, indícios do contrário.

Na abertura de *O Picapau Amarelo*, o narrador ao explicar que o Mundo da Fábula/Mundo de Mentira ou País das Maravilhas é habitado por anões, gigantes, fadas, sacis e piratas propõe que o sítio também seja considerado representante “desses mundos”, visto que alguns destes personagens habitam o sítio.

O Mundo da Mentira, ou da Fábula, é como a gente grande costuma chamar a terra e as coisas do País das Maravilhas, lá onde moram os anões e os gigantes, as fadas e os sacis, os piratas como Capitão Gancho e os anjinhos como Flor da Alturas.⁴⁸

O sítio, assim, se situa entre a realidade e a fantasia e pode tanto ser vizinho de outras fazendas, como da terra do nunca, tanto ter um ribeirão, como ter o Reino das Águas Claras, com direito a príncipe escamado, aranha costureira, caramujo médico e sereias. O tópico já foi apontado por Alvarez (1982):

O Sítio de Dona Benta é uma incógnita em termos estritamente pragmáticos. Situa-se naquela zona entre o sonho e a realidade, no campo da vigília, na região onírica onde provavelmente brotou a primeira idéia do Olimpo e a mitologia que até hoje movimentava o mundo subterrâneo de nossa mente.

Onde estamos nós? A pergunta é irrelevante. Estamos exatamente onde supomos estar. Onde nos coloca a força positiva ou negativa de nosso sonho e nossa realidade. O Sítio de Dona Benta está balizado em fatores e circunstâncias reais, nascidos da vivência do

⁴⁸ LOBATO, Monteiro. *O Picapau Amarelo*, p. 11.

autor. Mas extrapolou para o mundo inconsciente dos leitores, em que o sonho desperta para a realidade das coisas que poderiam ter sido e apenas não foram por simples esquecimento.⁴⁹

Desta maneira, o artifício do trânsito por dois universos, tão bem trabalhado nesta narrativa de Lobato, sugere a recorrência na obra do escritor a matrizes de dois gêneros literários de longa tradição e ampla circulação: o romance e a fábula.

O primeiro enquanto gênero que estabelece permanente contato com a realidade e o segundo, enquanto criador de um mundo próprio. Estas duas dimensões no texto, juntas e mescladas, marcam *O Picapau Amarelo*: ao se valer do romance, Lobato pode explorar a realidade brasileira e ao usar o princípio da fábula pode interferir nesta realidade, ainda que aparentemente fugindo dela por meio da fantasia e da comparação, como nas fábulas.

Ao trazer para uma obra de ficção aspectos que podem ser reconhecidos na sociedade brasileira, Lobato mantém compromisso com as dimensões reais como: época, país, circunscrição de problemas, compromissos estes, próprios do gênero romance.

E. M. Forster em *Aspectos do romance*⁵⁰ ao tratar dos *personagens* de um romance, considera que esses não chegam *frios* à mente do romancista, isto é, sua natureza está condicionada pelo que o romancista imagina sobre outras pessoas e sobre si mesmo.

Em relação ao *enredo*, para Forster, o romancista também se vale de histórias reais, conhecidas ou vividas por ele, que resultam em um romance singular, próprio. Segundo Forster, um romance é baseado mais ou menos em fatos, cujo efeito será modificado ou inteiramente transformado pelo temperamento do romancista. Por isso, para ele, “*O que é fictício num romance não é tanto a estória, mas o método pelo qual o pensamento se transforma em ação, um método que nunca ocorre na vida diária.*”⁵¹

Assim, o fato de um romance ser fictício deve-se ao método, ao processo pelo qual ele é criado – ao se fazer um romance se conta uma história – e isto implica em sua ficcionalização. Entretanto, isso não desautoriza relacionar o romance com fatos ligados à

⁴⁹ ALVAREZ, Reynaldo Valinho. *Monteiro Lobato: escritor e pedagogo*, p. 69-70.

⁵⁰ FORSTER, E. M. *Aspectos do Romance*. Trad. Maria Helena Martins. Porto Alegre: Globo, 1969.

⁵¹ *Ibidem*, p. 35.

realidade, à História, pois o princípio subjacente, para Forster, é: “*Se Deus pudesse contar a estória do Universo, o Universo se tornaria fictício.*”⁵²

Como foi visto, Lobato parece recorrer a elementos reais que permeiam a construção do sítio, dos personagens e suas ações: isso permite que o leitor (re)conheça aspectos da realidade brasileira, facilitando sua percepção de problemas e impasses que existem nela. Mas isso não é informado de forma direta ao leitor, o que, talvez, poderia desinteressá-lo, por se tratar aparentemente de assuntos maçantes e pouco interessantes para o público infantil. Lobato se vale do recurso da fantasia e insere a diversão nas obras, uma forma de informar, discutir e fazer refletir por meio da brincadeira. Pode-se, talvez, dizer que a fantasia seria o caminho adequado que serviria para transportar as idéias do escritor para seu público, um caminho no qual todas as crianças não se cansariam em passar.

Mas com este real, inserido numa moldura de fantasia, Monteiro Lobato consegue, em *O Picapau Amarelo*, criar um universo próprio que por não aceitar as regras do mundo histórico, aproxima-se do gênero Fábula:

Os outros gêneros literários (o romance, o drama, o poema épico) não recriam o universo, mas inserem episódios numa parte dele, mantido, porém, como uma entidade fechada e coesa. Em outras palavras: a fábula, para funcionar, não se satisfaz em contar uma história no mundo tal como existe – ela o recria. Assim, a fábula exige uma totalidade: precisa de um mundo onde as pedras falem, os rios tenham filosofia, os mortos renasçam, os animais sejam humanos, o tempo ande diferente. E que no final haja justiça, e que a vida nunca pereça.⁵³

Assim parece ser o sítio do Picapau Amarelo; precisa, para existir e funcionar, que rinoceronte e burro pensem e falem, que personagens retornem, que sabugo de milho e boneca de pano sejam humanos e que Narizinho e Pedrinho nunca cresçam.

Monteiro Lobato não só se vale do princípio da fábula como trafega pelo farto repertório de fábulas, trazendo-o para o sítio. A vinda dos personagens fabulosos para o Picapau Amarelo com suas bagagens dá ao narrador lobatiano oportunidade de tratar da

⁵² Ibidem, p. 43.

⁵³ BERRIEL, Carlos Eduardo. *Leituras Cruzadas: o avesso das coisas*. Folha de S. Paulo – Sinapse, 30/09/2003.

vida e das relações destes personagens, principalmente com os lobatianos. A proposta narrativa se apresenta como criativa e ousada, pois Lobato além de incorporar ao sítio a fábula universal, representada pelos personagens e respectivas histórias, modifica-a.

Vários personagens fabulosos têm suas histórias alteradas, dentre eles a Quimera – personagem que na mitologia é assustadora - apresentada como depois de muitos anos de vida, já não representando nenhum perigo, pois ao invés de soltar fogo pelas três bocas, soltava apenas fumaça. Outro personagem, agora proveniente do romance, Dom Quixote, também parece ter sua história “re-escrita”: seus hábitos e características são alterados, sendo o fator que determinou tal mudança a vida no sítio e a convivência com Dona Benta e os picapaus.

Ao contrário de outras personagens que levam para o sítio imensa bagagem que as vezes inclui moradia, o cavalheiro da Triste Figura chega ao sítio apenas com escudo, espada e lança, além de seu fiel escudeiro Sancho Pança. Assim, ele precisa hospedar-se na casa de Dona Benta e a partir disso será possível observar pequenas mudanças na personalidade deste fidalgo. Apesar de ele continuar fascinado por proezas e dizer-se disposto a lutar o tempo todo, ele começa a permitir-se momentos de preguiça.

...logo em seguida cruzou as pernas, abriu os braços e, com as mãos seguras nos punhos da rede, disse, correndo os olhos pela varanda:

– Não há dúvida, não há dúvida! A vidinha aqui é bem boa...

Por fim seus olhos se foram fechando; sua cabeça pendeu para a frente, e um sorriso começou a aparecer-lhe nos lábios.⁵⁴

A imagem de Dom Quixote deitado na rede, após comer bolinhos, torradas e pipocas, parece constituir um indício de abasileiramento do personagem.

Contudo, é Branca de Neve – que no sítio - mais se distancia da figura da princesa divulgada pela tradição. Lobato toma uma personagem das mais emblemáticas da literatura infantil universal e lança para seus leitores um novo olhar sobre sua história. Assim, ao inseri-la em um contexto nacional, Lobato mexe na tradição, transforma a representação desta personagem e aproxima-a da realidade de seus leitores infantis.

⁵⁴ LOBATO, Monteiro. *O Picapau Amarelo*, p. 22

Laura Sandroni fala de reinterpretação, ou seja, da leitura que Lobato faz das histórias tradicionais, sob um ponto de vista de quem pretendia adaptá-las e aproximá-las dos leitores infantis brasileiros.

Como se pode notar por essa presença do núcleo básico de personagens, há uma intertextualidade constante que permite a reinvenção ou reinterpretação das histórias de cada um dos personagens em novas aventuras ao lado do “bando”, questionamento de suas posições originais e muitas vezes uma revisão destas levando a novas propostas como no caso das personagens da Carochinha.⁵⁵

A divisão entre o Sítio de Dona Benta – onde continuariam morando Nastácia, Visconde, Emília, Dona Benta e seus netos - e as Terras Novas – território que acolheria os personagens estrangeiros, feita por meio de uma cerca, não impede o contato entre todos. Este procedimento acarreta uma troca de experiências da qual Lobato parece se valer para mostrar as influências sofridas pelas personagens estrangeiras, através do contato com o pessoal do Sítio. Branca de Neve, por exemplo, quando inserida nesse novo espaço, sofre um processo de abasileiramento, pois é modificada por ele de modo a se adaptar ao ambiente nacional, como apontam alguns pesquisadores:

Trata-se de uma invasão do mundo contemporâneo, do qual Lobato se apropria antropofagicamente, pois são antes os produtos estrangeiros que se naturalizam, ao chegarem ao Sítio ou ao conviverem com os meninos.⁵⁶

Em *O Picapau Amarelo*, as características físicas de Branca de Neve, a presença dos anões e do príncipe se mantêm, e no entanto, a história e a representação da personagem difere da apresentada na narrativa tradicional da Branca de Neve.

Lobato apresenta uma Branca de Neve já casada, sabendo como é a vida depois dos finais felizes das histórias tradicionais. Além disso, o diálogo dela com Emília possibilita

⁵⁵ SANDRONI, Laura. *De Lobato a Bojunga: as renações renovadas*, p. 55

⁵⁶ LAJOLO, M. & ZILBERMAN, R. *Literatura Infantil Brasileira, história e histórias*, p. 58.

ao leitor conhecer a vida do príncipe enquanto marido, ao contrário do que sucede em versões mais canônicas, onde o príncipe só aparece no final para se casar.

– Uma coisa curiosa – disse Emília – a gente sabe toda a vida de vocês princesas, mas nunca sabe nada dos príncipes consortes. Esses príncipes só aparecem no fim das histórias. Casam-se, há uma grande festa e pronto! Até hoje ainda não consegui ver um só desses príncipes-maridos. Onde anda o seu?

– Caçando. É doidinho por caçadas. Só à noite me aparece por aqui, com uma penca de faisões ou perdizes.⁵⁷

Nessa conversa, a princesa se mostra uma mulher com traços modernos, aos quais não falta uma pitada de feminismo. Ela atribui sua felicidade à liberdade que o marido - o qual caça o dia todo, não tendo tempo para aborrecê-la - lhe proporciona.

O desfecho da história é outro momento em que se nota a diferente representação de Branca de Neve. Nele, há os preparativos do casamento entre Branca de Neve e o príncipe Codadade, das Mil e Uma Noites, mas o final feliz tradicional da princesa não ocorre. O castelo é invadido por “penstras”, os monstros; Nastácia deixa os faisões queimarem e o casamento não acontece. Assim, Branca de Neve termina sua participação na história como uma princesa viúva.

⁵⁷ LOBATO. Monteiro. *O Picapau Amarelo*, p. 27.

1.3. Mapa do Mundo da Fantasia

Como vem sendo discutido, é constante em *O Picapau Amarelo* a alternância de indícios que apontam ora para o caráter fantástico, ora para o caráter real que assume o sítio. Esse movimento parece conduzir o leitor a aceitar e conviver com a coexistência de elementos da qual a narrativa é constituída.

Já em *Reinações de Narizinho* é interessante observar como o sítio aparece enquanto mundo fantástico; o que ocorre no episódio em que um personagem invisível, mais tarde chamado de Peninha, mostra a Pedrinho o mapa do mundo das maravilhas, onde se inclui o sítio.

– ...Olhe, tenho aqui o mapa – disse a voz tirando do bolso um papel dobrado.

(...)

– Que bonito! – exclamou depois de ler os nomes de todas as terras e mares. Até o sítio de vovó está demarcado, com o chiqueirinho de Rabicó bem visível.⁵⁸

Nesta passagem, como se vê, a “prova” de que o Picapau Amarelo faz parte do mundo fantástico é um mapa, gênero textual que costuma assegurar a veracidade daquilo que nele se inscreve, pressupondo pesquisa, medições e demarcações. Pedrinho ao perguntar sobre a forma de elaboração do mapa, tem a seguinte resposta de Peninha: “– *Viajando de lápis na mão*”⁵⁹ Além disso, a autenticidade do mapa é reforçada pelo conhecimento de quem o produziu, no caso, o personagem Peninha.

Porém, essa informação sobre seu autor pode também acentuar o caráter ficcional do mapa, já que seu criador Peninha é um personagem fantástico, sem nome e invisível, o que não permite conhecê-lo fisicamente, e que possibilita que ele passe por um *impostor*. O que Pedrinho conhecia de Peninha era o que ele havia contado: que tinha a idade e a altura parecida com a de Pedrinho, mas as informações que havia dado não poderiam ser confirmadas, pois a única coisa que acusava sua presença era sua voz.

⁵⁸ LOBATO, Monteiro. *Reinações de Narizinho*, p. 132.

⁵⁹ *Ibidem*.

Apesar de toda desconfiança em torno do mapa de Peninha, ele acaba por servir de guia para o passeio do pessoal do sítio pelo Mundo das Maravilhas. Confirmando a presença da dualidade “fantasia/realidade” ao longo de toda a obra lobatiana, e mesmo seu transbordamento para fora da narrativa (mas permanência no interior do livro) tem-se a reprodução deste mapa na “guarda” da série infantil de Lobato, na edição de 1947 das obras completas do escritor. A figura traduz de forma ilustrativa o mapa referido em *Reinações de Narizinho* e nele se inscreve tanto o sítio de Dona Benta – limite do castelo da Bela Adormecida – quanto a própria figura da velha senhora que, boiando em diferentes oceanos do mapa, é representada na posição de leitora e contadora de histórias.

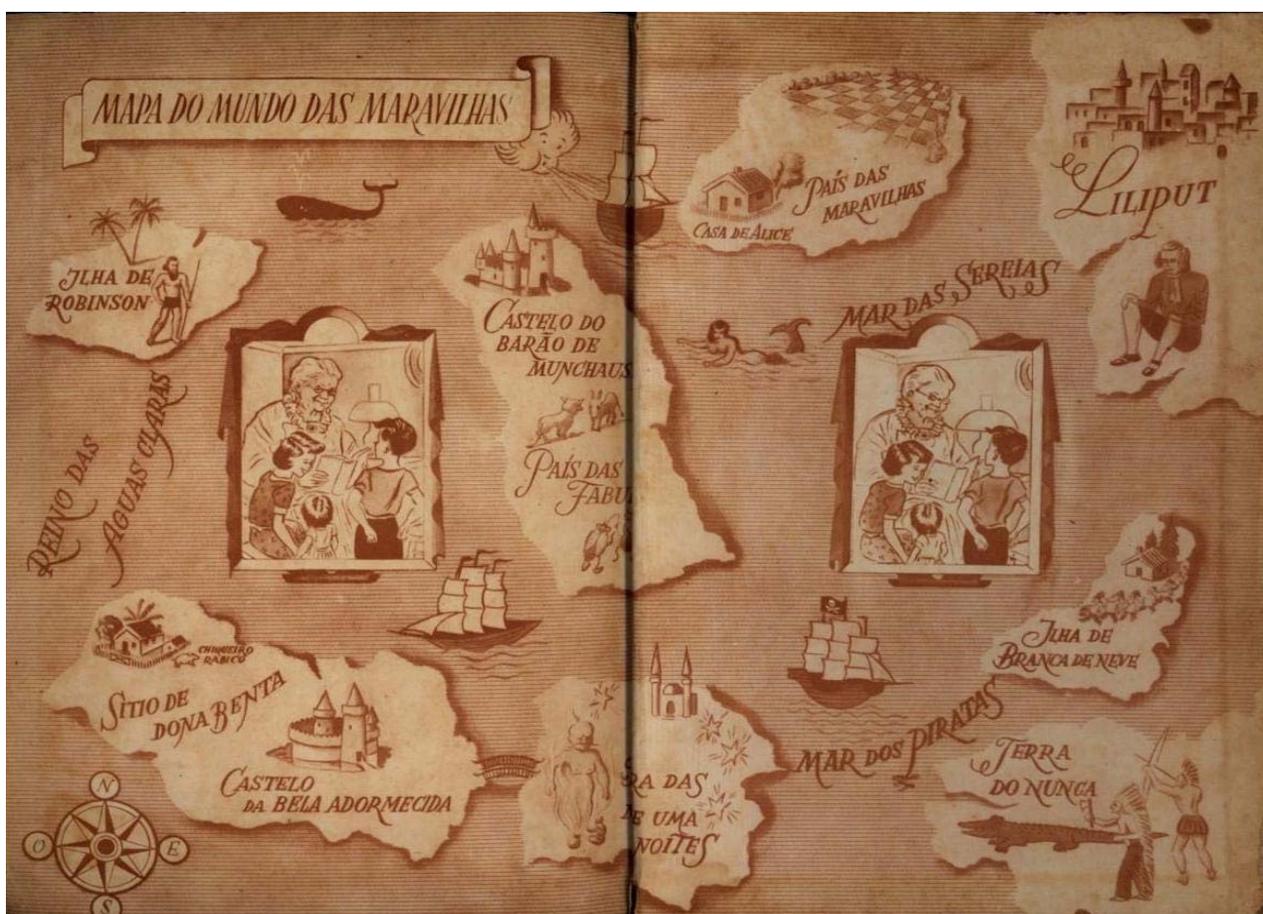


Figura 3 – Imagem reproduzida na guarda da Série Infantil das Obras Completas⁶⁰

⁶⁰ Fonte: LOBATO, Monteiro. *O Picapau Amarelo e A Reforma da Natureza*. São Paulo: Brasiliense, 1947.



Figura 4: no detalhe, o sítio de Dona Benta.

Na representação que dele faz tal mapa, o Mundo das Maravilhas é composto pelos castelos do Barão de Münchhausen e da Bela Adormecida; pelas ilhas de Robinson e de Branca de Neve; pelas terras do Nunca e das Mil e Uma Noites; pelos países da Fábula e das Maravilhas, onde é apontada a casa de Alice; por Liliput; pelos mares das Sereias e dos Piratas; pelo Reino das Águas Claras e, finalmente, pelo Sítio de Dona Benta, onde aparece o chiqueiro de Rabicó.

Em *O Picapau Amarelo* o território do sítio é aumentado para receber os personagens estrangeiros e desta maneira, a propriedade de Dona Benta passa a ter como vizinhos castelos, bosques, pontes e mares. Com isso, o mapa pode tanto ser lido como representando o Mundo da Fantasia quanto o próprio sítio depois da aquisição de novas terras por Dona Benta.

No mapa, o sítio aparece no mesmo território onde está situado o castelo da Bela Adormecida e tem uma ponte que o liga à Terra das Mil e Uma Noites, apagando-se com isso a antiga vizinhança com as fazendas do Taquaral e do Cupim Redondo, que Dona Benta acabou comprando para acomodar o pessoal do Mundo da Fábula. Estes marcos rurais são substituídos por territórios que fazem parte do imaginário infantil, rompendo-se completamente a *ruralidade paulista* do sítio descrito em *O Saci*, obra de 1921.

No fim do pasto, perto da ponte, apareciam a casinha do tio Barnabé e a figueira grande; e bem lá adiante, o Capoeirão dos Tucanos, uma verdadeira mata virgem onde até onça, macucos e jacus havia.

E que mais? Ah, sim, o ribeirão que passava pela casa do tio Barnabé cortava o pasto e vinha fazer as divisas do pomar com as terras de plantação.⁶¹

Essa mescla de dois mundos também pode ser lida no contraste entre as construções e personagens *estrangeiros* e o solo *brasileiro* que os abriga. O mesmo acontece com os personagens: os lobatianos se misturam com os da mitologia grega, dos Contos de Fada e com leitores reais das aventuras do pessoal do sítio, que se tornam personagens ao entrarem no universo do Picapau Amarelo.

Os leitores transformados em personagens em *O Picapau Amarelo* são: Maria de Lourdes, Marina Piza, Maria Luísa, Bjornberg de Coqueiros, Raimundo de Araújo, Hélio Sarmiento, Sara Viegas, Joyce Campos, Edite Canto, Gilbert Hime, Ayrton, Flávio Morretes, Lucília Carvalho, Gilson, Leda Maciel, Maria Vitória, Nice Viegas, Stila, Mário e Marila, Davi Appleby, Joaquim Alfredo, Hilda Vilela e Rodrigo Lobato, sendo alguns, correspondentes de Monteiro Lobato.

Estas crianças ao serem inseridas na história se tornam personagens, porém, não perdem sua identidade de leitores reais:

– Quem é quem? – perguntou na sua voz serena de burro filósofo.
A criança assustou-se, porque nenhuma ainda tinha visto um burro falante; mas como já o conheciam pelas histórias publicadas, acalmaram-se.⁶²

O movimento entre o real e o fantástico – tão presente em *O Picapau Amarelo* – é, assim, característico das obras infantis de Monteiro Lobato, pois nelas o leitor é lembrado, a cada narrativa, da constante indefinição sobre a existência do sítio, de seus personagens e das aventuras vividas por eles. Os efeitos de sentido de tal procedimento

⁶¹ LOBATO, Monteiro. *O Saci*, p. 179.

⁶² LOBATO, *O Picapau Amarelo*, p. 60.

parece ser o de não induzir o leitor a nenhuma conclusão categórica acerca do significado do sítio; pelo contrário, a insistência e a frequência com que se afirma ora o caráter real, ora o caráter fantástico do sítio, sugere que Lobato não quer fechar a questão, o que, para Sandroni, significa que ele intuía algumas necessidades da mente infantil.

Interessante é notar-se como Lobato estabelece a relação real/mágico numa ótica perfeitamente adequada à psicologia infantil. Ele intui que na criança realidade e fantasia são uma só e mesma coisa e que o adulto se sente dividido entre a razão e a afetividade, entre o mundo da lógica e o mundo do sentimento.⁶³

Já para Vasconcellos, o mesmo artifício mostra a necessidade da presença do elemento fantástico para comunicar, de um modo divertido, assuntos da realidade humana.

(...) há em geral, na construção do maravilhoso, em Lobato, uma tendência analógica que, se por um lado cria um mundo ficcional próprio a partir da natureza e coisas diversas do mundo, por outro lado sempre relaciona essa esfera imaginária à “realidade”, impedindo que o vôo da imaginação se faça sem bússola – traço natural num autor que, além de divertir as crianças com sua ficção, espera ensiná-las a pensar o mundo através dela.⁶⁴

Assim, o uso da fantasia mesclada ao real, em *O Picapau Amarelo*, ao mesmo tempo em que vai ao encontro do modo de pensar da criança, é uma forma criativa de tratar da sociedade brasileira de maneira divertida. No caso da narrativa estudada, com o elemento mágico Lobato consegue discutir problemas sociais sem que esta atitude – digamos, pedagógica e militante – seja ostensiva, uma vez que ela é banhada pela fantasia, esta sim, presente de maneira ostensiva no texto.

⁶³ SANDRONI, Laura. *De Lobato a Bojunga; as renações renovadas*, p. 59.

⁶⁴ VASCONCELLOS, Zinda Maria Carvalho de. *O Universo Ideológico da Obra Infantil de Monteiro Lobato*, p. 97-98.

CAPÍTULO 2

LEITURAS DO SÍTIO DO PICAPAU AMARELO

“Mas o Mundo da Fábula não é realmente nenhum mundo de mentira, pois o que existe na imaginação de milhões e milhões de crianças é tão real quanto as páginas deste livro.”⁶⁵ (Monteiro Lobato)

⁶⁵ LOBATO, Monteiro. *O Picapau Amarelo*

2.1. O espaço do Sítio

Toda obra infantil de Monteiro Lobato tem como espaço o sítio do Picapau Amarelo. Mesmo nas obras em que as aventuras acontecem no céu ou na Grécia, o sítio é o local em que os personagens planejam, tramam e do qual partem para suas viagens, bem como o lugar a que retornam finda a aventura. Este espaço, juntamente com um conjunto de fatores, consagrou Monteiro Lobato como o criador da literatura infantil brasileira, que conseguiu construir um mundo tipicamente brasileiro e inserir nele personagens que se aproximassem dos leitores infantis de seu país.

Essa observação explica a importância do espaço do sítio do Picapau Amarelo para a consolidação da obra infantil de Monteiro Lobato. Sua construção possibilitou às crianças o mergulho, por meio da imaginação, em um “habitat” utilizado para, não apenas abrigar seus moradores, mas planejar aventuras e receber visitantes das mais variadas origens. Este ambiente parece representar, ainda, um espaço propício para transmitir as idéias do escritor, o que faz com que o sítio se metamorfoseie em escola, em local de resolução de problemas, de construção de experiências novas, de sonhos e de realização destes.

Se, juntamente com os personagens lobatianos, no sítio se manifestam os desejos e ideologias de Lobato, nele também se estimula a emancipação dos leitores, buscando formar cidadãos de iniciativa, capazes de discutir padrões pré-estabelecidos e mesmo romper com eles. Desse modo, não há dúvidas de que o sítio do Picapau Amarelo – enquanto espaço ficcional - tem importância fundamental para o projeto do escritor, no que tal projeto tem de estímulo à imaginação, à criatividade e à atitude reflexiva e crítica.

O sítio começa a ser “construído” em 1920, aparecendo como cenário da primeira narrativa lobatiana, e vai progressivamente ganhando maior dimensão metafórica. Segundo Penteado, a análise dos textos de Lobato mostra que o cenário do sítio do Picapau Amarelo foi preparado muito cedo. O autor cita a carta de Lobato, de 1943, enviada a Rangel, na qual o autor de *Reinações de Narizinho* diz que o “mundinho” onde viveram milhares de crianças, se foi criando por agregações. Assim, segundo Penteado, os elementos essenciais e os personagens, quase todos, nasceram ainda nos anos 20 e foram, de certa forma, se sofisticando, como o estilo do autor.

Com suas características mágicas, o sítio do Picapau Amarelo causa fascínio nos leitores, que, em cartas destinadas a Monteiro Lobato, passam a manifestar o desejo de conhecer o sítio.

Eu gosto muito dos livros do senhor porque soamuito engraçados, e quero que o senhor me diga onde fica o sitio do Picapau Amarelo e o papai disse que se o senhor disser ele vai comigo e meu irmão Humberto.⁶⁶

É, contudo, nas linhas iniciais de *O Picapau Amarelo*, que se exprime a amplidão do “sucesso” do lugar onde Pedrinho passava suas férias escolares: “*O Sítio de Dona Benta foi se tornando famoso tanto no mundo de verdade como no chamado mundo de mentira*”.⁶⁷

Numa admirável manobra narrativa, Lobato expande a importância do sítio. De espaço ficcional que é objeto de admiração do “mundo de verdade”, o sítio passa a ser apresentado também como objeto de admiração do “mundo de mentira”. Torna-se, assim, significativo que, Monteiro Lobato, depois de quase vinte anos de narrativas infantis, transforme o espaço que marcou o surgimento da literatura infantil brasileira moderna em *título* de uma de suas obras.

A importância do espaço do Picapau Amarelo na obra lobatiana tem atraído o interesse de vários pesquisadores que discutem significados do sítio que encanta leitores e que confere à literatura infantil do escritor, um caráter criativo e diferenciado.

O espaço rural, utilizado como cenário para as aventuras dos personagens lobatianos, não tem importância por si só, haja vista a frequência com que este tipo de ambientação se fazia presente em livros infantis da época, como *Saudade* (1919), de Tales de Andrade, *A Arca de Noé* (1930), de Viriato Correia e *Os três porquinhos pobres* (1936), de Érico Veríssimo.

A literatura infantil, desde seu aparecimento, na Europa moderna, mostrou preferência particular pelo mundo agrícola como local para o

⁶⁶ Esta carta, sem referência do local e data, também compõe o acervo do IEB – Instituto de Estudos Brasileiros, Arquivo Raul de Andrada e Silva, da Universidade de São Paulo e foi pesquisada por Raquel Afonso da Silva.

⁶⁷ LOBATO, Monteiro. *O Picapau Amarelo*, p. 03.

transcurso de ações. Isso se deve ao aproveitamento, desde o início, de narrativas de origem folclórica ou contos de fadas de proveniência camponesa como matéria-prima para a (re)criação literária. Também converteram-se em literatura infantil as fábulas e outros relatos, (...) Esse acervo terá forte influência na formação da literatura infantil brasileira. (...) E esse processo não se interrompe quando os escritores se mostram mais criativos e inventam suas próprias narrativas. Pelo contrário, o modelo subsiste com grande solidez, ao gerar os similares nacionais.⁶⁸

A este dado, as autoras relacionam o contexto social do período compreendido entre 1920 e 1945, comentando que a literatura infantil brasileira deste período é integrada aos problemas, ideais e realizações da época.

Alvarez inclui entre os fatores que determinaram o sucesso do cenário rural lobatiano como “pano de fundo” para as obras, certas idéias e sentimentos do público em uma época de êxodo rural e o conseqüente sentimento de nostalgia do campo:

Aquela gente que o lia na cidade de certo modo ainda sentia o cheiro da laranja, da jaca, da jabuticaba, ouvia o canto do sabiá e do bem-te-vi, ainda sentia o perfume da mata virgem e tinha sempre na recordação a imagem de um cavalo, uma vaca mocha, um porco glutão devorador de melancias. (...)
...essa população que emigrou do campo para a cidade continua arraigada a hábitos não urbanos, entre outros motivos por sua extrema miséria e inadaptabilidade às novas condições de vida.⁶⁹

Se sítios, chácaras e fazendas, enquanto cenários constantes de livros infantis, se relacionam com um sentimento coletivo saudosista do campo, na obra infantil de Monteiro Lobato, o espaço rural escolhido pelo escritor parece ligar-se também a fatores específicos da vida do escritor, como sugerem alguns biógrafos. A fazenda trazia muitas lembranças para Lobato, recordava-o de pescarias, de caçadas e da tranqüilidade encontrada no campo, o que – contraditoriamente - por inúmeras vezes também entediava seu espírito dinâmico. Lobato viveu e conheceu profundamente o ambiente rural paulista, tendo sido criado numa fazenda e, adulto, tendo se tornado fazendeiro após herdar as terras de seu avô, o Visconde de Tremembé.

⁶⁸ LAJOLO, Marisa; ZILBERMAN, Regina. *Literatura infantil brasileira: História & Histórias*, p. 61-62.

⁶⁹ ALVAREZ, Reynaldo Valinho. *Monteiro Lobato: escritor e pedagogo*, p. 45-46.

Essa importância do campo na atividade intelectual do escritor, atuando como “inspiração” para ele escrever, fica registrada em carta de 1914, enviada ao amigo Godofredo Rangel:

Quantos elementos cá na roça encontro para uma arte nova! Quantos filões! E muito naturalmente eu *gesto coisas*, ou deixo que se gestem dentro de mim num processo inconsciente, que é o melhor: gesto uma obra literária, Rangel, que, realizada, será *algo nuevo* neste país vítima de uma coisa: *entre os olhos dos brasileiros cultos e as coisas da terra há um maldito prisma que desnatura as realidades.*⁷⁰

Ao viver na fazenda como proprietário rural, Lobato passou a ser um observador dos problemas e mazelas do campo e do homem que vivia nele e sobrevivia dele: sua atenção recaiu no caboclo, figura que é alvo dos famosos artigos “Uma velha praga” (1914) e “Urupês” (1915), nos quais Lobato cria a figura do Jeca Tatu, como narram as biografias do escritor. O sucesso obtido com a publicação dos artigos faz crescer as propostas de trabalho para o escritor, e a fazenda se torna, não mais a possibilidade de um negócio rendoso, como Lobato sonhava, mas um manancial rico de temas que o projetou na imprensa.

O cenário rural, assim como a figura que o habita, aparecem freqüentemente na obra do escritor. Com o sítio do Picapau Amarelo ambientando todas suas narrativas infantis, Lobato se mantém fiel ao seu público interiorano, representando, através de personagens como tia Nastácia e tio Barnabé, a face arcaica do Brasil rural da época. E o campo aparece, também, como ambientação na literatura adulta de Lobato, cujos contos freqüentemente aludem a situações, figuras representativas e “causos” da fazenda.

A propósito, sobre essa constante na obra adulta e infantil do escritor, vale lembrar a iniciativa do *editor* Lobato em levar livros até os “recônditos” brasileiros: “*Fazemos o livro cair no nariz de todos os possíveis leitores desta terra. Não nos limitamos às capitais, como os velhos editores. Afundamos por quanta biboca existe.*”⁷¹ A idéia é levada adiante e

⁷⁰ LOBATO, Monteiro. *Barca de Gleyre*, tomo 1, p. 362.

⁷¹ *Ibidem*, p. 239.

assim Lobato dá início à revolução editorial, promovida por meio de ousada estratégia de venda: pedir indicação para os correios de firmas que pudessem vender livros e oferecê-los por consignação, para que a mercadoria antes só acessível aos moradores da capital, pudesse ser lida por toda a gente, em toda parte.

Ou seja, o rural está no *interior* dos livros lobatianos, o que dá ao escritor o rótulo de *regionalista* na história literária. Segundo Antonio Cândido e José Aderaldo Castello, a obra de Lobato:

...é variada: contos, crônicas e artigos, ensaios quase panfletórios, e literatura infantil. Destaca-se aqui o sentido da obra do contista de feição regionalista. Ela está presa à experiência no interior, compreendido sobretudo nos limites da região que se denominaria das “cidades mortas”...⁷²

Bosi, em *História concisa da literatura brasileira*, ao tratar do regionalismo, faz uma resenha de Lobato:

Deixamos de propósito em último lugar, nesta resenha de escritores com intenções regionalistas, o nome de Monteiro Lobato. O papel que Lobato exerceu na cultura nacional transcende de muito a sua inclusão entre os contistas regionalistas.⁷³

O rural está também na *distribuição* de livros. *Afundar por quanta biboca existe* pode significar *levar a roça para a roça*.

Como já se viu, o espaço rural agradava a seus leitores, pois além dos interioranos, o seu público era constituído também por moradores da cidade, que - como o próprio escritor, para alguns estudiosos - ainda estavam ligados ao campo:

A idéia de ir buscar no campo a força (a famigerada força telúrica) da inspiração, o veio por explorar, o motor de toda uma grande obra, tem muito que ver com a própria origem, formação e mesmo atividade de Lobato. Ligado à terra por gerações e ele próprio fazendeiro, em dado

⁷² CANDIDO, Antonio, CASTELLO, José Aderaldo. *Presença da literatura brasileira – II*, p. 345.

⁷³ BOSI, Alfredo. *História concisa da literatura brasileira*, p. 241-242.

momento, era natural que localizasse no fabuloso Sítio de Dona Benta a arquitetura de sua literatura infantil, sabendo que a mensagem se irradiava para o universo brasileiro e atingia crianças na cidade, encerradas nos guetos das casa de cômodos e dos blocos de apartamentos.⁷⁴

Em vista do predomínio do universo rural em outras obras do período é interessante observar como Lobato soube utilizar o espaço conhecido e preferido das crianças e, ao mesmo tempo, fazer com que o Sítio do Picapau Amarelo se diferenciasse dos muitos ambientes igualmente rurais presentes – como já se viu – em outros livros infantis da época.

Maria das Graças Paulino, em “Leitura Popular: o novo e o repetido”⁷⁵, diz que Lobato constatou que a maioria das pessoas gostava de boa dose de repetição. Neste artigo, a autora se detém a comentar a linguagem do escritor infantil, que almejava inovações, porém recusava aquelas que impedissem o entendimento do texto por parte do leitor. Assim, o *repetido* seria o ponto de partida do escritor, que opta pela linguagem clara e simples, limitando as inovações a neologismos, opção que corresponde a um discurso sem maiores rupturas, capaz de comunicar-se com leitores infantis.

Essa proposta de usar o *repetido* enquanto elemento conhecido pelo público e a partir dele inserir a novidade pode também explicar a ambientação dos livros infantis do escritor.

O espaço rural era constante e apreciado pelo público infantil, que se identificava com ele e, talvez por isso, Lobato se vale como muitos escritores do período, do “sucesso” do espaço de sítios e fazendas, construindo num sítio a saga do Picapau Amarelo. Com o elemento comum, conhecido do público, Lobato lança o *novo*, responsável por diferenciar sua obra das demais. No caso do espaço do sítio, a inovação se daria pela conotação especial que a ele é conferida, como sugere este trabalho.

Assim, o sítio construído por Monteiro Lobato, embora tão utilizado e comum nos livros infantis da época, se diferenciou dos demais pela dimensão metafórica, tornando-se, assim, ponto de referência da literatura infantil brasileira.

⁷⁴ ALVAREZ, Reynaldo Valinho. *Monteiro Lobato: escritor e pedagogo*, p. 48.

⁷⁵ PAULINO, Maria das Graças. *Leitura Popular: o novo e o repetido*. In: ZILBERMAN, Regina (org.). *Atualidade de Monteiro Lobato: uma revisão crítica*, Porto Alegre: Mercado Aberto, 1983.

Embora o mundo rural predomine, é visível seu progressivo enfraquecimento. O Sítio do Picapau Amarelo, apresentado no início da série com características aparentadas às fazendas cafeeiras paulistas, perde aos poucos este valor e assume gradativamente conotação metafórica. Passa a representar cada vez mais o Brasil do modo como Monteiro Lobato desejava que o País fosse.⁷⁶

O escritor de *Urupês*, atento aos progressos e mudanças na sociedade, transforma pouco a pouco o Sítio do Picapau Amarelo. Essa mudança operada na representação do local onde mora Dona Benta permite levantar a hipótese de sintonia entre o sítio e o Brasil, refletindo-se no Picapau Amarelo a transformação da sociedade brasileira. Se o escritor, no momento em que “repetia” e afirmava a predominância do espaço rural na literatura infantil brasileira, ia ao encontro da tendência nacional, as alterações sofridas pelo sítio do Picapau Amarelo, talvez inspiradas em diferentes modos de ver o país, serviriam para confirmar esta hipótese.

⁷⁶ ZLBERMAN, Regina, LAJOLO, Marisa. *Um Brasil para crianças: para conhecer a literatura infantil brasileira: história, autores e textos*, p. 64-65.

2.2. O Sítio do Picapau Amarelo – Brasil

“*O universalismo de Lobato coube nos limites estreitos de um sítio em Taubaté.*”⁷⁷

Com o tempo e ao longo da construção de sua obra, o Sítio do Picapau Amarelo deixou de ser o pequeno ambiente que muito se assemelhava aos sítios e fazendas paulistas e foi pouco a pouco tomando grandes proporções, não territoriais, mas simbólicas, porque foi se desenvolvendo de modo a talvez representar em um pequeno espaço de terra, o Brasil todo, através de seus personagens e modo de vida.

Nesta leitura, o sítio passa a simbolizar não uma região, mas o país todo – o sítio se torna o Brasil⁷⁸.

Considerando alguns aspectos sociais da cidade de São Paulo dos anos 30 e retornando à obra de 39 pode-se relacionar a mudança dos personagens provenientes de diferentes literaturas para o sítio com a chegada dos imigrantes no Brasil, apontada por diferentes estudiosos como marcante.

Conforme Alvarez, na década de 30, havia no país desemprego latente, face ao qual as pessoas a fim de sobreviverem começam a dedicar-se a ocupações alternativas (camelôs, artistas populares, jogadores de futebol), ficando o trabalho braçal reservado ao imigrante pobre. São Paulo é o registro mais evidente do fenômeno, que assiste à fixação dos imigrantes e a seu crescimento profissional e econômico: “*Árabes, japoneses, judeus, italianos vêem as novas gerações de filhos, netos e bisnetos assumirem a direção de empresas, entidades públicas, assentos na Câmara e no Senado, governos de Estado, ministérios.*”⁷⁹

Talvez seja possível estabelecer um paralelo entre a onda imigratória e o fato de, em *O Picapau Amarelo*, os personagens fabulosos abandonarem as terras onde nasceram e permaneceram durante toda a vida trocando-as pelo território do Picapau Amarelo, onde poderiam viver tranqüilamente, como declara Pequeno Polegar: na carta em que anuncia o projeto de mudança.

⁷⁷ LAJOLO, Marisa; ZILBERMAN, Regina. *Literatura infantil brasileira: História & Histórias*, p. 28

⁷⁸ LAJOLO, Marisa; ZILBERMAN, Regina. *Literatura infantil brasileira: História & Histórias*. 6.ed. São Paulo: Ática, 2004.

⁷⁹ .ALVAREZ, Reynaldo Valinho. *Monteiro Lobato: escritor e pedagogo*, p. 21.

“Prezadíssima Senhora Dona Benta Encerrabodes de Oliveira: Saudações. Tem esta por fim comunicar a V. Ex.^a que nós, os habitantes do Mundo da Fábula, não agüentamos mais as saudades do Sítio do Picapau Amarelo, e estamos dispostos a mudar-nos para aí definitivamente. O resto do mundo anda uma coisa das mais sem graça. Aí é que é o bom. Em vista disso, mudar-nos-emos todos para sua casa – se a senhora der licença, está claro...”⁸⁰

O sítio recebe os novos habitantes da forma mais amigável possível e proporciona a eles um pedaço de terra onde construiriam suas casas, castelos, mares, jardins e bosques. Poderiam refazer a vida em um território que, como o Brasil, recebeu os novos moradores – imigrantes - de forma acolhedora, favorecendo que as diversas culturas compartilhassem um mesmo espaço.

Esta acomodação e acolhimento oferecido pelo pessoal do sítio pode mimetizar a maneira como estrangeiros encontraram no espaço brasileiro, conforto e liberdade para morarem, trabalharem e se desenvolverem. No caso das personagens do Mundo da Fantasia, eles também contavam com a amizade dos *picapaus* que, com respeito e carinho, ajudaram-nos a se acomodarem da melhor forma possível no novo espaço:

– Eles sempre sonharam uma coisa assim. Nunca puderam habitar numa terra que fosse unicamente deles. Uns moravam em livros, outros na cabeça das crianças. Agora vão ser donos de um território só deles. Vão sossegar, os coitados.⁸¹

Até mesmo a organização e construção dos lares nas Terras Novas do sítio pode ser lida como assemelhando-se à forma de fixação dos imigrantes, cada grupo, segundo a nacionalidade, fixando moradia em locais próximos, dando idéia de bairro, comunidade, colônia. A terra das Mil e Uma Noites, por exemplo, ficava atrás de um morro, à direita, enquanto que no fim dela se situava a zona dos deuses e heróis gregos. Naturalmente que, como o lugar onde viviam constituía parte do sítio, os novos habitantes conviviam e conversavam, sendo que alguns já se conheciam e estavam familiarizados uns com os outros.

⁸⁰ LOBATO, Monteiro. *O Picapau Amarelo*, p. 12.

⁸¹ *Ibidem*, p. 17.

Se cada personagem tinha os costumes de sua cultura de origem, a influência do sítio e das outras culturas com as quais conviviam, fizeram com que os novos habitantes alterassem alguns de seus hábitos. Branca de Neve, por exemplo, passa a cozinhar e faz “cocadas de fita” para o pessoal do sítio.

A relação entre os moradores tornou-se tão próxima que a ajuda de alguns personagens salvou vidas de outros, como é caso de Branca de Neve que, após a invasão do mar dos Piratas em suas terras, fica presa junto com os anões na torre de seu castelo, sendo salva por Pégaso, que a traz para terra firme. Este caráter *cooperativo* manifestado entre os habitantes das Terras Novas parece aproximar-se de idêntico traço manifestado por imigrantes na nova sociedade, segundo Petrone⁸².

Prosseguindo o paralelo entre a mudança de personagens de diferentes tradições para o sítio de Dona Benta e o grande número de imigrantes recebidos por São Paulo, podemos encontrar, na história de Lobato, as três fases que, segundo Martins⁸³, uma mudança compreende.

Primeira, a motivação para migrar, necessidades e disposições que levam as pessoas de um lugar para o outro.

Segunda, a transição física da sociedade original para a nova.

Terceira, a assimilação dos imigrantes pela sociedade e cultura da nova sociedade. Durante essas fases, a pessoa reduz suas relações ao seu grupo étnico e cultural, só depois passando a estabelecer relações no interior da nova sociedade.

No livro de Lobato, a carta do Polegar na abertura pode representar a primeira fase, o desfile dos recém-chegados; a segunda, a instalação dos personagens em grupos - que assistem os moradores - a convivência ao longo da história entre os novos moradores e entre eles e os moradores do sítio, seja ela harmoniosa ou conflituosa; e a terceira, a adaptação dos personagens estrangeiros ao ambiente do sítio.

A aproximação da figura do imigrante e dos personagens estrangeiros pode dar-se também, pela semelhança dos problemas decorrentes do processo de mudança. Segundo Petrone:

⁸² PETRONE, Maria Thereza Schorer. *O imigrante e a pequena propriedade (1824 – 1930)*.

⁸³ MARTINS, José de Souza. *A Imigração e a Crise do Brasil Agrário*, p. 20.

A história do imigrante e da pequena propriedade não é feita apenas de sucessos, de crescimento de população, de aumento de produção e ocupação de áreas estratégicas, etc. A realidade, às vezes, é muito dura. Dificuldades mil, problemas inesperados não permitem o sucesso de todos.⁸⁴

Algumas das dificuldades mais constantes enfrentadas pelos imigrantes se relacionavam com a própria condição do terreno.

O imigrante enfrentou dificuldades de toda ordem. Em muitas áreas de colonização havia problemas de demarcação de lotes, dando origem a constantes litígios.

(...)

As estradas eram um problema constante. Mal traçadas e pessimamente conservadas,...⁸⁵

Em *O Picapau Amarelo*, no que se refere ao processo de mudança dos personagens estrangeiros, os problemas se assemelham às dificuldades do imigrante, citados pela autora. Branca de Neve, por exemplo, comenta do problema das Terras Novas em relação aos preparativos que poderiam ter sido feitos a fim de facilitar a acomodação de todos: “*Outro inconveniente das Terras Novas – continuou Branca – é que os terrenos não estão arruados, nem loteados – não há boas estradas, não há pontes.*”⁸⁶

Em decorrência disso, passam a ocorrer outros problemas, causando desentendimentos e brigas. Enquanto muitos dos personagens obtêm sucesso na disposição de suas casas, outros não se adaptam, e decidem mudar de local, como é o caso de Rosa Vermelha.

Esta mudança para as Terras Novas tem trazido grandes trapalhadas. Muitas brigas por causa de terrenos. Um quer ficar, outro não quer ficar, perto do outro. Rosa Vermelha está de mal com Rosa Branca e depois de erguer o seu palácio num ponto, resolveu mudá-lo para adiante – bem longe de Rosa Branca. Mas o

⁸⁴PETRONE, Maria Thereza Schorer. *O imigrante e a pequena propriedade (1824 – 1930)*, p. 72.

⁸⁵ Ibidem, p. 73.

⁸⁶ LOBATO, Monteiro. *O Picapau Amarelo*, p. 24.

novo ponto por ela escolhido já está ocupado pelo pessoal das “Mil e Uma Noites”.⁸⁷

Alguns personagens não trouxeram bagagens nem tinham a intenção de construir sua própria casa. O Pequeno Polegar, por exemplo, veio apenas com suas botas de sete léguas e, sem moradia, resolveu apossar-se da casa de João-de-barro, no Cedro Grande. Os pássaros, ao verem sua casa invadida por um intruso, iniciaram uma briga:

– Estive lá na cerca – disse ele [Rabicó] e vi uma briga muito séria. Os dois passarinhos do Cedro Grande voltaram do passeio e descobriram dentro da casa de barro um intruso qualquer. Ficaram furiosíssimos e estão se batendo com o intruso.⁸⁸

Em processo de ocupação territorial, demarcação de propriedade e fixação de casas são problemas difíceis de serem resolvidos e a história narrada em *O Picapau Amarelo*, nem por ser divertida deixa de registrar a violência da nova ordem: “*Os dois passarinhos investiam furiosos contra o intruso, procurando deitá-lo fora. Polegar, sem arma nenhuma, defendia-se com as botas.*”⁸⁹

Observe-se que as Terras Novas foram *compradas* por Dona Benta, que embora sendo sua proprietária, não interferiu na ocupação delas pelo pessoal do Mundo da Fábula, deixando que os novos habitantes se organizassem e resolvessem seus problemas.

Nas novas terras não havia leis: o tempo de instalação e de mudança dos moradores não havia sido suficiente para que se formasse uma sociedade, onde, conseqüentemente, surgiria a necessidade da criação de normas. Essa situação levou à briga – talvez exemplar – entre o Polegar e os joões-de-barro pela “posse” de um território, tornando-se necessária a intervenção do pessoal do sítio para resolverem o que o Visconde chama de *litígio*:

Um conflito de direito – o choque de dois direitos, um direito-torto e um direito-direito. Polegar julgou-se com o direito-torto de

⁸⁷ Ibidem.

⁸⁸ Ibidem, p. 22.

⁸⁹ Ibidem, p. 22.

ocupar a casa dos joões, os dois joões estavam no direito-direito de resistir. Começou a luta.⁹⁰

Dona Benta se inclui entre os defensores da luta pela posse do espaço, revestida da aura da palavra *lar*, literalmente sacralizada. “– *Quem errou foi você Polegar, não eles. Os passarinhos estavam no seu direito – estavam defendendo o ninho. O ninho é o lar – uma coisa sagrada.*”⁹¹

Assim como a chegada dos personagens estrangeiros nas Terras Novas e tudo que envolve seu processo de acomodação se aproximam da imagem do imigrante, as diferentes etnias e culturas que passam a compor o cenário do sítio podem ser lidas também a partir da mistura étnica que caracteriza o Brasil. Deste modo, é possível considerar a constituição das Terras Novas como metáfora da nova situação brasileira: sociedade pluriétnica, mestiça.

A pluralidade étnica está a um passo da mestiçagem.

No caso de *O Picapau Amarelo*, isso se revela através de Branca de Neve, heroína de origem européia que, depois de se tornar viúva, quase se casa com o príncipe Codadade, de origem árabe, da Terra das Mil e Uma Noites. A mera intenção do casamento já é um indício de, num sentido amplo, miscigenação, como a que alguns estudiosos apontam na sociedade contemporânea de Monteiro Lobato:

A noção de realidade de Lobato, no que se refere à composição étnica da sociedade de sua época, está expressa na galeria de tipos de suas obras para crianças. Além do branco, do negro e dos mestiços tradicionais, lá está o “turco” (nada mais que o árabe, seja ele o sírio ou o libanês), figura encontrada como comerciante, mascate ou proprietário rural no interior brasileiro.⁹²

Entretanto, o enlace entre Branca de Neve e o príncipe das Mil e Uma Noites fica apenas na intenção, pois a invasão dos “penetras” na festa causa muita confusão e correria, Branca de Neve desmaia e o príncipe Codadade e seus convidados se preparam para uma possível batalha com os monstros. Será que a não realização do casamento propõe um olhar

⁹⁰ Ibidem, p. 25.

⁹¹ Ibidem, p. 46-47.

⁹² ALVAREZ, Reynaldo Valinho. *Monteiro Lobato: escritor e pedagogo*, p. 29.

negativo sobre a miscigenação - característica do Brasil – então representada em *O Picapau Amarelo* pelo fracasso do casamento entre dois personagens de origem e cultura diferentes?

A situação dos imigrantes no Brasil, durante a época em que Lobato era ainda estudante, é referida em um dos seus primeiros artigos, “A Doutorice”⁹³, onde aparece a revolta do escritor diante do quadro da bacharelise nacional e do afastamento que os jovens da elite brasileira mantinham das atividades econômicas do país, o que permitia ao estrangeiro ocupar posição privilegiada no comércio e na indústria.

Enquanto isso o estrangeiro toma todas as posições e assedia-nos economicamente.

O português, que menoscabamos, é o dono do Rio de Janeiro; o italiano, que tratamos d’alto, monopoliza as indústrias e o comércio de São Paulo; ingleses e americanos, aos quais criticamos os sapatões de sola grossa, senhoream-nos o alto comércio.

Fortunas enormes amontoam-se-lhes nas mãos, laboriosamente acumuladas umas, outras conquistadas de pronto por meio de inteligentes rasgos de audácia.⁹⁴

A imagem da chegada dos estrangeiros no Brasil pode talvez relacionar-se com a enorme quantidade de personagens estrangeiros que vieram para o sítio, comparado-os com os poucos habitantes do Picapau Amarelo: “*Horas e horas passavam na cerca, vendo chegar aquele povaréu maravilhoso (...) Lá estavam todos encarapitados, com os olhos fixos na procissão sem fim dos personagens fantásticos, de mudança para as Terras Novas.*”⁹⁵

Ao longo da narrativa de *O Picapau Amarelo*, algumas referências denotam a precaução de Dona Benta ao receber os novos moradores, A primeira é a idéia da construção de uma cerca que separasse as terras do sítio das terras adquiridas para

⁹³ Não foi encontrada referência acerca da data e local de publicação deste artigo. Entretanto, se levarmos em conta a nota presente no artigo: "Um dos primeiros artigos de M. L., quando ainda estudante. O quadro da bacharelise e do afastamento em que os moços se mantinham das atividades econômicas, assusta-o", pode-se dizer, talvez, que ele seja datado entre os anos de 1899 e 1904.

⁹⁴ LOBATO, Monteiro. *Mundo da Lua e Miscelânea*, p. 147.

⁹⁵ LOBATO, Monteiro. *O Picapau Amarelo*, p. 18.

acomodar os novos habitantes: “*E podemos fazer uma coisa, vovó: uma cerca de arame que separe o sítio velho das Terras Novas. Ficamos nós aqui e eles nas Terras Novas.*”⁹⁶

A cerca dá a idéia de “limite”, maneira prudente de evitar a invasão de personagens fabulosos, - símbolos da cultura estrangeira - o que pode, talvez, representar uma posição de Lobato diante de uma possível “invasão” estrangeira.

A segunda referência é a condição imposta por Dona Benta ao pessoal do Mundo da Fábula:

Que viessem todos – todos, todos, até o Barba Azul – mas com a condição de não invadirem o sítio, de não pularem a cerca. Eles ficavam para lá da cerca e ela e os netos ficavam para cá da cerca, nas velhas terras do sítio. Quando algum quisesse visitá-los, tinha de tocar a campainha da porteira e esperar que o Visconde abrisse. Proibido pular. Quem o fizesse, correria o risco de espetar-se no pontudo chifre de Quindim.⁹⁷

E talvez não seja exagerado interpretar que o Quindim enquanto guarda da porteira representa uma solução de força caso as condições de Dona Benta sejam violadas.

Se acima se assinalou a falta de normas que regessem a ocupação das terras novas (política interna), esta passagem sugere o estabelecimento de normas que afetam o relacionamento das terras novas com as “terras velhas” (política externa).

Essas medidas, apesar de apontarem o desejo de uma separação rígida entre as terras, apresentam um fator de tolerância: no meio da cerca existe uma porteira de peroba. Com cadeado, mas uma porteira. O fato de haver uma porteira – que pode ser aberta – sugere o possível contato entre os espaços e seus habitantes. Estaria cifrada nesta passagem a idéia dos benefícios das influências estrangeiras até o limite em que o influenciado (o sítio – Brasil) não perca sua identidade?

Chegados os novos moradores às novas terras, a história de Lobato ressalta as conseqüências desse convívio, ou seja, as alterações provocadas na vida do pessoal do sítio com a chegada de novos habitantes. Se antes Dona Benta era a responsável pela organização e administração do Picapau Amarelo, a partir deste momento ela se torna uma figura imprescindível para que o sítio permaneça como antes. Assim, ela continua com o

⁹⁶ Ibidem, p. 13.

⁹⁷ Ibidem, p. 16.

poder de tomar as decisões mais sensatas e coerentes para manter a ordem e o clima de felicidade que habita o Picapau.

De modo mais geral, pensando no sítio além das fronteiras brasileiras, ele, em *O Picapau Amarelo* se torna a representação de um mundo social, a partir da presença de personagens estrangeiros, da construção de um novo território, e da convivência entre os habitantes lobatianos e os provenientes da literatura universal. Esse território se torna um espaço que abriga uma população constituída por diferentes culturas e isso se aproxima da representação das relações humanas e com a natureza, comuns no mundo real e fictício.

2.3. A República de Dona Benta: o sítio de Dona Benta e a república de Platão

Na obra *A reforma da natureza* (1941) o sítio do Picapau Amarelo constitui um espaço mais complexo que um mero local mágico, pano de fundo para aventuras. Nesta obra ele é comparado a uma “*pequena república*”⁹⁸, um “*maravilhoso pequeno país*”⁹⁹, o que torna muito significativo o título da obra de André Vieira Campos: *A República do Picapau Amarelo*.¹⁰⁰ Campos, em seu trabalho, defende que a literatura pode além de testemunhar a sociedade, revelar os conflitos e os desejos que não foram realizados; recuperando o pensamento político de Lobato ele discute como a sociedade brasileira, das décadas de 10 a 40, se faz presente no conjunto de obras lobatianas, sobretudo no espaço do Picapau Amarelo.

A concepção do sítio de Dona Benta como república talvez permita estabelecer uma relação entre o sítio do Picapau Amarelo e a República idealizada por Platão. O diálogo entre o sítio e a república de Platão, aliás, sugerida pelo próprio Lobato, é significativo no sentido de permitir que se reconheça na propriedade de Dona Benta a tentativa de Lobato em retomar preceitos de Platão em *A República* e aplicá-los no modo de organização e de vida do pessoal do Picapau Amarelo.

O autor de *Reinações de Narizinho*, em entrevista¹⁰¹ a Mário da Silva Brito, para o *Jornal de S. Paulo*, expressa a aproximação dos dois espaços ao comentar sobre o que pensa a personagem Emília do país:

– Emília e Tia Nastácia têm idéias muito sérias a respeito do Brasil. Ambas desejam que este “gigante deitado em berço esplêndido” seja como o sítio de Dona Benta, este lugar onde todos vivem felizes, contentes uns com os outros, e onde há plena liberdade de pensamento. Querem que o país todo se torne um sítio de Dona Benta, o abençoado refúgio onde não há opressão nem cárceres – lá não se prende nem passarinho na gaiola. Todos são comunistas à sua moda, e estão

⁹⁸ LOBATO, Monteiro. *A Reforma da Natureza*, p. 194.

⁹⁹ *Ibidem*.

¹⁰⁰ CAMPOS, André Luiz Vieira de. *A República do Picapau Amarelo: uma leitura de Monteiro Lobato*. São Paulo: Martins Fontes, 1986.

¹⁰¹ Não há referência à data desta entrevista.

realizando a República de Platão, com um rei-filósofo na pessoa de uma mulher: Dona Benta.¹⁰²

Afirmar que os habitantes do Picapau estão realizando a República de Platão aponta para um processo gradual, de aperfeiçoamento do sítio, talvez desenvolvido ao longo de toda a obra lobatiana, inclusive no esforço de re-escritura, como se pouco a pouco, a partir de esforços para a melhoria da vida no sítio, esse espaço fosse se desenvolvendo na perspectiva de se assemelhar à República proposta por Platão. Milena Ribeiro Martins, em sua tese de doutorado¹⁰³, analisa a atuação de Monteiro Lobato como editor de sua própria obra, que alterava seus textos com frequência. Cilza Bignotto, em sua dissertação de mestrado,¹⁰⁴ também comenta esta característica do escritor.

A república concebida por Platão e o sítio inventado por Lobato discutem a representação de uma república ideal - Platão na forma abstrata das leis que, a priori, formatarão uma sociedade ideal, e Lobato na concretude da narração de histórias cujo espaço – o sítio – parece acolher uma tentativa de realizar esta sociedade.

Se há, na propriedade de Dona Benta, toda uma organização que legitima o espaço do sítio como representante de uma sociedade e das relações nela existentes, é na obra *O Picapau Amarelo* que isto pode ser observado de forma mais nítida, precisamente porque nesta narrativa ocorre a mudança de personagens estrangeiros para o sítio.

O aumento no número de habitantes causa transtornos para o pessoal do sítio, cujo território é aumentado e eles passam a conviver com novos personagens, muitos deles desconhecidos. Assim, alteram-se as relações entre os moradores, muda o cotidiano de Dona Benta e de seus netos, e como consequência disso o cuidado e a preocupação com a organização e a administração do sítio passa a ser redobrada: a “República do Picapau Amarelo” se transforma, se aperfeiçoa e se torna mais complexa, o que exige cuidados maiores por parte da proprietária Dona Benta.

¹⁰² LOBATO, Monteiro. *Prefácios e Entrevistas*, p. 298-299.

¹⁰³ MARTINS, Milena Ribeiro. *Lobato edita Lobato: história das edições dos contos lobatianos*. Tese de Doutorado em Literatura Brasileira defendida no Instituto de Estudos da Linguagem (IEL) da Unicamp, em 2004. Esta tese encontra-se disponível no site www.unicamp.br/iel/monteirolobato

¹⁰⁴ BIGNOTTO, Cilza Carla. *Personagens infantis da obra para crianças e da obra para adultos de Monteiro Lobato: convergência e divergência*. Tese de Mestrado em Teoria Literária, defendida no Instituto de Estudos da Linguagem (IEL) da Unicamp, em 1999. Esta dissertação encontra-se disponível no site www.unicamp.br/iel/monteirolobato

Se a avó de Narizinho assumia com responsabilidade e prudência a tarefa de governar o sítio, a partir da mudança ocorrida nele, suas decisões passam a ser tomadas de forma mais cuidadosa, para que possam continuar garantindo o bem estar e a harmonia entre velhos e novos habitantes.

Na obra de Platão é grande a importância dada à figura do governante, sobretudo porque o autor considera que a condição do governante é igual à do Estado governado por ele. Partindo dessa idéia pode-se considerar o *sítio do Picapau Amarelo* como *República de Dona Benta*. Embora um tal título sugira *posse* e *autoridade* da proprietária, dentro dos objetivos deste trabalho, ele pretende sublinhar a importância da figura dessa avó para o desenvolvimento e administração do Picapau Amarelo. Assim, “A República de Dona Benta” não mostra Dona Benta enquanto proprietária, mas mostra o sítio enquanto local característico das idéias, sentimentos e ações de uma avó – governante – ou como aponta André Vieira: compreensiva e democrática.

Sendo o Sítio um país imaginário, onde se projeta um modelo de ordem perfeita, nada mais natural que pensar que “no dia em que nosso planeta ficar inteirinho como é o sítio não só teremos paz eterna como a mais perfeita felicidade”. E o segredo desta harmonia reside na postura da autoridade máxima do Sítio.¹⁰⁵

Desta forma, se o Estado reflete a postura do governante, este deve ser escolhido sob a mais rigorosa avaliação. Para Platão, alguns requisitos que facilitam ou determinam a escolha de uma pessoa para o poder, são a *experiência*, a *prudência* e o *raciocínio*, todas três encontradas em Dona Benta.

Para Platão, a *experiência* está ligada à idade, pois esta proporciona ao indivíduo a maturidade, característica importante em um governo que se queira marcado pela reflexão, pelo equilíbrio e pelo bom senso. É por isso que na república idealizada por Platão ninguém deverá ser admitido ao governo antes da idade de cinquenta anos.

Aliada à experiência, a prudência ajuda na configuração de um governante ideal. Ele deve ter cuidado e não ser precipitado em suas decisões e escolhas, para que uma atitude apressada não prejudique a sociedade. Dona Benta mostra ser uma pessoa prudente,

¹⁰⁵ CAMPOS, André Luiz Vieira de. *A República do Picapau Amarelo: uma leitura de Monteiro Lobato*, p. 134.

por exemplo, ao conversar com o Pequeno Polegar, mostrando a ele os perigos do ato de achar e de pensar levianamente: “– *Esse negócio de pensar é muito sério, Polegar. Temos que pensar, sim, mas pensar certo. Quem pensa errado, quebra a perna...*”¹⁰⁶. Ligadas à prudência, a *paciência* e a *capacidade de reflexão* são qualidades que também devem estar presentes no chefe ideal, assim como o *raciocínio*, que completa a caracterização do governante imaginado por Platão.

O filósofo liga estas virtudes aos idosos, por isso o elogio à velhice é constante em todo texto:

...deleito-me em conversar com os velhos (...) E agora que és chegado a esse período da vida, a que o poeta chama o limiar da velhice, não há opinião que se afigure mais preciosa que a tua.¹⁰⁷

As palavras de Sócrates mostram o respeito que se deve ter pelos mais velhos, principalmente com suas palavras e seu modo filosófico e sábio de pensar.

Para Campos, a sabedoria é a qualidade que mais chama a atenção em Dona Benta. O seu poder representa a democracia e a tolerância, e sua relação com os outros personagens são mais de harmonia do que de conflito. A felicidade encontrada no sítio talvez se dê pela escolha de Lobato de uma avó culta e compreensiva como figura central da “família do Picapau Amarelo” e da supressão das figuras de pai e mãe em suas obras infantis, as quais, apesar de significarem o amor e o afeto, também representam a repressão.

Segundo Regina Zilberman, o autor, ao optar pela avó de Narizinho, opta pela tolerância, pois “*o poder de D. Benta representa uma concepção mais aberta e menos opressiva de autoridade.*” Assim, Lobato oferece ao sítio um governo caracterizado pelo equilíbrio, bom senso, liberdade e diálogo, tornando-se o bem estar coletivo reflexo da “administração” sábia e ponderada de Dona Benta.

Também para Zilberman, a presença de Dona Benta é fundamental para o sítio do Picapau Amarelo consistir um lugar ideal: sendo “dirigido” por uma pessoa culta, inteligente, bem intencionada e competente manifestam-se nele qualidades de um modelo de político que, segundo Lobato, deveria governar o Brasil. Além disso, Dona Benta escuta

¹⁰⁶ LOBATO, Monteiro. *O Picapau Amarelo*, p. 147.

¹⁰⁷ PLATÃO. *A República*, p. 11.

a todos e acolhe opiniões divergentes, optando sempre por uma solução que visa beneficiar a todos.

O sítio, para Zilberman, é uma espécie de paraíso, onde a liberdade é garantida por meio da representação da figura de Dona Benta em relação ao Picapau Amarelo: ela é sua proprietária, mas jamais incorre no exercício do poder autoritário.

A governante escolhida por Lobato também se aproxima dos ideais de Platão ao defender os interesses da república. Para o filósofo, não há hesitação na resposta à questão: “– (...) *a quem havemos de escolher senão os de maior vigilância e exatidão na defesa dos interesses da república?*”¹⁰⁸

Exemplo da proteção que Dona Benta confere à “sua república” e aos seus habitantes aparece em *O Picapau Amarelo*, quando o sítio recebe como moradores muitos personagens estrangeiros. A mudança causa alegria para o pessoal do Picapau, mas gera também preocupação e Dona Benta precisa tomar algumas precauções a fim de manter a ordem habitual do sítio e o bem estar de seus habitantes.

Quando recebe a carta do Polegar avisando da chegada dos personagens estrangeiros, Dona Benta se mostra duvidosa: “*Mas Dona Benta estava incerta. A população do Mundo da Fábula era grande; como acomodá-la toda ali num sitio que não tinha mais de cem alqueires de terra?*”¹⁰⁹ Tudo se resolve com a compra de duas fazendas vizinhas, e a segurança do pessoal do sítio fica preservada por meio de um acordo com o Pequeno Polegar: “*Que viessem todos – todos, todos, até o Barba Azul – mas com a condição de não invadirem o sítio*”¹¹⁰. Contudo, para delimitar as fronteiras entre o sítio e as Terras Novas e reforçar a segurança do pessoal, por inspiração da avó, Pedrinho teve a já aqui mencionada idéia de construir uma cerca. A avó aprova a lembrança do neto e começa a imaginar o que poderia acontecer sem a separação das terras.

– Sim, boa idéia. Fazemos uma cerca de arame com porteira – e porteira de cadeado. Confio a chave ao Visconde. Só abriremos quando nos convier. Se não, invadem-nos isto aqui e ...¹¹¹

¹⁰⁸ PLATÃO, *A República*, p. 126.

¹⁰⁹ LOBATO, Monteiro. *O Picapau Amarelo*, p. 13.

¹¹⁰ *Ibidem*, p. 16.

¹¹¹ *Ibidem*, p. 13.

A segurança do sítio é garantida mesmo quando Dona Benta está ausente, pois nestas situações ela delega a função de administrador e protetor a alguém de sua confiança, como faz ao partir para um cruzeiro pelas terras novas. A avó pede para o Burro Falante tomar conta do sítio:

– Pois foi o que aconteceu – dizia o burro. – Dona Benta partiu com os meninos e deixou-me na administração do sítio. Minha responsabilidade é grande. Há plantações a fazer, caminhos a consertar, mil coisas...¹¹²

É interessante observar que o episódio serve para Lobato – pela boca do Conselheiro – exprimir um certo pessimismo irônico: “*Somos quadrúpedes no físico e no moral; isto é, a nossa lealdade se firma em quatro pés, não só em dois, como a dos bípedes humanos.*”¹¹³

A preocupação de Dona Benta com o bem estar dos habitantes e com a harmonia no sítio é motivo pelo qual o “seu povo” retribui em lealdade a qualidade de vida e a liberdade que o governo de Dona Benta lhes assegura. Assim, a lealdade a Dona Benta é característica dos personagens do sítio, e é responsável por, em *O Picapau Amarelo*, o Conselheiro garantir: “*Por capim nenhum no mundo nós trairíamos os nossos amados donos*”¹¹⁴

A principal razão da retribuição, da lealdade e do amor dos habitantes do sítio por Dona Benta é que como governante ela se preocupa, sobretudo, com os governados, atitude que marca a essência de sua administração: governar em benefício do povo. Assim, também na República de Platão, onde as “leis” devem ser entendidas como um conjunto de normas que têm a função de organizar e facilitar a administração e de modo algum devem ser usadas em benefício próprio do “chefe”.

¹¹² Ibidem, p. 51.

¹¹³ Ibidem, p. 52.

¹¹⁴ Ibidem.

“...o governante só deve governar na medida em que se considere a serviço dos governados e aja como se assim estivesse.”¹¹⁵ No Picapau, as leis e normas que existem beneficiam os habitantes do sítio, sendo a administração de Dona Benta marcada pelo diálogo freqüente, o que facilita o conhecimento dos desejos e pensamentos do seu povo. Com tais medidas, assegura-se a democracia como forma de governo mais adequada para tornar o sítio um exemplo de lugar ideal para se viver.

A democracia de Dona Benta é marcada pelo discurso dialógico: eles constantemente conversam com as outras personagens, pedem-lhes opiniões e as levam em consideração. Esta presença do diálogo é outro ponto de aproximação entre *O Picapau Amarelo* e *A República*: na narrativa de Lobato, ele aparece em todas as decisões a serem tomadas no sítio, enquanto que o texto de Platão é constituído por um longo e esclarecedor diálogo. Sobre esta feição característica das duas obras, Antonio Hohlfeldt comenta: “...coloca-se com enorme importância o discurso dialógico, isto é, o antigo processo socrático de maiêutica. É por isso que toda a narrativa do Sítio do Pica-Pau Amarelo pressupõe diálogo.”¹¹⁶

Por meio do recurso dialógico a governante aceita e acata muitas das opiniões de “seu povo”, inclusive e principalmente, das crianças. Pode-se dizer que o poder democrático da avó de Pedrinho é constituído por diversas vozes que, igualmente importantes, proporcionam melhorias para a vida dos habitantes do sítio.

Um outro detalhe significativo da democracia nesta República é que as decisões – das mais importantes às mais simples – nunca são tomadas por imposição. Sempre se discute e se chega a uma conclusão que, se não for unânime, é pelo menos majoritária. Tanto assim que é comum nas histórias de Lobato a prática das eleições para a tomada de decisões.¹¹⁷

¹¹⁵ PLATÃO. *A República*, p. 13.

¹¹⁶ HOHLFELDT, Antonio. Comparando Lobato com Lobato. In: ZILBERMAN, Regina (org.). *Atualidade de Monteiro Lobato: uma revisão crítica*, p. 107.

¹¹⁷ *Ibidem*, p. 136-7.

As crianças são freqüentemente consultadas por Dona Benta para ajudarem a decidir situações-problema. Quando, por exemplo, surge a necessidade de comprar as terras vizinhas de dois fazendeiros, estes, querendo aproveitar-se da boa situação financeira de Dona Benta, resolvem não fechar negócio, para forçarem uma oferta maior. Para resolver o caso, a avó pede opinião de Pedrinho: “– *Esses homens querem aproveitar-se da situação; fingem não querer vender as fazendas – tudo para me explorar. Que acha que devo fazer, Pedrinho?*”¹¹⁸ Como se vê, Dona Benta dá importância à opinião do neto ao consultá-lo sobre um assunto de negócios, mostrando saber delegar funções, sobretudo as mais adequadas – de um ponto de vista tradicional - ao universo masculino. A avó também pede conselhos a Narizinho sobre como evitar que a presença de D. Quixote e Belerofonte em sua casa se prolongue; Dona Benta precisava, nesta passagem, de sugestões que fossem adequadas à personalidade da menina, pois o “despacho” dos “hóspedes” deveria ser feita de forma “jeitosa”, educada e sutil, que não ofendesse os dois.

– Como há de ser – dizia ela a Narizinho – para que esses dois senhores compreendam que nossa casa não é hotel?

– O jeito, vovó, é arranjarmos hospedaria para D. Quixote no castelo dalguma das princesas. São castelos enormes, com dezenas de cômodos e muita criadagem. Até hão de gostar de ter um hóspede dessa categoria.

– E o herói?

– O herói é o de menos. Dum momento para o outro ele monta no Pégaso e *prrrr!*¹¹⁹

Assim, a chegada de outros personagens ao sítio reforça a atitude democrática e dialógica da proprietária do Picapau Amarelo: logo no início ela confia à boneca a compra das fazendas, negócio que é determinante para a vinda dos personagens fabulosos. Emília pede para Dona Benta entregar o caso a ela e a avó aceita: “– *Pois vamos ver – disse Dona Benta – Fale com os homens e dê lá os jeitinhos necessários.*”¹²⁰

¹¹⁸ LOBATO, Monteiro. *O Picapau Amarelo*, p. 15.

¹¹⁹ *Ibidem*, p. 47.

¹²⁰ *Ibidem*, p. 15.

Como se vê, as crianças participam ativamente da administração do Picapau, cada uma ajudando de acordo com o que lhe é solicitado. Esta divisão de tarefas facilita a organização da república, além de mostrar a importância do trabalho de cada indivíduo que a forma, independente da função que assume na sociedade. Ao idealizar a República, Platão preconiza, por meio da fala de Sócrates, o benefício da divisão de trabalho e a impossibilidade de se ter *qualidade* nas tarefas realizadas por um indivíduo que desempenha múltiplas funções; o filósofo ainda valoriza os ofícios realizados por cada um, considerando-os igualmente imprescindíveis: “– (...) o princípio – não te lembras? – de que é impossível a um só homem desempenhar bem vários ofícios. (...) – Crês que o Estado tenha mais necessidade de um sapateiro que de um guerreiro?” E Glauco responde: “– De modo algum.”¹²¹

Ao discutir o sítio como metáfora política, Campos comenta que o poder representado pela proprietária do Picapau está distribuído por vários personagens que representam “instâncias” desse poder: *Há, portanto, uma pluralidade de formas de poder em relação ao governo de D. Benta.*¹²² O poder de cada personagem liga-se a suas habilidades e características. Tia Nastácia, por exemplo, representa a presença da cultura e saber populares; Emília representa o poder da astúcia, da esperteza e da aptidão; o Visconde tem o poder da ciência e da técnica, é um sábio, mas é diferente de D. Benta, cuja ciência é pragmática, tem objetivos concretos e Quindim, rinoceronte trazido de Uganda, representa a “força bruta”.

Em *O Picapau Amarelo*, o Visconde explica à Quimera como funciona esta “divisão de tarefas” ou de poderes, no sítio. O monstro da mitologia grega queria saber quem mandava no sítio, o qual ela chamava de reino, e o sabinho esclarece:

– Não há nada disso por cá. Somos uma democracia. Há Dona Benta, que é a Tesoureira, ou a Dona. Há dois príncipes herdeiros: Narizinho e Pedrinho. Há a Lambeta-Mor, que é uma tal Marquesa de Rabicó. Há o Ministro da Defesa Nacional, que é o Marechal Quindim. Há a

¹²¹ PLATÃO. *A República*, p. 73.

¹²² CAMPOS, André Luiz Vieira de. *A República do Picapau amarelo: uma leitura de Monteiro Lobato*, p. 139.

Provedora-Mor das Comidas, que é tia Nastácia. Há o Sábio dos Sábios, que é o ilustríssimo Senhor Visconde de Sabugosa...¹²³

A partir disso, é possível reconhecer diversos valores em que se baseia o Picapau Amarelo: diálogo, igualdade entre os habitantes, valorização de cada um e sua função na sociedade. Entretanto, é o cuidado de Dona Benta em governar para o povo que é a principal razão de o sítio ser considerado como “lugar onde todos vivem felizes” e nesta medida concebido por alguns estudiosos como metáfora do país pretendido por Lobato.

Se há, no Picapau, a realização de uma sociedade ideal, isso se deve a Dona Benta, pois, conforme idéia de Platão, a condição necessária para que se realize o Estado perfeito é que ele seja governado por filósofos. Assim, se considerarmos que a “República do Picapau Amarelo” é semelhante à República idealizada por Platão o sítio só poderia ser governado pela sábia e filósofa Dona Benta.

¹²³ LOBATO, Monteiro. *O Picapau Amarelo*, p. 25.

2.4. O sítio é utópico?

Parece, assim, haver de fato uma aproximação entre os dois espaços: o Sítio do Picapau Amarelo e a República, e Lobato parece desejar, através do sítio, apresentar um lugar ideal para se viver. O que, talvez, poderia se dizer é que o Picapau Amarelo é utópico no sentido banalizado da palavra¹²⁴, como mero desejo de uma sociedade baseada em um modo de vida que se afasta da realidade.

Esta relação entre *lugar ideal* e *utopia* tem uma explicação na história da configuração das utopias. Como explica Carlos Eduardo Berriel,¹²⁵ o Renascimento foi o período do surgimento das utopias, marcado pela idéia de os homens se tornarem guias de seu próprio destino e da humanidade em geral. A partir disso, normas de conduta e regras foram criadas para cada aspecto da vida, a fim de organizar e conduzir de forma reguladora as ações das pessoas. São deste período os diversos tratados que traduziam este clima do momento – através de discussões sobre o *perfeito cortesão*, o *perfeito ministro*, o *perfeito homem do mundo*.

Os tratados eram diversos, porém tinham uma característica em comum, o fato de descreverem de maneira detalhada uma sociedade ideal e perfeita.

Outro fator que pode levar a dizer que o sítio é uma utopia, é a própria acepção da palavra, que se refere ao texto utópico inaugural *Utopia* (1516), de Thomas Morus. Segundo Berriel, a pronúncia inglesa da palavra sugere simultaneamente dois significados: um lugar inexistente (u-topia) e feliz (eu-topia), ou seja, o caráter da irrealidade e a descrição da felicidade do Estado modelo.

E o sítio parece preencher todos esses requisitos: é um lugar feliz e inexistente; seus habitantes, Pedrinho e mesmo os personagens do Mundo da Fábula consideram-no como o melhor lugar do mundo para se viver. Apesar de ele apresentar características típicas brasileiras, sua localização é revelada apenas por alusões e o que se sabe é que o endereço

¹²⁴ Raymond Trousson em seu texto *Utopia e utopismo* (traduzido por Ana Claudia Romano Ribeiro) comenta que o descrédito do termo deve ser atribuído a Marx ou Engels denunciando em Saint-Simon ou Owen um “socialismo utópico”, sentimental, um sonho de sociedade construída pelo único esforço da razão. Assim se confirma o sentido de mito, quimera.

¹²⁵ O tema utopia desenvolvido neste texto tem por base os artigos da Revista MORUS: Utopia e Renascimento, n. 2, 2005. Nela há trabalhos de pesquisadores do grupo de estudos sobre Renascimento e Utopia, coordenado pelo Prof. Dr. Carlos Eduardo Ornelas Berriel.

do sítio nunca foi revelado por Dona Benta e nenhum dos picapaus: quando aparece referência a este assunto observa-se um tratamento fantasioso em relação ao lugar onde se instala o sítio. Também exemplo desta necessária indeterminação espacial do sítio é a referência a ele no início de *Reinações de Narizinho*:

Numa casinha branca, lá no sítio do Picapau Amarelo, mora uma velha de mais de sessenta anos. Chama-se Dona Benta. Quem passa pela estrada e a vê na varanda, de cestinha de costura ao colo e óculos de ouro na ponta do nariz, segue seu caminho pensando:
– Que tristeza viver assim tão sozinha neste deserto...¹²⁶

Como já vimos, na guarda da primeira edição desta obra a localização do sítio aparece como parte do Mundo da Fantasia, visualizado através do mapa em que ele aparece. Pedrinho pergunta a Peninha onde fica este Mundo e sua resposta explica onde “exatamente” ele se situa: *Em toda parte*. Com isso, tem-se uma localização imprecisa, ambígua do Picapau Amarelo.

Se o sítio está situado no Mundo da Fábula, é estranho Pedrinho perguntar onde esse mundo se localiza, visto que o menino sabe onde o sítio fica. Parece que o desconhecimento dele pode ser explicado na dupla localização do Picapau Amarelo – ele está situado no Brasil e se desdobra em Fábula, ou seja, transita por dois universos.

A presença do sítio do Picapau Amarelo no *Dicionário de Lugares Imaginários*¹²⁷ reforça a importância dele no imaginário coletivo e talvez possa reforçar uma das acepções de utopia, a de um lugar *inexistente*; de *lugar nenhum*. No verbete há a descrição detalhada do sítio:

Propriedade rural de não mais de cem alqueires de terra rica em petróleo, situada em lugar bonito do interior do Brasil. Sabe-se que dista légua e meia da vila mais próxima, mas sua localização exata é desconhecida, pois a proprietária, dona Benta Encerrabodes de Oliveira, impede a divulgação do endereço. A sede do sítio, uma casa branca de cômodos espaçosos e frescos, possui quatro quartos: o maior, de dona Benta, o de sua neta Narizinho, o de Pedrinho, primo de Narizinho que lá passa as férias, e o de tia Nastácia, a

¹²⁶ LOBATO, Monteiro. *Reinações de Narizinho*, p. 11.

¹²⁷ MANGUEL, Alberto; GUADALUPI, Gianni. *Dicionário de Lugares Imaginários*. Trad. Pedro Maia Soares. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

cozinheira e faz-tudo da casa. Em um canto do escritório, onde ficam três estantes de livros e a mesa de estudo da menina, moram a boneca Emília e o sabugo de milho conhecido como Visconde de Sabugosa. A sala de jantar é bem ampla, com janelas dando para o jardim; depois vêm a copa e a cozinha. A residência dispõe ainda de uma sala de visitas com piano, sofá de cabiúna e palhinha bem esticada, duas poltronas do mesmo estilo e seis cadeiras. A mesa de centro é de mármore e pés também de cabiúna. Na entrada, há uma sala de espera, com chão de grandes ladrilhos “cor de chita cor-de-rosa desbotada”, que se abre para uma varanda muito gostosa. Cercada por gradil de madeira muito singelo, pintado de azul-claro, cheia de orquídeas e avenca miúda, é onde dona Benta costuma sentar na cadeira de balanço, com cestinha de costura ao colo e óculos de ouro na ponta do nariz. Da varanda desce-se para o terreiro por uma escadinha de seis degraus.

O jardim, nos fundos da sala de jantar, é composto por plantas antigas e fora de moda. No seu centro há um tanque redondo com uma cegonha de louça toda esverdeada de limo, que deveria esguichar água pelo bico, mas o bico e até a cabeça foram vítimas das pelotadas do bodeque de Pedrinho. Nos fundos da casa, depois do “quintal da cozinha”, do galinheiro, do tanque de lavar roupa e do puxado da lenha, encontra-se o pomar, com a famosa pitangueira da Emília, as três jabuticabeiras de Pedrinho, a mangueira de manga-espada de Narizinho e os pés de mamão de tia Nastácia.

O terreiro é vedado por uma cerca de paus a pique e uma porteira, bem no centro. Para lá da porteira fica o pasto, onde há um célebre cupim de metro e meio de altura; e mais adiante, um velho cedro, ainda do tempo da mata virgem.

O Sítio do Pica-pau Amarelo costuma ser visitado por personagens das fábulas, da mitologia, do folclore e da literatura infantil, bem como por nobres da estirpe de Don Quixote de la Mancha. Recentemente, dona Benta adquiriu mais 1200 alqueires de terras vizinhas para ali instalar o Mundo da Fábula.

O visitante não deve deixar de provar as jabuticabas e os bolinhos de polvilho de tia Nastácia. Aconselha-se a consumir com moderação o pó de pirlimpimpim, guardado pelo rinoceronte Quindim e administrado pelo burro falante Conselheiro. Trata-se do pó mais mágico que as fadas inventaram, que deixa a pessoa leve como pluma, tonta, dá uma zoeira nos ouvidos e conduz ao País das Fábulas e ao Mundo das Maravilhas. Mas deve-se tomar cuidado para não molhar o pó com água salgada, pois cessa o efeito.¹²⁸

O sítio parece possuir um dos requisitos sugeridos por Raymond Trousson para a morfologia da utopia - o insularismo - a característica exterior mais evidente e comum da utopia. Carlos Eduardo Berriel explica que o insularismo não se configura apenas como

¹²⁸ Ibidem, p. 397 – 398.

uma ficção geográfica, uma criação distante, fora do mundo real e conhecido; corresponde à preservação de um mundo fechado para a corrupção externa, protegido por um microcosmo com leis internas e específicas. Ainda, conforme comenta Berriel, o insularismo utópico “*é, fundamentalmente, uma atitude mental da qual a ilha clássica é apenas a representação.*”

Relativamente à criação de lugares imaginários, talvez à utopia do sítio corresponda a distopia de Oblivion, denominação através da qual (provavelmente) o escritor referia-se à cidade de Areias, onde ele chegou, em 1907, para assumir o cargo de Promotor Público da Comarca. Lá morou por alguns anos, tempo suficiente para conhecer as características da cidade: a pacatez, a decadência (uma cidade que já havia produzido muito), o silêncio, a escuridão e a tristeza da noite.

Todas essas impressões negativas da cidade parecem fazer-se presentes na obra *Cidades Mortas*. No texto intitulado *A vida em Oblivion*, Lobato relata, de um modo exagerado, como era a educação literária do lugar (havia apenas três obras que circulavam entre a população):

Promovem-se três livros venerandos, encardidos pelo uso, com as capas sujas, consteladas de pingos de vela – lidos e relidos que foram em longos serões familiares por sucessivas gerações. São eles: *La maré d’Auteuil*, de Paulo de Kock, para o uso dos conhecedores do francês; uns volumes truncados do *Rocamboles*, para enlevo das imaginações femininas; e a *Ilha Maldita*, de Bernardo Guimarães, para deleite dos paladares nacionalistas.

(...)

Parando aí o catálogo, era forçoso escolher.¹²⁹

Em *Os perturbadores do silêncio* o autor enumera, com tom de humor e ironia, elementos que perturbam o silêncio permanente da cidade:

Durante a noite aquele silêncio faz-se inteiriço como a escuridão.
(...)

Durante o dia, porém, a integridade do silêncio em Oblivion sofre lesões. (...)

A frente desse grupo de Irreverências está o Sino da igreja. (...)

¹²⁹ LOBATO, Monteiro. *Cidades Mortas*, p. 10 e 11.

Outra é a capina trimensal das ruas. (...)
Outra é o fim das aulas.¹³⁰

Lobato, ao escrever sobre Oblivion, parece repetir juízos que fazia a respeito de Areias nas cartas endereçadas à noiva e ao amigo Rangel, geralmente de queixas da vida pacata da cidade. Em carta do dia 14 de maio de 1907, por exemplo, Lobato, recém chegado a Areias, escreve a Rangel:

...vim ver se Areias existia e fiquei. Areias, Rangel! Isto dá um livro a Euclides (...). Areias, tipo de ex-cidade, de majestade decaída. A população hoje vive do que Areias foi. Fogem da anemia do presente por meio de uma eterna imersão no passado.¹³¹

No texto *A Vida em Oblivion* nota-se a semelhança entre Oblivion e Areias:

A cidadezinha onde moro lembra soldado que fraqueasse na marcha e, não podendo acompanhar o batalhão, à beira do caminho se deixasse ficar, exausto e só, com os olhos saudosos pousados na nuvem de poeira erguida além.

(...)

O mundo esqueceu Oblivion, que já foi rica e lépida, como os homens esquecem a atriz famosa logo que se lhe desbota a mocidade. E sua vida de vovó entrevada, sem netos, sem esperança, é humilde e quieta como a do urupê escondido no sombrio dos grotões.¹³²

A estes predicados negativos atribuídos à cidade morta opõe-se o Picapau Amarelo, espaço imaginário que supera seu reconhecimento como um lugar característico do Brasil, apresentando um modo de se viver criativo que parece “consertar” a realidade.

¹³⁰ Ibidem, p. 15.

¹³¹ LOBATO, Monteiro. *A Barca de Gleyre*, p. 166-167.

¹³² LOBATO, Monteiro. *Cidades Mortas*, p. 09.

Diferente da representação de Oblivion, o modelo da vida do Picapau Amarelo proposto por Lobato em seus livros, segundo Regina Zilberman¹³³, não poderia corresponder a nenhuma fazenda de café do interior de São Paulo ou do Vale do Parnaíba, pois com o sítio, Lobato mostra como o Brasil é, ou foi nas primeiras décadas do século XX e também deseja expressar, através dele, o seu projeto para o Brasil. São dois modos de representação que se complementam. Lobato imprime características nacionais ao sítio para então usá-las como parâmetro para criticar a economia, a política, a educação brasileira, utilizando-se sempre do exemplo do Picapau Amarelo como prova de que a sua sugestão dá certo e o quanto uma decisão sensata pode mudar os rumos do país e fazer com que todos vivam melhor – assim como acontece no sítio.

Se nas utopias as sociedades não apresentam problemas (pois é exatamente como modelo de correção que elas são criadas), no sítio eles existem, porém são superados de modo que podem ser interpretados como alternativas para o país.

O texto do Trousson discute a opinião de vários autores que se confrontaram com a dificuldade de resolver o problema da definição de utopia como gênero literário.

Para Karl Mannheim utopia representa o pensamento daqueles que contestam o sistema em vigor; ela é uma esperança, um sinal de mutação nascido do diagnóstico colocado pela situação social e econômica. Ernest Bloch considera a utopia uma força ativa produzida a partir de uma análise científica dos fatos e das possibilidades de transformação. A função da utopia, segundo Roger Muchielli, é a revolta; ela nasce da oposição entre a “tirania” reinante e a aspiração legítima a um mundo melhor. Bronislaw Baczko afirma que a utopia é uma visão global da vida social que é radicalmente oposta à realidade social existente e, em consequência, radicalmente crítica.

Coulet fala da impossibilidade da utopia conceber o romance como história, o que coloca restrições ao atribuímos ao sítio caráter utópico.

Mesmo a partir das épocas em que a utopia tende manifestamente a acantonar-se na categoria do romance, será convincente estudar mais de perto a adequação do projeto à forma, já que todos os

¹³³ ZILBERMAN, Regina. *Como e por que ler a Literatura Infantil Brasileira*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2005.

críticos foram sensíveis à pobreza e às carências da inversão romanesca na utopia tradicional. Constatamos na realidade que, desde o final do século XVII, o romanesco só se desdobra nas passagens que precedem ou seguem imediatamente a utopia propriamente dita. Nada surpreendente já que, por natureza, a utopia subordina a narração à descrição, portanto, nega o romance concebido como uma história, ou seja, uma seqüência de acontecimentos encadeados no tempo e segundo um princípio de causalidade.¹³⁴

O Picapau Amarelo também se afasta do modelo utópico se considerarmos a opinião de Firpo acerca do gênero utópico.

Para ele, a característica que distingue o “gênero” utópico dos programas de reforma e do reformismo em geral, é a lúcida consciência de seu caráter prematuro. A acepção de Firpo sobre o utopista – aquele que escreve uma utopia - é diferente da que o identifica como alguém que não tem o pé no chão ou perdeu o contato com a realidade. Para ele, o utopista é normalmente um grande realista, pois tem consciência da imaturidade de sua proposta; ele entende que seu projeto não encontraria sucesso prático, visto que seus contemporâneos não estão ainda em condições de compreendê-lo: a motivação de um texto utópico não é a proclamação às multidões contemporâneas do autor, o tornar prático suas idéias no presente, aqui e agora, tendo em vista uma ação imediata. *“A utopia não é mais que uma pequena semente sepulta na terra mas destinada a germinar em um futuro melhor.”*¹³⁵

A partir disso, entende-se que o sítio se posiciona exatamente no oposto daquilo em que Firpo acredita. O sítio visa o público presente, visa atingir a consciência dos leitores do seu tempo a fim de que eles se tornem agentes de transformação do país. Desta forma, Lobato parece servir-se dos mesmos recursos de um utopista – da linguagem escrita – para fazer valer sua proposta, ainda que para o presente.

Para uma análise devida sobre a presença de um possível caráter utópico seria necessário estudar todas as obras de Lobato em que o sítio é o cenário. O fato de o sítio aparecer em diferentes narrativas já nega a hipótese sugerida, pois se tem em cada obra uma mudança deste espaço – em alguns momentos uma mudança física, como em *O Picapau*

¹³⁴ TROUSSON, Raymond. Utopia e Utopismo. In: *Revista Morus*. Trad. Ana Cláudia Romano Ribeiro, p. 132.

¹³⁵ FIRPO, Luigi. Para uma definição de utopia. In: *Revista Morus*. Trad. Carlos Eduardo O. Berriel, p.237.

Amarelo e em outros uma mudança de significado, como em obras na qual é possível pensar no sítio como representação, seja do otimismo de Lobato, do pessimismo, da sociedade brasileira. Desta forma, a mudança é um elemento que nega a utopia, visto que nela, as descrições de uma sociedade ideal são definidas e não mais sofrem alterações; já o sítio, apesar de apresentar invariáveis, está em constante transformação.

Conclui-se, assim, que Lobato apenas representa no sítio um modo de vida baseado em alguns preceitos de Platão. Não se pode afirmar, portanto, que o sítio seja utópico, por justamente não pretender descrever de forma detalhada e minuciosa uma sociedade modelo. Se é objetivo do autor construir um lugar ideal para se viver, isso é feito através de ação dos personagens, e a idéia de ideal se mostra um pouco diferente da representada nas utopias, pois o sítio está ligado ao prazer, à diversão, à aventura, sobretudo das crianças.

CAPÍTULO 3

MUDANÇA NO PICAPAU AMARELO

“Aqueles terras ordinaríssimas, onde só havia saúva e sapê, começam a transformar-se como por encanto.”¹³⁶ (Monteiro Lobato)

¹³⁶ LOBATO, Monteiro. *O Picapau Amarelo*, p. 17.

3.1. Territorialização do sítio

O que dá início a toda ação que transcorre na narrativa de *O Picapau Amarelo* é a cartinha do Pequeno Polegar, através da qual ele pede permissão, em nome de todos os habitantes do Mundo da Fábula, para morarem no sítio de Dona Benta. O pedido é aceito e é a partir disso que o processo de mudança para o Picapau Amarelo se constrói.

Após a resposta de Dona Benta para o Polegar, surge o problema da acomodação dos personagens estrangeiros no espaço do sítio, o que, para os personagens lobatianos, não constitui dificuldade alguma, pois, de um jeito ou de outro, eles sempre acabam tornando possível o que parecia impraticável, valendo-se para isso, por diversas vezes, como já foi apontado, de recursos mágicos. No entanto, para acomodar todos os “novos” habitantes, o pessoal do Picapau Amarelo não se vale do recurso do faz-de-conta, pelo contrário, o meio utilizado para viabilizar a mudança é semelhante ao de situações reais: a compra de terras vizinhas que, ampliando o território do sítio, permite a vinda e fixação dos personagens estrangeiros.

Nesse sentido, o modo de resolver o problema da incompatibilidade entre o tamanho do sítio e a quantidade de moradores é apresentado de forma realista, através de procedimentos característicos de negociações de terras: discussões acerca do valor e do preço, escritura e mesmo blefes.

A princípio, os fazendeiros se recusavam a vender as terras, a fim de que Dona Benta, rica por causa do petróleo, aumentasse a oferta. Entretanto, o projeto não dá certo: a avó de Pedrinho não ofereceu mais dinheiro, pois sabia que as fazendas não valiam muito. Na verdade, as terras produziam pouco, o solo era pobre e tirar proveito econômico delas era impossível.

Dona Benta deixou a negociação por conta da Emília que, com a ajuda do Visconde, conseguiu fazer com que os fazendeiros aceitassem a proposta da proprietária do Picapau Amarelo. O negócio só foi fechado através de intimidação econômica: a boneca e o Visconde forjaram uma conversa que preocupou os fazendeiros, convencendo-os de que o melhor a fazer seria vender suas terras.

– A criação de feras de Dona Benta será a maior do mundo, mas os vizinhos vão sofrer com isso. Toda gente sabe que os animais

caseiros, burros, bois, cavalos, etc., têm um verdadeiro horror pelas grandes feras. Adivinham-nas de longe pelo cheiro e morrem de medo – fogem com quantas pernas têm. Estou com dó dessas fazendas. Vão ficar à pé, sem um cavalo, um burro, um boi. O vento leva para lá o cheiro dos leões e dos tigres e a animalada mansa dispara...¹³⁷

Com medo, os fazendeiros procuram Dona Benta e as fazendas são vendidas por 400 mil cruzeiros, assim, as terras do Picapau Amarelo, antes com um pouco mais de cem alqueires, com as propriedades adquiridas são ampliadas e chegam a mil e duzentos alqueires: o sítio se torna doze vezes maior. Assim, é possível observar na obra *O Picapau Amarelo* que Monteiro Lobato faz o sítio passar por um processo de transformação territorial.

A primeira “obra” do “novo” Picapau Amarelo – uma cerca - é construída, antes mesmo de os personagens estrangeiros chegarem. A cerca de arame com porteira de cadeado e, ainda, supervisionada por Quindim, representa a demarcação do território entre o sítio velho e as Terras Novas. Posteriormente, processo semelhante de delimitação de territórios ocorre entre os habitantes das terras recém adquiridas, visto que a presença de mares, morros e pontes, de certa forma, delimitava o território dos bairros e grupos constituídos.

As demais construções são feitas a partir da chegada dos novos habitantes que, por sua vez, vieram em grande quantidade. Eles chegaram com armas e bagagens e pouco a pouco foram se instalando nas Terras Novas, escolhendo os locais mais apropriados para a construção de suas casas e castelos. A descrição dos anões carregando as peças do castelo da Branca de Neve dá a idéia de montagem e construção, revelando o aspecto real que envolve a transformação do sítio.

A mudança não se dá de forma “mágica”, a descrição das construções feitas é acompanhada por muito trabalho, mesmo porque as terras de Dona Benta não tinham sido preparadas para o “loteamento” que parece se formar no Picapau Amarelo.

– Outro inconveniente das Terras Novas – continuou Branca – é que os terrenos não estão arruados, nem loteados – não há boas estradas, não há pontes. Creio que tão cedo não poderei dar meus

¹³⁷ Ibidem, p. 15.

passeios de carruagem. O que me vale são os anões. Num mês eles me arrumam tudo, deixam isto aqui um brinco. Abrem estradas, plantam as flores, desenham jardins...¹³⁸

Outros personagens também estão ocupados com a mudança para o sítio. Narizinho encontra Capinha Vermelha que diz como anda a arrumação de sua casa: “– *Está quase pronta – respondeu a galanteza. – É pequenininha. Este castelo de Branca, enorme, deve ter dado um trabalhão.*”¹³⁹ Já Peter Pan, além da acomodação de tudo o que trouxe, se preocupava em trazer o Mar dos Piratas.

Depois da mudança para as Terras Novas, Peter Pan andava em grande atividade para arrumar todas as coisas trazidas da Terra do Nunca. A dificuldade maior era a acomodação do Mar dos Piratas.(...) Como, pois, colocar um mar inteiro ali no sítio de Dona Benta?¹⁴⁰

Para esse problema Emília dá a idéia de colocar apenas uma parte do Mar dos Piratas e Peter Pan aprova a sugestão.

Apesar dos detalhes realistas que o livro oferece relativamente à transformação do sítio, *O Picapau Amarelo* não abandona sua característica marcante, de apresentar a fantasia como elemento que sobressai na narrativa. Isso se dá através da “transferência” para as terras de Dona Benta de elementos da natureza como mares, lagos, despenhadeiros de pedras e árvores velhíssimas, nunca vistas na propriedade, além, é claro, dos personagens fabulosos.

A paisagem do sítio se modifica totalmente: “*Pedrinho estava maravilhado com a transformação das Terras Novas. Um puro milagre, aquilo! Tudo mudado*”¹⁴¹ e ao longo da narrativa é possível visualizar imagens do novo espaço do Picapau Amarelo, com todas as construções.

¹³⁸ LOBATO, Monteiro. *O Picapau Amarelo*, p. 24.

¹³⁹ *Ibidem*, p. 29.

¹⁴⁰ *Ibidem*, p. 28.

¹⁴¹ *Ibidem*, p. 18.

Onde era o rancho do Zé Prequeté, Capinha ergueu sua encantadora casinhola de varanda com trepadeiras. Branca de Neve começou a levantar o seu castelo no lindo vale que dava de frente para o sítio.¹⁴²

– Olhe, lá está a residência da Xerazada, a contadeira de histórias. E à esquerda, a caverna de Ali Babá e os quarenta ladrões. O palácio de Aladino fica à direita, atrás do morro.¹⁴³

...justamente no fim das terras das “Mil e Uma Noites” ficava a zona dos deuses e heróis gregos,¹⁴⁴

O leitor acompanha um processo célere de urbanização, por meio da chegada de muitos personagens, provenientes das mais diferentes origens e, desta forma, o “povoamento” no Picapau Amarelo se caracteriza pela presença de diversas culturas, línguas, tradições, o que evidencia o caráter pluriétnico que o sítio de Dona Benta passa a ter.

Em outras obras infantis de Lobato também surgem no sítio personagens que não pertencem ao seu núcleo original. Em *Caçadas de Pedrinho*, um grupo de caça a rinocerontes averigua no sítio a denúncia feita de que lá se encontraria o rinoceronte sumido de um circo. Todo o grupo, junto às forças armadas, comandadas pelo detetive XB2, se instalam em uma vila próxima ao sítio, mas, todos os dias estavam no Picapau Amarelo investigando. No entanto, a permanência de todo esse pessoal acaba em torno de dois meses: o grupo todo foge ao se assustarem com Quindim, e o advogado e o dono do circo desaparecem, vítimas de travessura de Emília.

Já na narrativa de *O Poço do Visconde* a instalação de “estranhos” no sítio ocorre pela necessidade da vinda de engenheiros, químicos geólogos e muitos trabalhadores, a fim de concretizar o projeto de retirar petróleo do subsolo do Picapau Amarelo. Apesar de todos se fixarem no próprio sítio, a permanência é temporária, pois dura apenas até jorrar o *ouro negro*, conforme Lobato chamava o petróleo.

¹⁴² Ibidem, p. 17.

¹⁴³ Ibidem, p. 52.

¹⁴⁴ Ibidem, p. 53.

Já completamos os estudos geológicos e geofísicos; já estaqueamos o terreno; já construímos as casas dos operários, o barracão das máquinas, o escritório e o bangalô de mister Kalamazoo, o perfurador que mandamos vir da América.¹⁴⁵

Nastácia, ao andar pelo sítio, descreve assustada as transformações ocorridas no local relativas às construções e aos moradores:

A coisa já está ficando que a gente não conhece mais nada. Virando uma cidadinha estrangeira, com essas casas de operários e o “bangalão” do mister. E os caras? Tudo esquisito. Aquele ali, vermelho como um presunto. Aquele lá, de cabelo igualzinho cabelo de milho novo. Credo...¹⁴⁶

As duas obras referidas, apesar de incluírem em seu enredo a acomodação no sítio e em suas proximidades de pessoas “externas” a ele, não dão a esta mudança o relevo que ela tem em *O Picapau Amarelo*: nestas outras obras, a presença de personagens externas é provisória, diferentemente do propósito dos personagens estrangeiros, que em *O Picapau Amarelo* se mudam para a propriedade de Dona Benta com a intenção de fixação definitiva.

A urbanização do sítio que o *Picapau Amarelo* documenta pode apontar para uma crise do sistema produtivo rural, haja vista a transformação das fazendas improdutivas – Fazendas do Taquaral e do Cupim Redondo - em território urbano e modernizado – Terras Novas.

¹⁴⁵ LOBATO, Monteiro. *O Poço do Visconde*, p. 106.

¹⁴⁶ *Ibidem*, p. 121.

3.2. Urbanização do sítio - Visão do Progresso

Durante anos Lobato lutou a favor da modernização do Brasil, acreditando que isso só seria possível a partir da extração do petróleo e da produção de minério de ferro; o primeiro seria o combustível, que alimenta e movimenta as máquinas e o segundo permitiria a construção de estradas. Através destas transitaria toda a produção do país, facilitando o comércio, que possibilita os lucros e, conseqüentemente, o crescimento econômico do Brasil.

Sua perspectiva positiva em relação à riqueza subterrânea do país veio, dentre diversas razões, também pela sua conclusão de que a produção *sobre a terra*, a agrícola e pecuária estava em franca decadência. Esta observação está ligada à própria experiência do escritor que, enquanto herdeiro das terras do Buquira, vivenciou a crise agrária no país.

Lobato havia se decepcionado muito, quando fazendeiro, com a situação da agricultura. Conforme comenta Cavalheiro, ao herdar a fazenda do avô ele

toma a sério as novas funções, procurando conciliar duas personalidades distintas e, em certo sentido, antagônicas: o lavrador e o literato. Discute sobre o café, a alta do açúcar, raças de gado, política municipal, safras, o tempo, plantações de arroz, avicultura. Enfronha-se nos serviços da Fazenda, debastando árvores inúteis, lidando com doenças de bestas, bicheiras de carneiros, roças de milho e mil coisas mais. (...) A princípio, é tomado de sôfrego entusiasmo pelas possibilidades que se lhe apresentavam.¹⁴⁷

Ainda segundo Cavalheiro, falta a Lobato paciência para conter a vontade de concretizar as idéias criativas que ele tinha para tentar melhorar a situação da Fazenda, que, como todas as outras da zona, estava em decadência. A baixa produtividade das terras era a conseqüência do processo rudimentar utilizado e pedia métodos mais modernos de cultivo. Ele procurou transformar as terras que herdou, entretanto, a fazenda tinha muitas dívidas e

¹⁴⁷ CAVALHEIRO, Edgar. *Monteiro Lobato: vida e obra*. Tomo 1, p. 121.

estas somadas aos financiamentos que fez para investir nas terras atrapalhou seus planos e fez minguar seu entusiasmo inicial pela nova tarefa de fazendeiro.

As decepções desestimulam Lobato, que começa a descrever das possibilidades econômicas oriundas do trato da terra e “*Poucos anos depois o único sonho do fazendeiro era o de ser livre da propriedade.*”¹⁴⁸

A situação da agricultura no Brasil parece decepcionar definitivamente o escritor. Em meados dos anos 30, a crise do café confirma seu pensamento de quando ainda era fazendeiro, de que a superação do problema econômico deveria estar baseada não mais no *solo*, mas no *subsolo*. Seus ideais e projetos a favor do petróleo eram conhecidos através de campanhas, entrevistas, discursos e ainda por meio de sua literatura, sobretudo em suas obras destinadas ao público infantil, que proporcionavam o envolvimento das crianças em assuntos nacionais, como a economia e a política, constituindo o sítio do Picapau Amarelo, espaço que possibilitava a discussão e reflexão de diferentes assuntos, relacionados todos com a visão de mundo do escritor.

Monteiro Lobato não pode concretizar seu projeto de industrialização do país através da campanha do petróleo: sua luta foi interrompida por uma condenação sentenciada pelo Tribunal de Segurança Nacional. Mas, na fantasia e no sonho, construiu um mundo onde todos os seus desejos pudessem ser realizados.¹⁴⁹

Segundo Lajolo e Zilberman, em obras como *O Poço do Visconde*, *A Chave do Tamanho* e *O Picapau Amarelo*, o sítio “*é integralmente o Brasil, estando embutido nele tudo que Monteiro Lobato queria representar da pátria.*”¹⁵⁰

...o sítio é idílico, o que se deve a uma soma de elementos característicos da arquitetura da obra e da visão de mundo lobatiana. O ponto de partida é a aceitação do fracasso do projeto ruralista para o Brasil; ou melhor: o abandono de uma concepção a respeito da economia do país, segundo a qual esta podia se apoiar

¹⁴⁸ Ibidem, p. 124.

¹⁴⁹ CAMPOS, André Luiz Vieira de. *A República do Picapau Amarelo*, p. 123.

¹⁵⁰ LAJOLO, Marisa e ZILBERMAN, Regina. *Literatura Infantil Brasileira: História & Histórias*, p. 57.

nos produtos primários, de origem agrária, e sobreviver financeiramente. Em outras palavras, tratava-se da renúncia ao cavalo de batalha das finanças republicanas – o café.¹⁵¹

Na narrativa de *O Picapau Amarelo* o assunto da crise agrária aparece no discurso de dois fazendeiros, ao comentarem a situação de suas terras, as quais Dona Benta quer comprar.

– o verdadeiro é aceitarmos a proposta da velha. Quatrocentos mil cruzeiros pelas duas fazendas é até muito dinheiro – porque não valem 200 – nem 180. O café está de rastos – porco não dá nada – algodão, o curuquerê come... Quanto mais eu trabalho em minha fazenda, mais endividado fico. O melhor é aceitarmos a proposta da velha.¹⁵²

Há, entre as terras de Dona Benta e a dos proprietários das Fazendas do Taquaral e a do Cupim Redondo, situações econômicas diferentes. As propriedades vizinhas do Picapau Amarelo são atingidas pela crise agrária e os donos não vêem outra saída a não ser a venda das fazendas, visto que o valor da terra caía. Em contrapartida, tem-se Dona Benta, proprietária rural que não tinha nenhum problema financeiro. É importante observar, no entanto, que sua situação econômica não advém de produção agrícola, mas sim da descoberta e exploração do petróleo.

Por causa disso, o sítio pode ser economicamente inviável, se pensado do ponto de vista agrícola; e, mesmo assim, auto-suficiente, porque o fator econômico será suplantado pelo aparecimento de outras riquezas, quando chegar a hora. E esta soa nos livros produzidos após a Revolução de 30, especialmente em *O Poço do Visconde*, que se converte no libelo mais explícito em prol do aproveitamento, em escala industrial, dos recursos minerais, particularmente os petrolíferos, do país.¹⁵³

Em diversas obras infantis Lobato insiste – a ponto de, muitas vezes, tornar-se repetitivo - em lembrar aos leitores da importância e dos benefícios da modernização do

¹⁵¹ Ibidem.

¹⁵² LOBATO, Monteiro. *O Picapau Amarelo*, p. 16.

¹⁵³ LAJOLO, Marisa e ZILBERMAN, Regina. *Literatura Infantil Brasileira: História & Histórias*, p. 57.

país, cuja responsável seria a extração do petróleo. Segundo Campos, Lobato não limita o progresso ao meio urbano, mas o faz avançar para o meio rural através do Sítio do Picapau Amarelo, que abarca os elementos do progresso, tais como telefone e automóvel, bastante explorados na obra *O poço do Visconde*.

É nesta narrativa que o petróleo se torna um veio para mostrar a modernização que ocorre no Picapau Amarelo a partir de sua descoberta.

(...) o petróleo começava a mudar tudo, não havia dúvida. Os velhos conhecimentos, os velhos hábitos, as velhas tradições – tudo isso tinha de desaparecer diante da americanização que a indústria traz.¹⁵⁴

O país entrou a prosperar dum modo maravilhoso. O número de automóveis cresceu vertiginosamente (...) O de caminhões de carga ainda mais. As fazendas adotaram tratores e aposentaram os bois e as mulas. O super gás invadiu até as casas da roça e ninguém mais cozinhou a lenha.¹⁵⁵

É importante lembrar que as transformações que aparecem na obra são de caráter positivo. Isso pode ser observado por meio da festa realizada por Dona Benta – um banquete no pasto com direito a danças e fogos de artifício - que visava comemorar a vitória e a prosperidade do país. Também reforça isso a aceitação do progresso pela tia Nastácia, personagem que temia e recusava inovações:

A negra no começo arrenegou de tantas novidades; por fim acabou gostando.

– A gente não tem remédio senão ir na onda, dizia ela. E no fim gosta, por que é bom mesmo.¹⁵⁶

– Outro milagre do petróleo, disse a menina, é a mudança do gênio de tia Nastácia (...) E veja como está mais alegre, contente da vida e remuçada.¹⁵⁷

¹⁵⁴ LOBATO, Monteiro. *O Poço do Visconde*, p. 187.

¹⁵⁵ Ibidem, p. 220.

¹⁵⁶ Ibidem, p. 223.

¹⁵⁷ Ibidem, p. 232-233.

Em *O Picapau Amarelo*, o petróleo é mencionado de um ponto de vista otimista, pois foi o que possibilitou a compra de mais terras e, portanto, a fixação dos “novos” moradores: “*Para que serve dinheiro? Depois que saiu o petróleo, a senhora ficou empanturrada de dinheiro a ponto de enjoar e nem permitir que se fale em dinheiro nesta casa.*”¹⁵⁸ Entretanto, esta parece ser a única menção positiva da modernização presente na obra, pois a urbanização que ocorreria no sítio – representante do progresso - é apresentada, ao longo da narrativa, sob um olhar negativo que por vezes a vê com ameaça.

A transformação que estava por acontecer no sítio gerou diferentes reações: enquanto as crianças se entusiasmaram com a idéia de ter como vizinhos os personagens das mais variadas histórias, o Visconde chama de asneira a idéia de Dona Benta de aceitar tal mudança. Da mesma opinião compartilha tia Nastácia que, ao saber da carta do Pequeno Polegar e da licença para que viessem morar no sítio, lembra da visita de alguns personagens, ocorrida em *Reinações de Narizinho*, e diz:

– Nossa Senhora! Isto vai virar “hospício”. Sinhá não se lembra daquela vez que eles entupiram a casa de reizinhos e príncipes e princesas? Nossa Senhora, onde iremos parar?
(...)
Tudo é muito bonito e fácil no “papé”. Mas eu quero ver!¹⁵⁹

O medo de ter o cotidiano do sítio e da casa de Dona Benta atrapalhados parece sugerir a recusa a mudanças e inovações, representadas pela urbanização do Picapau Amarelo. Haveria, com isso, a possibilidade de dividir as opiniões entre: crianças e adultos, risco que se anula pelo espírito inovador, experimental e moderno de Dona Benta que representa, na decisão da mudança no sítio, o ponto de equilíbrio entre as opiniões.

A proprietária do Picapau Amarelo aceita o pedido do Polegar e mostra acreditar na experiência nova que se propõe no sítio como algo que dará certo, prevendo, inclusive, permanência definitiva das mudanças: “– *Não adianta correr menino – disse Dona Benta – Eles vão ficar morando em nossas terras toda a vida.*”¹⁶⁰ Porém, essa crença, ou ainda, seu otimismo é acompanhado por certa insegurança, sentimento que também acomete os netos

¹⁵⁸ Ibidem, p. 13.

¹⁵⁹ LOBATO, Monteiro. *O Picapau Amarelo*, p. 14.

¹⁶⁰ Ibidem, p. 18.

de Dona Benta, principalmente Pedrinho que, apesar de defender a vinda dos personagens estrangeiros, sugere à avó a construção de uma cerca que separe as terras do sítio das novas adquiridas.

Em *O Picapau Amarelo* é possível entender, quando Pedrinho se refere ao “sítio velho”, que as terras de Dona Benta representam o atraso, a falta de modernização, opondo-se às Terras Novas. A expressão com a qual Pedrinho nomeia o espaço onde os personagens estrangeiros viriam morar – Terras Novas - pode tanto se referir à sua nova condição, de terra nova, recém adquirida, quanto às características ligadas à modernização que forçosamente ocorreria nas terras compradas.

A cerca, ao separar a propriedade de Dona Benta das terras recém-adquiridas, evita construções e mudanças no Picapau Amarelo. É com ela também que se apresenta a precaução e o cuidado de Pedrinho: o fato de a idéia ter sido de uma criança – aberta a inovações - reforça o caráter perigoso de abandonar os velhos hábitos e deixar que o sítio se urbanize/modernize.

Apesar de Dona Benta se precaver e tentar, de certa forma, preservar o sítio da “modernização” que ocorreria nas Terras Novas, o sítio acaba por sofrer algumas conseqüências dessa mudança. A presença no Picapau Amarelo dos personagens sem moradia nas Terras Novas não agrada Dona Benta, que pede ajuda à neta para que a permanência dos “hóspedes” não se prolongue mais.

A situação do sítio não estava boa. D. Quixote, sem falar em retirar-se, tinha caído no que Emília chamava “lambança”. Cafézinhos a toda hora, redinha de Dona Benta, almoço, jantar, cama – e divertimentos. Parecia julgar aquela casa como sua, ou hotel. Também o herói Belerofonte não falava em ir-se. O caso entrou a preocupar Dona Benta.¹⁶¹

Além disso, os problemas e brigas ocorridas nas terras novas eram trazidos ao conhecimento do pessoal do sítio, e acabavam por envolver a todos. Desta maneira, as providenciais de Dona Benta para preservar a vida habitual no sítio, através da divisão de terras, parece não ter sido suficiente e isso passa a incomodar alguns “picapaus”:

¹⁶¹ Ibidem, p. 47.

– Acabou-se o nosso sossego – dizia o Burro Falante, cheio de saudades do tempo antigo. – Com a mudança do País das Maravilhas para cá, as encrencas começam a suceder-se uma atrás da outra.

– Também penso assim, concordou o Visconde – e a maior vítima sou sempre eu. Para as coisas perigosas só se lembram de mim. Fizeram-me trepar no Cedro Grande para dar o recado a Polegarzinho. Houve lá um quiproquó e levei botada no nariz. Caí. Quebrei uma perna. Destronquei um pé.¹⁶²

Nas Terras Novas, durante a fase de construção, ocorre uma tragédia, que deixa Branca de Neve viúva e a coloca em perigo.

Imagine que eu estava arrumando nas Terras Novas o Mar dos Piratas (um pedaço só), quando desmoronou um morro e a água foi alcançar o castelo de Branca de Neve, inundando tudo. Só ficou de fora a torre mais alta. Branca e os sete anões estão lá em cima da torre, tremendo de medo que a água suba mais e os afogue.¹⁶³

O episódio mostra os problemas decorrentes da ação do homem sobre a natureza, que é “reformada” ou, ainda, destruída pelas construções realizadas no sítio. Também causa danos à natureza a festa de casamento de Branca de Neve e o príncipe Codadade.

Para enfeitar o palácio houve uma verdadeira devastação nas florestas; nos velhos troncos não ficou nem uma só orquídea ou parasita rara. Também houve limpeza nas avencas, begônias e musgos dos lugares úmidos.

(...)

– É demais! – exclamou Dona Benta. – Eles estão devastando o mundo.¹⁶⁴

Nesse sentido, sublinhando conseqüências negativas do progresso, em *O Picapau Amarelo* Lobato parece rever o progresso e a modernização preconizados em obras como *O Poço do Visconde*. O desfecho da história de *O Picapau Amarelo* é aberto, e é em obra posterior - *O Minotauro* – que, na verdade, dá prosseguimento à história de *O Picapau*

¹⁶² Ibidem, p. 37.

¹⁶³ Ibidem, p. 36.

¹⁶⁴ Ibidem, p. 66.

Amarelo - por meio de uma conversa entre Dona Benta e Péricles, que o leitor tem acesso ao que poderia apontar, talvez, para a visão lobatiana do progresso.

Ah, meu senhor, a invasão dos monstros destruiu a nossa obra de mudança para o Picapau Amarelo de todo o mundo da Fábula. Sumiram-se de lá aqueles príncipes, princesas e heróis – Codadad, Branca de Neve, Peter Pan, Capinha Vermelha, Aladino, Belerofonte e até o nosso bom amigo D. Quixote, com o seu leal escudeiro Sancho. As terras que comprei dos fazendeiros vizinhos para acomodação dos personagens da Fábula, e que num instante se encheram de castelos e palácios maravilhosos, reduziram-se de novo ao que eram antes – morraria nua, com muito sapé, barba de bode e formigueiros de saúva.

– E para onde foram tais personagens?

– Para suas antigas moradas, evidentemente. Uns voltaram para os livros; outros, para o Oriente; outros, para a Grécia Antiga, donde tinham vindo.¹⁶⁵

O destino das Terras Novas e dos habitantes fabulosos é significativo para explicar o fracasso da tentativa de urbanização que experimenta o sítio. Desta maneira, o retorno à situação inicial das terras compradas para a fixação dos personagens estrangeiros se configura em “decisão”: será que poderíamos a partir daí postular uma opção de Lobato pela recusa do progresso e suas conseqüências?

Essa visão negativa da sociedade modernizada tem seu ápice na obra *A Chave do Tamanho*¹⁶⁶, onde Emília rouba o super pó criado pelo Visconde, viaja até o fim do mundo a fim de baixar a chave responsável pela guerra, mas, por engano, acaba pondo fim ao tamanho das pessoas e, por conseqüência, destruindo a civilização.

Com a ajuda do super pó, a boneca faz uma viagem ao redor do mundo, visita ditadores e faz duras críticas aos governos e a tudo que envolve poder e dinheiro. Durante a viagem, ela acaba conhecendo Pail City, uma sociedade formada em torno de um balde cujos habitantes, destituídos do tamanho, procuravam adaptar-se à nova situação, criando formas de sobrevivência que os levassem a um caminho diferente dos rumos tomados pela civilização clássica.

¹⁶⁵ LOBATO, Monteiro. *O Minotauro*, p. 38.

¹⁶⁶ Sobre trabalho acerca da obra, ver: VALENTE, Thiago Martins. *Uma Chave para A Chave do Tamanho, de Monteiro Lobato*. Tese de Mestrado em Literatura e Sociedade defendida na Universidade Estadual Paulista – UNESP, em 2004.

O grupo é dirigido por um sábio, o qual concorda com o “apequenamento” dos seres humanos, fato que representa uma visão sensata sobre o progresso a que chegou a sociedade “tamanhuda”.

Estou convencido de que a desgraça da velha civilização veio das conseqüências sociais do fogo. Sempre pensei assim, porque sempre vivi na terra mais atormentada pelas reações do fogo e do ferro: essa infinidade de máquinas que aqui na América nos fazia tropicar num galope sem fim – para que, meu Deus, para chegar ao que? Imaginem, pois, o meu gosto quando sobreveio este súbito fenômeno da redução do tamanho – o maravilhoso remédio para o caminho errado em que o *Homo sapiens* se havia metido desde a descoberta do fogo.¹⁶⁷

Desta maneira, parece clara a visão de Lobato nesta obra: negação do progresso e dos caminhos até então defendidos pelo escritor para solucionar os problemas do Brasil, atitude que “desmonta” sua figura de militante do petróleo e do ferro.

Campos, em *A República do Picapau Amarelo*, aponta a ambigüidade da idéia de progresso expressa por Lobato em suas obras. Tomando por base suas obras infantis, Campos comenta dois pólos contrários do pensamento do escritor acerca do progresso: *O Poço do Visconde* (1937) e *A Chave do Tamanho* (1942). A primeira mostra o entusiasmo e o engajamento de Lobato em prol do petróleo e uma visão positiva em relação ao progresso gerado pelo *ouro negro*; e o segundo apresenta a negação do progresso, representada pela temporária destruição da civilização moderna.

Constatamos, na obra de Lobato, uma ambigüidade resultante da presença dessas duas vertentes do evolucionismo [o pessimismo e o otimismo]. Embora seja marcante em sua obra a visão otimista do progresso, não se pode ignorar o lado pessimista de sua produção intelectual, ...¹⁶⁸

O autor ainda faz referência à obra *O Minotauro* (1939), onde aparecem dúvidas acerca do progresso humano. Entretanto, é interessante observar que a obra *O Picapau Amarelo* (1939) poderia também ser incluída entre as narrativas consideradas por Campos

¹⁶⁷ LOBATO, Monteiro. *A Chave do Tamanho*, p. 181.

¹⁶⁸ CAMPOS, André Luiz Vieira de. *A República do Picapau Amarelo*, p. 152.

como “negadoras do progresso”. Talvez, seja, inclusive, o caso de dizer que ela representa de forma mais intensa a dúvida acerca do progresso, pois essa pode ser observada ao longo de toda a narrativa. Apesar de não apresentar de forma clara e direta a posição de Monteiro Lobato diante do progresso como as outras obras, essa narrativa permite uma leitura que nela encontre o início do desapontamento lobatiano diante da sociedade moderna.

Se na narrativa de *A Chave do Tamanho* há revelações de profunda decepção com as conseqüências do progresso, em *O Picapau Amarelo* já se encontram indícios deste sentimento.

A fim de especular sobre a natureza e origem dessa ambigüidade de Lobato em relação ao progresso, Campos sugere três caminhos: o primeiro seria detectar na formação do escritor a presença de leituras associadas ao otimismo ou pessimismo acerca do progresso; o segundo seria observar uma possível influência, na sua obra, da sociedade da época, crises e guerra; e o terceiro caminho seria especular, também, possíveis influências dos problemas pessoais do autor em suas obras.

O fato de *O Picapau Amarelo* ter sido escrito no início da 2ª Guerra Mundial pode fornecer uma hipótese sugestiva para explicar o modo sutil pelo qual aparecem indícios de recusa ao progresso, simbolizado pela urbanização do sítio. Além disso, é interessante lembrar que em meados de 37 o país já convivia com a Ditadura.

...um golpe militar rasga a Constituição do País e novo regime é instituído. Plena ditadura, com a supressão de todas as liberdades políticas. A imprensa amordaçada, o Parlamento fechado, as cadeias atulhadas, o terror pairando sobre tudo e sobre todos.¹⁶⁹

Talvez isso se relacione com a maneira indireta de representar a descrença no progresso em *O Picapau Amarelo*. Na narrativa, há a tentativa de modernização, porém, a experiência fracassa, diferentemente do que ocorre em *O Poço do Visconde*, onde o ânimo de Lobato na luta em prol do progresso, simbolizado pelo petróleo, parece predominar. Já em *A Chave do Tamanho*, toda a experiência dos horrores da 2ª Guerra Mundial parece ter sido apresentada sob forma de crítica direta à civilização baseada no progresso.

Para Campos, em toda a obra de Lobato aparece a dúvida a respeito do progresso, oscilando entre uma interpretação otimista e uma pessimista da civilização. Todavia, parece

¹⁶⁹ CAVALHEIRO, Edgar. *Monteiro Lobato: vida e obra*. Tomo 2, p. 37.

que nestas obras é possível observar o caminho de luta do escritor: em *O Poço do Visconde* aparece a defesa incondicional da modernização do país; em *O Picapau Amarelo*, surge a dúvida acerca desse progresso e, finalmente em *A Chave do Tamanho*, aparece a negação do progresso.

Para reforçar a hipótese da visão negativa do progresso presente no “último” Lobato, Campos interpreta o *espaço* de dois dos seus últimos livros - *O Minotauro* (1939) e *Os Doze Trabalhos de Hércules* (1944) – como índice de recusa do presente: “Será que ao ambientar estes livros na Grécia Antiga Lobato não estaria, talvez inconscientemente, renegando a civilização industrial?”¹⁷⁰

Para a representação do progresso que não dá certo é ilustrativa a imagem e atitude do Jeca, descrita em *Urupês*:

À medida que o progresso vem chegando em via férrea, o italiano, o arado, a valorização da propriedade, vai ele refugindo em silêncio, com o seu cachorro, o seu pilão, a picapau e o isqueiro, de modo a sempre conservar-se fronteiro, mudo e sorna.¹⁷¹

Observando a condição do Jeca, desprovido da representação de urupê que Lobato conferiu ao personagem, ela pode denotar não mais o comodismo e a preguiça, mas o desconsolo e a perda de esperanças no progresso, caminho que por boa parte de sua vida e obra era considerado por Lobato como solução para as mazelas do país.

¹⁷⁰ CAMPOS, André Luiz Vieira de. *A República do Picapau Amarelo*, p. 158.

¹⁷¹ LOBATO, Monteiro. *Urupês*, p. 235.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O que se pode perceber na leitura da obra *O Picapau Amarelo* é a predominância da fantasia, que, por ser uma característica marcante das obras infantis de Lobato, parece ser algo esperado quando presente em uma de suas obras também infantil.

A narrativa da obra objeto deste estudo parece ser permeada por instâncias maravilhosas do início ao fim da história. Um exemplo disso é o acontecimento que motiva o desenvolvimento da narrativa - o momento em que personagens fabulosos se mudam para o sítio de Dona Benta. Isso permite que se apresentem no texto estratégias visuais em que o leitor vislumbre um espaço fabuloso, por meio dos personagens, de suas histórias, da convivência entre eles e os habitantes do sítio e dos fatos improváveis que permitem a permanência e a vivência dos personagens dos mais variados universos.

Desta forma, todos que moram e tudo o que acontece neste novo sítio se relaciona com o elemento mágico e, talvez, por esse fio que permeia toda a narrativa, a crítica e os estudiosos da produção infantil lobatiana conferem à obra *O Picapau Amarelo* a característica de obra marcada pela fantasia.

Visto que ela é o elemento de destaque nas narrativas infantis de Lobato, isto não seria uma constatação muito importante, exceto pelo fato de que *O Picapau Amarelo* foi publicado em 1939, no final de uma década marcada por publicações caracterizadas pelo engajamento do autor. Como foi visto, na década de 30, o escritor publicou obras, nas quais as ações circulavam na fantasia e na realidade, ou seja, valia-se da fantasia para expor e discutir temas relacionados à sociedade brasileira, à política e à economia – talvez uma forma de levar os leitores à reflexão de maneira divertida.

Assim, ao olhar a obra *O Picapau Amarelo* no conjunto das obras infantis lobatianas da década de 30, pode-se afirmar que ela é exceção em relação aos temas presentes nas outras narrativas – crítica social e engajamento por parte do autor.

Entretanto, isso é o que a leitura superficial da obra revela. Como foi discutido no primeiro capítulo desta dissertação, a questão “Exceção da década de 30?” é pertinente pois revela que o fato desta obra ser exceção da década de 30 não está ligada ao tema, mas ao *tratamento* do tema. Assim, há na obra engajamento por parte do autor, mas como esse aspecto aparece baseado na fantasia, torna-se mais difícil seu reconhecimento.

A leitura da narrativa de *O Picapau Amarelo*, pretendida neste trabalho, teve como resultado apresentar uma visão da obra que difere da fortuna crítica do livro presente em livros de teoria da literatura infantil e em estudos sobre a produção para crianças de Monteiro Lobato.

O que se nota é que as referências da crítica em relação à narrativa *O Picapau Amarelo* se baseiam na impressão que ela revela à primeira vista. Geralmente as impressões se ligam a um aspecto da obra – a fantasia. Este trabalho, entretanto, propõe uma análise que sugere o contrário, ou seja, que *o Picapau Amarelo* não difere das outras narrativas da década de 30 como elas, ele revela a presença de aspectos ligados à sociedade brasileira. Ou seja, trata-se de uma obra tão engajada quanto as outras, variando, no entanto, o modo de este engajamento manifestar-se. Isto é que faz dessa obra exceção.

Evidente que as leituras apresentadas nesta dissertação não representam a verdade absoluta ou qualquer tipo de entendimento ou esclarecimento do sentido da obra, mesmo porque as diferentes interpretações de uma narrativa não têm o objetivo de esgotar e declarar descoberto o sentido de um texto. Mas, a análise aqui desenvolvida, ainda que focada em apenas uma obra do escritor - *O Picapau Amarelo* – além da complementação de informações acerca da obra, também contribui para uma compreensão mais ampla da obra do escritor.

Em relação à leitura aqui apresentada, ela diverge de leituras anteriores ao apontar para o aspecto engajado da narrativa de *O Picapau Amarelo*, conclusão que quebra com a idéia de obra marcada pelo maravilhoso. Também, a idéia de uma história feliz, positiva e divertida é desconstruída pela leitura que aqui se propõe, que enfatiza a falta de “happy end”: no desfecho da narrativa: todo o universo fabuloso surgido a partir da mudança de personagens estrangeiros e da conseqüente transformação do Picapau Amarelo se acaba, todos os personagens retornam para suas histórias.

Desta maneira, além de se observar o engajamento do escritor em diferentes momentos do texto, sua visão em nada se assemelha ao otimismo. O desânimo diante da sociedade moderna revelado na leitura pode caracterizar um início de desapontamento com o que, em *A Chave do Tamanho* (1942), nos depararíamos.

Por isso *O Picapau Amarelo* pode ser incluído em um caminho indicador das diferentes visões e opiniões de Lobato acerca da sociedade modernizada durante sua vida.

Essa obra, que denota a dúvida sobre essa questão, estaria entre *O Poço do Visconde* (1937) – defesa do progresso e *A Chave do Tamanho* (1942) – negação do progresso, pólos que apresentam a idéia do escritor em relação à sociedade moderna e urbanizada.

Pode-se, talvez, ainda sugerir que a aparente invisibilidade da crítica social nesta obra contribui para a qualidade do texto, pois se em outras aparece claramente definida a fantasia mesclada a assuntos engajados, em *O Picapau Amarelo* Lobato constrói o texto de modo a levar aos leitores os mesmos temas, porém de maneira sombreada, pelo elemento que mais interessa ao seu público alvo: a fantasia.

ANEXO

ANEXO: personagens citados na obra, que vieram morar no sítio

Pequeno Polegar. Personagem presente na obra *Contes de ma mère l'Oye* (Contos da Mamãe Gansa), de 1697, de Charles Perrault. Em 1812, os irmãos Grimm publicaram o conto “As viagens do Pequeno Polegar” em *Kinder unde Hausmärchen* (Contos para a Criança e para o Lar), uma adaptação da história de Perrault. No Brasil, sua história ficou conhecida através da tradução de Carlos Jansen e adaptação de Figueiredo Pimentel em *Contos da Carochinha* (1894).

O Pequeno Polegar também aparece como personagem na obra de Lobato, em *Reinações de Narizinho*, de 1931.

Capinha Vermelha. Personagem presente na obra *Contes de ma mère l'Oye* (Contos da Mamãe Gansa), de 1697, de Charles Perrault. Em 1812, os irmãos Grimm publicaram “Rotkättchen”, uma adaptação da história, em *Kinder und Hausmärchen* (Contos para a Criança e para o Lar). No Brasil, sua história ficou conhecida através da tradução de Carlos Jansen e adaptação de Figueiredo Pimentel em *Contos da Carochinha* (1894). Monteiro Lobato publica, em 1934, a obra *Contos de Grimm*, constituída por 11 contos, dentre eles “A menina da Capinha Vermelha”.

Capinha Vermelha também aparece como personagem na obra de Lobato, em *Reinações de Narizinho*, de 1931.

Barba azul. Personagem presente na obra *Contes de ma mère l'Oye* (Contos da Mamãe Gansa), de 1697, de Charles Perrault. Em 1812, os irmãos Grimm publicaram uma adaptação da história em *Kinder und Hausmärchen* (Contos para a Criança e para o Lar). No Brasil, sua história ficou conhecida através da tradução de Carlos Jansen e adaptação de Figueiredo Pimentel em *Contos da Carochinha* (1894).

Barba Azul também aparece como personagem na obra de Lobato, em *Reinações de Narizinho*, de 1931.

Cinderela. Baseada num conto italiano popular chamado A Gata Borralheira, a versão mais conhecida desta personagem é a de Charles Perrault, da obra *Contes de ma mère l'Oye* (Contos da Mamãe Gansa), de 1697. Em 1812, os irmãos Grimm publicaram uma adaptação da história em *Kinder und Hausmärchen* (Contos para a Criança e para o Lar). No Brasil, sua história ficou conhecida através da tradução de Carlos Jansen e adaptação de Figueiredo Pimentel em *Contos da Carochinha* (1894). A personagem aparece na obra de Lobato, em *Reinações de Narizinho*, de 1931. Em 1934 o mesmo escritor publica a obra *Contos de Grimm*, constituída por 11 contos, dentre eles “Cinderela”. A história de Cinderela teve sua versão para o cinema em 1950.

Branca de Neve e os sete anões. Personagens do conto “Sneewittchen”, presente na obra *Kinder und Hausmärchen* (Contos para Criança e para o Lar), dos irmãos Grimm, de 1812. As primeiras versões dos Contos de Grimm para a língua portuguesa foram feitas em Portugal. Henrique Marques Júnior, em *Algumas Acheegas para uma Bibliografia Infantil* cita a versão de 1883, editada por Salomon Saragga e impressa em Paris. Monteiro Lobato publica, em 1934, a obra *Contos de Grimm*, constituída por 11 contos, dentre eles “Branca

de Neve”. A personagem também aparece na obra de Lobato, em *Reinações de Narizinho*, de 1931. A história de Branca de Neve e os sete anões teve sua versão para o cinema. Foi o primeiro longa-metragem de animação da história, feito pela Walt Disney, em 1937.

As princesas Rosa Branca e Rosa Vermelha. Personagens do conto “Schneeweisschen und Rosenrot” presente na obra *Kinder unde Hausmärchen* (Contos da Criança e do Lar), dos irmãos Grimm, de 1812. Monteiro Lobato publica, em 1934, a obra *Contos de Grimm*, constituída por 11 contos, dentre eles “Branca de Neve e Rosa Vermelha”.

As princesas Rosa Branca e Rosa Vermelha também aparecem como personagens na obra de Lobato, em *Reinações de Narizinho*, de 1931.

Pessoal das “Mil e Uma Noites” (Príncipe Codadade, seu mordomo Abude; Xerazada; Ali Babá e os quarenta ladrões; o gênio e Aladino). As principais edições árabes do livro são: a de Breislau (1825 – 1843), a de Bulaq (1835), a segunda edição de Calcutá (1839 – 1842) e a edição de Leiden (1984). *As mil e uma noites* data do final do século XV ou início do século XVI, mas a obra só se tornou conhecida no Ocidente no século 18, graças ao francês Antoine Galland, que traduziu para o francês *As mil e uma noites*, em 1704.

Xerazada e alguns heróis das “Mil e Uma Noites” também aparecem como personagens na obra de Lobato, em *Reinações de Narizinho*, de 1931.

A história também tem sua versão em filme, “Aladdin”, realizada pela Walt Disney em 1992.

Peter Pan; os meninos perdidos do “País do Nunca”; Capitão Gancho; o crocodilo; os piratas e os índios da Pantera Branca. Personagens da obra *Peter Pan and Wendy*, de James Barrie, publicada em 1911. Monteiro Lobato, em 1930, publica *Peter Pan*, uma adaptação da obra de Barrie. O personagem também aparece na obra *Reinações de Narizinho*, de 1931 e *Memórias da Emília*, de 1936.

A história do menino que não queria crescer teve sua versão em filme em 1942, pela Paramount Pictures.

Alice, do “país das Maravilhas”; Twiddledum; o Gato Careteiro; o Coelho Branco e a Tartaruga. Personagens da obra de Lewis Carroll, de 1862. Monteiro Lobato publica, em 1931, *Alice no país das maravilhas*, uma tradução e adaptação da obra de Carroll. A história de Alice teve sua versão para o cinema através da versão animada, em longa-metragem, da Walt Disney, em 1951.

La Fontaine. (1621 – 1695) Fabulista francês nascido em Château-Thierry, na região de Champagne, transformado em personagem na obra *Reinações de Narizinho*, de 1931. Peninha, um personagem invisível, leva, através do pó de pirlimpimpim, Emília, Pedrinho e Narizinho para o Mundo das Maravilhas, onde conhecem e conversam com o autor de diversas fábulas.

Esopo. Fabulista grego nascido na Frígia, no ano de 620 a.C., também transformado em personagem na obra *Reinações de Narizinho*, de 1931. Em visita ao Mundo das Maravilhas, Emília, Pedrinho, Narizinho e La Fontaine conversam com Esopo.

Barão de Münchhausen. Existem duas versões escritas das aventuras do Barão de Münchhausen. Rudolf Erich Raspe, autor alemão, escreve em inglês e publica anonimamente o volume, com 17 narrativas, intitulado *Baron Münchhausen's Narrative of his Marvellous Travels and Campaigns in Rússia*, em 1785. Em 1786, o alemão Gottfried August Burger publica *Wundersame Reisen zu Wasser und zu Lande, Feldzüge und lustige Abenteuer des Freyherrn von Münchhausen*. No Brasil, sua história ficou conhecida através da tradução de Carlos Jansen e adaptação de Figueiredo Pimentel em *Aventuras do celeberrimo barão de münchhausen*, de 1891. O personagem também aparece na obra *Reinações de Narizinho*, de 1931.

Dom Quixote, Rocinante e Sancho Pança. Miguel de Cervantes Saavedra publica em 1605 a primeira parte de *El ingenioso hidalgo Don Quijote de la Mancha* e em 1615, a segunda parte. A obra *D. Quixote de la Mancha*, de 1901, é uma tradução, de Carlos Jansen, e adaptação, de Figueiredo Pimentel, da história de Cervantes. Monteiro Lobato faz uma adaptação da história em seu livro *Dom Quixote das Crianças*, de 1936.

Todos da fábula grega (Quimera; Medusa; o Rei Midas; Belerofonte; Pégaso; Cupido; sereias; ninfas; náíadas (ninfas da água); Netuno; os Centauros; o Minotauro; a Esfinge; Prometeu, a Hidra de Lerna; Perseu; Aquiles; Jasão; Midas; as semideusas gregas; as doze musas; as três Graças; Filomela (deusa dos rouxinóis); Pomona (ninha que presidia ao jardins e pomares); Perene; Psique; Penélope; Fênix; Mitra, da Pérsia – personificação do sol; Niorde, espécie de Netuno da Escandinávia; Tisbe, da Babilônia, que causou sem querer a morte de seu marido; o semideus Sileno). O poema mitológico de Hesíodo, “Teogonia” (do grego *theos*, deus + *genea*, origem), do séc. VIII a.C., trata da gênese dos deuses, descreve a origem do mundo, os reinados de Cronos, Zeus e Urano, e a união dos mortais aos deuses, desta forma nascendo os heróis mitológicos. Willian Caxton publicou uma seleção de lendas gregas em 1474.

Os personagens da mitologia grega também aparecem na obra de Lobato, em *Reinações de Narizinho*, de 1931; em *O Minotauro*, de 1939 e em *Os Doze Trabalhos de Hércules*, de 1944.

Príncipe Escamado, do Reino das Águas Claras e toda sua corte, Dona Aranha costureira, Doutor caramujo e Major Agarra. Personagens que vivem no Reino das Águas Claras, localizado no fundo do ribeirão que passa no sítio de Dona Benta. O príncipe Escamado e todos os habitantes de seu reino aparecem na primeira obra infantil de Monteiro Lobato *A Menina do narizinho arrebitado*, de 1920 e reaparecem em *Reinações de Narizinho*, de 1931.

Peninha. Personagem invisível que aparece em *Reinações de Narizinho*, de 1931. Seu nome surge da idéia de Pedrinho de amarrar, na testa do personagem, uma linha com uma pena, para que ele possa ser encontrado mais facilmente. É ele quem dá à Emília, Pedrinho e Narizinho o pó de pirlimpimpim e os leva para conhecer o Mundo das Maravilhas.

4. BIBLIOGRAFIA

ALVAREZ, Reynaldo Valinho. *Monteiro Lobato, escritor e pedagogo*. Rio de Janeiro: Edições Antares, Brasília: INL, 1982.

AZEVEDO, Carmen Lucia et alii. *Monteiro Lobato: furacão na Botocúndia*. São Paulo: Ed. SENAC-SP, 1997.

BRERO, Caroline Elizabeth. *A recepção crítica das obras “A menina do narizinho arrebitado” (1920) e “Narizinho arrebitado” (1921)*. Tese de Mestrado em Crítica e História Literária defendida na Universidade Estadual Paulista – UNESP, em 2003.

BIGNOTTO, Cilza Carla. *Personagens infantis das obras para crianças e das obras para adultos de Monteiro Lobato: convergência e divergência*. Tese de mestrado em Teoria Literária defendida no Instituto de Estudos da Linguagem (IEL) da Unicamp, em 1999.

BOSI, Alfredo. *História concisa da literatura brasileira*. São Paulo: Cultrix, 1972.

CAMPOS, André Luiz Vieira de. *A república do picapau amarelo: uma leitura de Monteiro Lobato*. São Paulo: Martins Fontes, 1986.

CAMARGO, Luís. *Encurtando o caminho entre texto e ilustração: homenagem a Angela Lago*. Tese de Doutorado em Teoria e História Literária defendida no Instituto de Estudos da Linguagem (IEL) da Unicamp, em 2006.

CANDIDO, Antonio; CASTELLO, José Aderaldo. *Presença da literatura brasileira – II*. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1972.

CAVALHEIRO: Edgar. *Monteiro Lobato: vida e obra*. São Paulo: Cia. Editora Nacional, 1955.

COELHO, Nelly Novaes. *Panorama Histórico da Literatura Infantil/Juvenil: Das Origens Indo-Européias ao Brasil Contemporâneo*. 4. ed. Revista. São Paulo: Ática, 1991.

_____. *A Literatura Infantil: História – Teoria – Análise (Das origens orientais ao Brasil de hoje)*. 2.ed. São Paulo: Quíron, 1982.

DANTAS, Paulo. (org.). *Vozes do tempo de Lobato*. São Paulo, Traço, 1982.

EDREIRA, Marco Antônio. *À Caça do Sentido - práticas de leitura de leitores de Monteiro Lobato: um estudo de cartas infanto-juvenis (1926-1946)*. Tese de mestrado defendida na Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo - USP, em 2003.

FORSTER, E. M. *Aspectos do Romance*. Trad. Maria Helena Martins. Porto Alegre: Globo, 1969.

KOSHIYAMA, Alice Mitika. *Monteiro Lobato: intelectual, empresário, editor*. São Paulo: T. A. Queiroz, 1982.

LAJOLO, Marisa. *Monteiro Lobato: um brasileiro sob medida*. São Paulo: Moderna, 2000.

_____. *Monteiro Lobato: A modernidade do contra*. São Paulo, 1985.

_____; ZILBERMAN, Regina. *Literatura infantil brasileira: História & Histórias*. 6.ed. São Paulo: Ática, 2004.

LOBATO, Monteiro. *A barca de Gleyre v. I e v. II*. São Paulo: Brasiliense, 1946.

_____. *O Escândalo do Petróleo e Ferro*. São Paulo: Brasiliense, 1946.

_____. *Cidades Mortas*. São Paulo: Brasiliense, 1946.

_____. *Mundo da Lua e Miscelânea*. São Paulo: Brasiliense, 1946.

_____. *A Chave do Tamanho*. São Paulo: Brasiliense, 1947.

_____. *O Minotauro*. São Paulo: Brasiliense, 1947.

_____. *Viagem ao Céu e O Saci*. São Paulo: Brasiliense, 1947.

_____. *O Poço do Visconde*. São Paulo: Brasiliense, 1947.

_____. *Conferências, artigos e crônicas*. São Paulo: Brasiliense, 1959.

_____. *Reinações de Narizinho*. 5.ed. São Paulo: Brasiliense, 1973.

_____. *Caçadas de Pedrinho*. 5.ed. São Paulo: Brasiliense, 1973.

_____. *O Picapau Amarelo*. 5.ed. São Paulo: Brasiliense, 1973.

_____. *Prefácios e Entrevistas*. São Paulo: Brasiliense, s/d.

_____. *Urupês*. São Paulo: Brasiliense, s/d.

MANGUEL, Alberto; GUADALUPI, Gianni. *Dicionário de Lugares Imaginários*. Trad. Pedro Maia Soares. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

MARTINS, José de Souza. *A Imigração e a Crise do Brasil Agrário*. São Paulo: Pioneira, 1973.

MOISÉS, Massaud. *Dicionário de Termos Literários*. São Paulo: Cultrix, 1979.

NUNES, Cassiano. *Novos estudos sobre Monteiro Lobato*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1998.

PASSIANI, Enio. *Na trilha do Jeca: Monteiro Lobato e a formação do campo literário no Brasil*. São Paulo: EDUSC, 2003.

PENTEADO, J. Roberto Whitaker. *Os filhos de Lobato: o imaginário infantil na ideologia do adulto*. Rio de Janeiro: Quality Mark/Dunya Ed., 1997.

PERROTTI, Edmir. *O texto sedutor na literatura infantil*. São Paulo: Ícone, 1986.

PETRONE, Maria Thereza Schorer. *O imigrante e a pequena propriedade (1824 – 1930)*. São Paulo: Brasiliense, 1984.

PLATÃO. *A República*. Série Clássicos, Bauru: Edipro, 1994.

ROCHA, Ruth (org.). *Monteiro Lobato*. São Paulo: Abril Educação, 1981.

SANDRONI, Laura. *De Lobato a Bojunga: as reações renovadas*. Rio de Janeiro: Agir, 1987.

SILVA, Raquel Afonso. Primeiro Relatório Fapesp de Iniciação Científica (Mimeo), 2004.

VALENTE, Thiago Martins. *Uma Chave para “A Chave do Tamanho”, de Monteiro Lobato*. Tese de Mestrado em Literatura e Sociedade defendida na Universidade Estadual Paulista – UNESP, em 2004.

VASCONCELLOS, Zinda Maria Carvalho de. *O universo ideológico da obra infantil de Monteiro Lobato*. São Paulo: Traço, 1982.

VIEIRA, Adriana Silene. *Um Inglês no Sítio de Dona Benta: Estudo da apropriação de Peter Pan na obra infantil lobatiana*. Tese de mestrado em Teoria Literária defendida no Instituto de Estudos da Linguagem (IEL) da Unicamp, em 1999.

YUNES, Eliana. *Presença de Monteiro Lobato*. Rio de Janeiro: Divulgação e Pesquisa, 1982.

ZILBERMAN, Regina. *A literatura infantil na escola*. 4.ed. rev. e ampl. São Paulo: Global, 1985.

_____. *Como e por que ler a Literatura Infantil Brasileira*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2005.

_____. (org.). *Atualidade de Monteiro Lobato: uma revisão crítica*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1983.

_____; CADEMARTORI, Lígia. *Literatura infantil: autoritarismo e emancipação*. 3.ed. São Paulo: Ática, 1987.

_____; LAJOLO, Marisa. *Um Brasil para crianças: para conhecer a literatura infantil brasileira: histórias, autores e textos*. 4.ed. São Paulo: Global, 1986.

MORUS: Utopia e Renascimento. Campinas, vol.1, n.2, 2005.